



**UNIVERSIDADE CATÓLICA DO SALVADOR**  
**SUPERINTENDÊNCIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO**  
**MESTRADO EM FAMÍLIA NA SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA**

**WANDERLENE CARDOZO FERREIRA REIS**

**POÉTICO, AFETIVO E SEMIÓTICO:  
O SIGNIFICADO DE QUINTAL EM NARRATIVAS  
DE DUAS GERAÇÕES DE FAMÍLIAS**

**Salvador  
2015**

**WANDERLENE CARDOZO FERREIRA REIS**

**POÉTICO, AFETIVO E SEMIÓTICO:  
O SIGNIFICADO DE QUINTAL EM NARRATIVAS  
DE DUAS GERAÇÕES DE FAMÍLIAS**

Dissertação apresentada ao Mestrado em Família na Sociedade Contemporânea da Universidade Católica do Salvador, como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre.

Orientadora: Prof. Dra. Ana Cecília de Sousa B. Bastos

**Salvador  
2015**

UCSAL. Sistema de Bibliotecas

R375 Reis, Wanderlene Cardozo Ferreira.  
Poético, afetivo e semiótico: o significado de quintal em narrativas  
de duas gerações de famílias/ Wanderlene Cardozo Ferreira Reis.– Salvador,  
2015.  
172 f.

Dissertação (mestrado) - Universidade Católica do Salvador.  
Superintendência de Pesquisa e Pós-Graduação. Mestrado em Família na  
Sociedade Contemporânea.  
Orientação: Profa. Dra. Ana Cecília de Sousa B. Bastos.

1. Quintal - Significados 2. Afetividade 3. Família - Século XXI -  
Salvador – Bahia I. Título.

CDU 316.356.2(813.8)

**TERMO DE APROVAÇÃO**

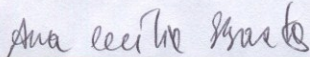
**Wanderlene Cardozo Ferreira Reis**

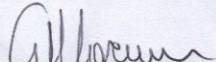
**“POÉTICO, AFETIVO E SEMIÓTICO: o significado de quintal em narrativas de duas gerações de família.”**

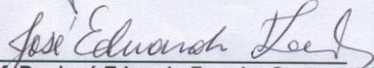
Dissertação aprovada como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Família na Sociedade Contemporânea da Universidade Católica do Salvador

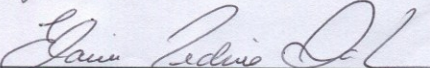
Salvador, 18 de novembro de 2015.

Banca Examinadora:

  
Profª Drª Ana Cecília de Sousa Bastos - UCSal  
Orientador (a)

  
Profª Drª Giuseppina Marsico – Universidade de Salerno.

  
Prof. Dr. José Eduardo Ferreira Santos - UFBA

  
Profª Drª Elaine Pedreira Rabinovich – UCSal

*Dedico este trabalho a todos os meus alunos e alunas, que ao me falarem dos seus quintais, me despertaram das memórias mais ternas e adormecidas da minha infância.*

## **AGRADECIMENTOS**

Tenho imensa admiração por uma pessoa maravilhosa e muito iluminada chamada Ana Cecília de Sousa Bittencourt Bastos, minha querida orientadora, por ser uma pessoa dotada de uma natureza calma e serena, transmitiu-me a paz e a tranqüilidade, dos quais eu muito precisava, para seguir este percurso acadêmico, meus sinceros agradecimentos por todas as oportunidades e pela confiança depositada em mim, sem os quais eu não chegaria até aqui.

À queridíssima professora, “xamã” e co-orientadora Elaine Pedreira Rabinovich, pelos conselhos, referências e demais instrumentos científicos e literários que me possibilitaram escrever esta dissertação, além do carisma, da alegria, que com certeza eleva a autoestima de todos à sua volta, meus sinceros agradecimentos.

Agradeço também à Professora Giuseppina Marsico, a querida Pina, por ter me dado a honra e alegria de ter composto a minha banca de qualificação e que, pelo incansável acompanhamento na realização do meu Projeto, tendo feito uma leitura cuidadosa do mesmo, teceu preciosas críticas que contribuíram para o avanço do estudo.

Ao queridíssimo e (conterrâneo do Subúrbio), Dr. José Eduardo Ferreira Santos, carinhosamente Dinho, a quem, pela simplicidade do ser, mas uma grandiosidade do dizer/saber sobre as coisas da gente, devo-lhe meus sinceros agradecimentos.

Ao Profº Dr. Márcio Santana que colaborou para o entendimento dos conceitos teóricos aqui abordados e pelo seu modo generoso de compartilhar seus saberes, por quem tenho grande admiração.

Também agradeço a todos os mestres que sabiamente souberam conduzir o curso, com grande generosidade, cederam o seu valioso tempo a mim, se dedicando às leituras de algumas construções esboçadas sobre a temática dos quintais.

A todos os colegas e professores que participaram do Workshop Psicologia Cultural no mês de abril de 2015, organizado pela professora Dra. Ana Cecília de Sousa B. Bastos, e realizado na Ucsal. Obrigada pela efetividade da relação com o processo de construção do conhecimento.

Ao professor Luca Tateo, quando em visita à disciplina ministrada por Pina, teceu valiosíssimas críticas construtivas ao meu trabalho, das quais me senti profundamente honrada, por tão ilustre participação.

Minha gratidão especial vai para todos os meus colegas dos grupos de pesquisa CONTRADES (Ufba) e FABESP (Ucsal) pelo constante compartilhar de conhecimentos e apoios mútuos. Sem vocês o meu fardo teria ficado mais pesado. Também, agradeço em especial, às colegas e amigas Indiara, Joana e Angélica Coutinho, por terem compartilhado os momentos de alegrias e tristezas, durante as jornadas acadêmicas.

À Ana Carla e Luciana, da Secretaria do Curso, e a Márcia, do Comitê de Ética, que com uma incrível paciência, não me deixaram perdida pelos corredores da Instituição.

Aos membros da família participante, que abriram as portas e portões da sua casa e me permitiram vivenciar um pouco das delícias e aventuras do seu quintal, sem eles eu não teria chegado até aqui.

Na esfera familiar, agradeço à minha irmã Margleide Geórgia por ter me contado suas experiências nos quintais da infância e vida adulta, me ativando boas e más lembranças que com certeza nos fizeram crescer e ser quem somos hoje, além de enriquecer este trabalho. Agradeço especialmente ao meu marido Amilton, e também, participante desta pesquisa, que com toda a paciência, amor e dedicação, possibilitou que eu enfrentasse a árdua tarefa da pesquisa, inerente à complexidade teórico-prática do objeto de estudo. Neste sentido, agradeço também aos meus queridos irmãos e irmãs, especialmente à Wandelson e Cacilda pelo apoio indireto nas horas de angústias e incertezas, que através de uma visão humorística da vida souberam disseminar certezas e coragem para que eu pudesse enfrentar o sofrido caminho da produção científica e à Priscila, que, com suas habilidades de geógrafa, participou elaborando um mapa original do Subúrbio de Salvador. Aos meus queridos pais Orlando e Anelice, eminentes fãs e admiradores de todo o meu percurso acadêmico e profissional. E aos meus amados filhos Júnior e Mateus que faz meus dias serem mais felizes, tenho muito orgulho de vocês.

Obrigada!

REIS, Wanderlene Cardozo Ferreira. **Poético, Afetivo e Semiótico**: O significado de quintal em narrativas de duas gerações de famílias. 172 f. Dissertação (Mestrado) - Mestrado em Família na Sociedade Contemporânea. Universidade Católica do Salvador (UCSAL), Salvador, 2015

## RESUMO

Alguns aspectos justificam a necessidade de se estudar a permanência de quintais nas grandes cidades: a) os quintais remanescentes constituem recursos icônicos e simbólicos importantes para socialização e transmissão de cultura para as famílias e seus descendentes; portanto, são ambientes de desenvolvimento; b) os quintais poderão ser a chave de acesso a um conhecimento mais profundo da vida dos sujeitos, resgatando memórias relevantes num mundo cada vez mais superficial, automatizado e sem afeição; e c) pelas lacunas observadas nos estudos que tratam sobre este tema, quanto ao foco sobre a subjetividade. Assim, o presente trabalho teve como objetivo, investigar os significados atribuídos aos quintais em narrativas de diferentes gerações de famílias residentes em áreas urbanas no século XXI, na cidade de Salvador, Bahia. O presente estudo classifica-se claramente como uma abordagem etnográfica e autoetnográfica. Nos processos simbólicos, destacaram-se as diferentes formas pelas quais a pessoa se identifica com o seu entorno, valoriza e preserva o lugar, mediante processos afetivos que estão relacionados à atração pelo lugar, - o quanto este é “afetivado” e lhe proporciona bem estar pessoal. O quintal é composto e modelado por seus moradores com base nos significados por estes atribuídos ao lugar. Portanto, é um micro sistema construído pelas pessoas que vivem nele. Trata-se de um espaço cultural que depende das avaliações, primeiramente afetivas e depois cognitivas, pois parece estar associado, na perspectiva dos participantes, ao desejo de liberdade, de solidariedade e de amor. O cuidado com o quintal e o sentimento a este dispensado estiveram presentes em todas as faixas etárias estudadas, o que constitui uma descoberta importante. Diferentemente dos quintais agrofloretais, estudados por diversos autores apresentados, os quintais urbanos contribuem muito pouco para a alimentação dos membros das famílias. Contudo, esse processo não se refletiu no desuso do mesmo, visto que outros significados semióticos, de caráter mais afetivo, possibilitaram que o mesmo passasse a se constituir como “espaço biográfico”.

**Palavras-chave:** Quintal. Significados. Afetividade.



REIS, Wanderlene Cardozo Ferreira. **Poetic, Affective and Semiotic: The backyard of meaning in narratives of two generations of families.** 172 f. Thesis (MA) - MA in Family in Contemporary Society. Catholic University of Salvador (UCSAL), Salvador, 2015

### **ABSTRACT**

Some aspects justify the need to study the permanence of backyards in the big cities: a) the remaining yards are important iconic and symbolic resources for socialization and transmission of culture to families and their descendants; so they are development environments; b) the yards may be the key to access to a deeper knowledge from the subjects' life, rescuing relevant memories in an increasingly perfunctory world, automated and without affection; and (c) by the gaps observed in studies dealing with this topic, regarding the focus on subjectivity. Thus, the present study aimed to investigate the meanings assigned to backyards in narratives of different generations of families living in urban areas in the 21st century, in the city of Salvador, Bahia. The present study clearly ranks as an ethnographic and autoethnographic approach. On the symbolic processes, the different ways highlighted in which the person identifies itself with its surroundings, values and preserves the place by affective processes that are related to the attraction to the place-how this is "effected" and gives its personal well-being. The backyard is composite and modeled by its residents on the basis of these meanings attributed to the place. Therefore, it is a micro system built by the people who live in it. It is a cultural space that depends on the reviews, first, and then cognitive affective, because it seems to be associated, in the participants' perspective, the desire for freedom, solidarity and love. The care given to the yard and the feeling dispensed with it were present in all age groups assessed, what constitutes an important finding. Differently from the agroforestry backyards, studied by various authors submitted, the urban backyards contribute very short for feeding households' members. However, this process was not reflected in the disuse of itself, since other semiotic meanings, most affective character, enabled it to constitute like a "biographical space".

**Keywords:** Backyard. Meanings. Affectivity.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

|   |     |
|---|-----|
| Figura 1 – Grupo de vizinhos reunidos numa rua do bairro de Plataforma-Salvador/Ba, Brasil.....   | 37  |
| Figura 2 – Mapa do subúrbio ferroviário de Salvador.....  | 50  |
| Figura 3 – Plantando Mastruz.....   | 58  |
| Figura 4 – Vista da casa e parte do quintal (lado esquerdo) .....   | 74  |
| Figura 5 – Parte do Quintal (Fundo) .....   | 75  |
| Figura 6 – Parte do quintal (Frente) – Há uma piscina em ruínas; uma velha mangueira; uma goiabeira e bananeira.....  | 76  |
| Figura 7 – Parte do quintal (lado direito). São cultivados, principalmente, o boldo (A), a cidreira (B) e o capim santo (C) .....                                   | 76  |
| Figura 8 – Parte Do Quintal (Frente) Da Casa De Dona Leonor .....   | 81  |
| Figura 9 – Parte do quintal (lado esquerdo) da casa de Leonor. Cozinha (a), a casa do cachorro (b) e o local onde os moradores guardam as ferramentas e frutas..... | 84  |
| Figura 10 – Rua em Itacaranha, próxima à Praia de Itacaranha.....   | 91  |
| Figura 11 – Vista parcial do Bairro de Itacaranha. Parte entrecortada pela Avenida Afrânio Peixoto.....   | 91  |
| Figura 12 – Isabele Cidreira lendo historinhas infantis .....   | 94  |
| Figura 13 – Isabele Cidreira desenhando o quintal.....  | 95  |
| Figura 14 – Desenho do quintal feito por Isabele.....   | 96  |
| Figura 15 – Desenho de Pedro .....  | 97  |
| Figura 16 – Pedro no quintal. Participando do piquenique .....  | 98  |
| Figura 17 – quintal da casa de Gleide (térreo). Um pé de coqueiro e o varal de roupas.....  | 105 |
| Figura 18 – Jogo “triângulo”. Brincando com as bolinhas de gude.....  | 112 |
| Figura 19 – planta do jogo “buraco” para jogar com bolinhas de gude.....  | 115 |
| Figura 20 – Quintal da 2ª casa. Junior – 6 anos, brincando de bicicleta.....  | 119 |
| Figura 21 – O quintal da 3ª casa, guardando material de construção .....  | 120 |
| Figura 22 – o quintal abandonado da 3ª casa.....  | 121 |
| Figura 23 – O quintal da 3ª casa, usado como depósito.....  | 122 |
| Figura 24 – Modelo de entrelaçamento entre os sujeitos afetivo-cognitivo e o ambiente, no tempo irreversível .....  | 144 |

## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

|           |  |
|-----------|--|
| UCSAL     | Universidade Católica do Salvador                                  |
| CECA      | Colégio Estadual Clériston Andrade                                 |
| UFBA      | Universidade Federal da Bahia                                      |
| CONTRADES | Contextos e Trajetórias de Desenvolvimento em Realidades Culturais |

## SUMÁRIO

|   |           |
|---|-----------|
| <b>1 INTRODUÇÃO</b> .....   | <b>12</b> |
| 1.1 APRESENTAÇÃO .....  | 12        |
| 1.2 O DESAFIO DE ESCREVER SOBRE MEMÓRIAS .....  | 15        |
| 1.3 E O COMEÇO.....   | 18        |
| 1.4 O NÓS E OS OUTROS .....   | 22        |
| 1.5 OS SIGNOS MEDIANDO AS INTERAÇÕES .....  | 22        |
| 1.6 O DOCE SABOR DA MANGA: OS QUINTAIS COMO DEMARCADORES<br>DE RESISTÊNCIAS.....                    | 24        |
| 1.7 A FAMÍLIA E SEU MODO DE MORAR E PARTILHAR .....   | 27        |
| 1.8 A CASA, A RUA E O QUINTAL COMO DEMARCADORES DE<br>IDENTIDADES .....                             | 32        |
| 1.9 OBJETIVOS DA PESQUISA.....  | 40        |
| <br>  |           |
| <b>2 A FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA</b> .....  | <b>42</b> |
| 2.1 O PAPEL DA CULTURA NA ABORDAGEM CULTURAL SEMIÓTICA .....  | 42        |
| 2.2 A NARRATIVA NO PROCESSO DE ADAPTAÇÃO AO MEIO.....   | 45        |
| 2.3 O PROCESSO DE <i>AFFECTIVATION</i> E AS FRONTEIRAS OBJETIVAS E<br>SUBJETIVAS .....              | 46        |
| <br>  |           |
| <b>3 O LOCAL DO ESTUDO E O RECORTE METODOLÓGICO</b> .....   | <b>50</b> |
| 3.1 UMA FOTOGRAFIA QUE SE APRESENTA: OS BAIRROS DE<br>PLATAFORMA E ITACARANHA .....                 | 50        |
| 3.2 O RECORTE METODOLÓGICO .....  | 53        |
| <b>3.2.1 Os Procedimentos Metodológicos e Suas Bases Teóricas</b> .....                             | <b>54</b> |
| <b>3.2.2 Entre o cheiro da hortelã e o Gosto da Banana: a Escolha do Quintal<br/>Estudado</b> ..... | <b>59</b> |
| <b>3.2.3 E eu com isso? Viagem autoetnográfica em quintais</b> .....                                | <b>60</b> |
| <b>3.2.4 Entre um gole de suco de acerola e uma narrativa</b> .....                                 | <b>61</b> |
| <b>3.2.5 E não se pode esquecer os aspectos éticos</b> .....  | <b>63</b> |
| <b>3.2.6 A análise dos dados</b> .....  | <b>64</b> |
| <br>  |           |
| <b>4 E FINALMENTE AS HISTÓRIAS...</b> .....   | <b>68</b> |
| 4.1 O INDIVÍDUO NO ESPAÇO E NO TEMPO .....  | 68        |
| <b>4.1.1 Doces Lembranças: Os quintais de José Cidreira</b> .....                                   | <b>69</b> |

|  |            |
|--|------------|
| 4.1.2 Ah! eu tive infância: Os quintais de Leonor Cidreira .....   | 80         |
| 4.1.3 Um lugar ao sol: os quintais de Ícaro Cidreira .....   | 87         |
| 4.1.4 Um lugar para brincar e ser feliz: os quintais das crianças Cidreira .....   | 93         |
| 4.1.5 As cicatrizes da alma: os quintais de Gleide Ferreira .....  | 98         |
| 4.1.6 Saudades do Pé de Fruta-Pão: Os quintais de Sales .....  | 106        |
| 4.1.7 O quintal do menino que não tem mais quintal .....   | 110        |
| 4.1.8 Meus quintais: as narrativas de uma pesquisadora que teve quintais ...   | 113        |
| 4.2 A FAMÍLIA E O ESPAÇO .....   | 123        |
| 4.2.1 Caracterização das famílias .....  | 125        |
| 4.2.2 Primeiro núcleo temático: significados de quintal para as famílias .....   | 128        |
| 4.2.3 Segundo núcleo temático: o papel dos outros significativos no processo<br>topofílico dos quintais .....  | 131        |
| 4.3 ALGUMAS CONSIDERAÇÕES FINAIS SOBRE OS DIVERSOS<br>SIGNIFICADOS ATRIBUÍDOS AOS QUINTAIS EM NARRATIVAS DE<br>DIFERENTES GERAÇÕES DE FAMÍLIAS ..... | 137        |
| 4.4 EU TE AFETO, TU ME AFETAS, ELE ME AFETA: A CONSTRUÇÃO<br>AFETIVA DOS QUINTAIS .....  | 139        |
| <b>5 CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>  | <b>145</b> |
| <b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....</b>  | <b>149</b> |
| <b>APÊNDICES .....</b>   | <b>163</b> |
| APÊNDICE A – TERMO DE CONSETIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO .....   | 163        |
| APÊNDICE B – TERMO DE ASSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO .....   | 165        |
| APÊNDICE C – ROTEIRO DE ENTREVISTAS 1 - QUESTIONÁRIO<br>SOCIODEMOGRÁFICO COM A MÃE E O PAI .....   | 167        |
| APÊNDICE D – ROTEIRO DE ENTREVISTAS 2 - QUESTIONÁRIO<br>SOCIODEMOGRÁFICO COM O FILHO ADOLESCENTE .....   | 168        |
| APÊNDICE E – ROTEIRO DE ENTREVISTAS 3 - QUESTIONÁRIO<br>SOCIODEMOGRÁFICO COM O FILHO (CRIANÇA) .....   | 169        |
| APÊNDICE F – ROTEIRO TEMÁTICO DA ENTREVISTA NARRATIVA .....  | 170        |
| APÊNDICE G – ROTEIRO PARA O PROCESSO DE ANÁLISE .....  | 172        |

# 1 INTRODUÇÃO

## 1.1 APRESENTAÇÃO

Os quintais sinalizam um aspecto único do modo de vida de seus moradores, constituindo-se um espaço anexo à residência que permite uma gama de atividades domésticas e também recreativas. Ainda hoje, em nossas cidades cada vez mais verticalizadas, com imensos arranha-céus, os quintais estão presentes em nosso imaginário, independentemente de sua presença física. Os mais jovens encontram alguma referência a estes espaços na leitura de livros infanto-juvenis, que retratam na maioria das vezes, a liberdade da infância, a aventura e a descoberta de si e do mundo; na música também encontramos alguma referência saudosista a este lugar<sup>1</sup>.

Meu interesse por tal questão surgiu a partir da realização de um projeto interdisciplinar, no ano de 2013, no Colégio Estadual Clériston Andrade, situado no Subúrbio Ferroviário de Salvador-Ba, com os alunos do 2º Ano do Ensino Médio do turno Matutino, onde ministrou aulas da disciplina Sociologia. O Projeto “Hábitos alimentares e suas consequências na saúde dos alunos do Ceca,<sup>2</sup> fazia parte de um projeto maior intitulado “Ciência na Escola”, uma iniciativa da Secretaria de Educação do Estado da Bahia em parceria com as unidades escolares interessadas. Neste período, foi realizada uma pesquisa quantitativa a fim de identificar os tipos de alimentos inseridos nos cardápios das famílias dos alunos participantes, assim também os quintais nas residências dos alunos foram inseridos neste contexto, visando delinear os usos em relação ao cultivo de diversos vegetais e seu consumo na alimentação. Ao final das atividades ficou constatado que 73% das famílias dos participantes mantêm um quintal como parte de suas casas, e, desses, 63,57% manejam plantas nativas para fins medicinal, alimentar e ornamental (REIS, 2015). Então surge o problema: no centro da cidade, há um crescente processo de

---

<sup>1</sup> Milton Nascimento canta diversas músicas, citando os quintais como por exemplo, *Ponta de Areia, Fazenda e Janela para o mundo*. Disponível em <http://www.vagalume.com.br/milton-nascimento/>. Acesso em 20/05/2014.

<sup>2</sup> Ceca é a abreviatura para Colégio Estadual Clériston Andrade.

verticalização das residências e, conseqüentemente, o desaparecimento de espaços anexos, como o quintal, enquanto na periferia isso ainda não ocorre. A partir daí, fiquei interessada em pesquisar os significados que as famílias urbanas da periferia de Salvador atribuem aos seus quintais.

Desta forma, buscando entender o foco na temática em questão – os quintais - parti para um levantamento bibliográfico, o que possibilitou perceber que a maior parte dos estudos está relacionada ao aspecto histórico e etnobotânico e/ou etnoecológicos do uso de quintais, principalmente em áreas rurais, localizadas, principalmente, nas regiões norte e centro-oeste do país<sup>3</sup>. Quanto à abordagem histórica, algumas pesquisas, retratam o uso e vivências que vão desde o período colonial até o século XIX, como, por exemplo, as pesquisas feitas por Jan Maurício Oliveira Van Holthe em 2003<sup>4</sup> e Juliana Loureiro em 2008<sup>5</sup>. Quanto à abordagem etnobotânica e etnoecológica, diversos artigos, dissertações e teses, apontam para o foco utilitário, com o uso de plantas medicinais, fitoterapia, conservação das espécies, agricultura familiar etc. Neste ínterim, podemos ver trabalhos como os de Ana Valéria Lacerda Freitas et al. (2011), Rui Jorge Semedo (2007), Carolina Lopes Moura e Laise de Holanda C. Andrade (2007), dentre outros. No entanto, o papel da subjetividade nas relações indivíduo-espço foi preterido pelos pesquisadores em nosso país.

Ao focalizar o quintal a partir da construção da subjetividade, com análise dos resultados, reuni subsídios para discutir o papel do contexto sociocultural mais amplo nos quais participam os grupos familiares, incluindo minhas próprias vivências em quintais, assim como também, as dos meus familiares. Procurei valorizar o

---

<sup>3</sup> Levantamento realizado no 1º semestre do ano de 2014, em língua portuguesa. Encontrou-se 12 itens relacionados no Domínio Público, incluindo-se artigos, teses e dissertações; no Scielo foram encontrados 33 artigos, relacionados ao cultivo de plantas medicinais, outras espécies alimentares, e históricas; no LILACS, foram encontrados 19 artigos, relacionados principalmente à fitoterapia popular.

<sup>4</sup> Jan Maurício Oliveira Van Holthe é Arquiteto e coordenador dos Laboratórios de Informática da Unifacs, possui mestrado em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade Federal da Bahia. Seu interesse pela História cresceu ainda mais por conta do tema do seu mestrado: A história da arquitetura. Van Holthe já publicou o artigo “Quintais urbanos de Salvador – realidades, usos e vivências no século XIX”.

<sup>5</sup> Juliana Coelho Loureiro é mestre em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade Federal de Alagoas, apresentou, em 2008, a dissertação de Mestrado intitulada *Pelas Entranhas de Olinda- um estudo sobre a formação de quintais*.

quintal como um componente importante para a construção de afetividades e manutenção da cultura tradicional e dos laços de solidariedade entre as pessoas.

A partir da percepção do lugar e da construção deste, por pessoas, quis provocar, através do conjunto das narrativas que obtive durante o estudo, a discussão de valores explícitos ou implícitos dos quintais. Essa discussão se iniciou, a partir do meu próprio reconhecimento do papel dos quintais na minha infância, adolescência e vida adulta. Seguiu por captar a importância dos quintais na vida de meu esposo, filho e uma das irmãs, chegando até a família participante do estudo, composta por moradores do bairro de Itacaranha. Ou seja, identificando os quintais ainda presentes no Subúrbio Ferroviário de Salvador, Bahia e os significados atribuídos a esse lugar, por membros de várias gerações de famílias.

A discussão passa pelo entendimento dos conceitos teóricos, abordados pela Psicologia Cultural Semiótica, empreendida, principalmente por Jaan Valsiner (2012; 2013) e Kevin Carrière (2013), que trazem o conceito de *affectivation* e *affordances*; Jerome Bruner (1990), em sua contribuição a uma psicologia narrativa e, finalmente, por Pina Marsico (2013), que elabora em suas investigações, o conceito de *fronteiras*. Esses construtos teóricos podem nos ajudar a entender os mecanismos semióticos que emergem de nossas percepções e imaginações em relação aos nossos quintais que estão em meio a um campo cultural significativo. Além, de trazer contribuições da Psicologia Ambiental, com os estudos de Rabinovich (1996), Kuhnen et al. (2010) e da Geografia Humana, com Tuan (1986).

O presente estudo, assim, está inserido no CONTRADES, núcleo de pesquisa Contextos e Trajetórias de Desenvolvimento em Realidades Culturais, vinculado ao Grupo de Pesquisa Família, (auto) biografia e poética (pesquisadora), Pós-Graduação em Família e Sociedade Contemporânea, UCSAL e ao Grupo de Pesquisa Desenvolvimento e Contextos Culturais, Pós-Graduação em Psicologia, UFBA. Por se encontrar vinculado a este grupo, também mantém articulação com os pesquisadores/professores Pina Marsico, da Universidade de Salerno, Itália, e Jaan Valsiner e Luca Tateo da Universidade de Aalborg, na Dinamarca, instituição parceira de reconhecida relevância no âmbito dos estudos socioculturais.

Feita as devidas apresentações, convido-os a entrar nos nossos quintais dos subúrbios e do além-mar, da cidade e do interior, onde você poderá se sentir fora estando dentro, ou mesmo, dentro, estando fora. Você escolhe, e pode ir se



‘achegando’; o muro é alto, mas o portão é largo; as cercas de arame farpadas já não existem mais! Mas a cordialidade típica de nossa gente, ainda está á pleno vigor! Não repare uma sujeirinha aqui ou outra ali, o chão é de barro, mas temos variedade de frutas e muita, muita história para contar...

## 1.2 O DESAFIO DE ESCREVER SOBRE MEMÓRIAS

Como resgatar um passado vivido, um presente ainda em gestação e um futuro tão desejado? E por, isso tudo, num trabalho acadêmico? Como escrever um texto poético seguindo as exigências de uma dissertação? Sim, porque falar dos quintais é falar do nascer e morrer das plantas, do desabrochar das flores, do despertar com o canto dos pássaros, da inocência e das peraltices da infância, é inevitável sua conotação poética.

É através das histórias contadas, que as experiências vividas no cotidiano, ganham uma nova tonalidade, pois a lembrança do que já aconteceu está sempre presente no que está acontecendo e influencia o que acontecerá. São exemplos desse fato: lembrar-se do que não tem no armário da cozinha, para ir fazer compras no supermercado, lembrar-se de um endereço para ir a algum lugar, lembrar-se do que já está feito em nosso trabalho para começar outra etapa, etc. Há outras situações em que a memória (lembrança) surge por meio de perguntas que fazemos ou que fazem para nós e que nos remetem ao passado. Em outros momentos, a memória é despertada por um objeto, um cheiro, um sabor, uma situação. Ao utilizar a memória, sempre fazemos um jogo do "agora" com o "ontem" e com o "amanhã", do "aqui" com o "lá".

Valsiner (2012) desenvolveu a ideia de que a “memória é sempre para o futuro”, pois a cada momento de nossa vida precisamos retomar a memória de experiências passadas para alimentar as nossas próximas experiências. Assim,

todos os processos semióticos que a pessoa introduz na própria vida são orientados no sentido de regular e dirigir esse fluxo para alguma direção selecionada no futuro. Seres humanos agem e sentem para o futuro, nessa direção. (VALSINER, 2012, p. 256)

Por mais clara que pareça uma lembrança que temos de fatos passados, não é o mesmo de quando as experienciamos naquele momento vivido, por exemplo, na infância, pois não somos os mesmos, nossas crenças, valores, ideias sofreram alterações significativas ao longo do curso de vida.

Desse modo, a memória, que tanto pode ser individual quanto coletiva, é “um instrumento precioso se desejamos constituir a crônica do cotidiano” (BOSI, 2003, p. 15), e tem um papel significativo nas histórias familiares, pois, está sempre a reatualizar sentimentos e pensamentos. Com isso, é pertinente que se diga algo sobre os estudos que têm se debruçado em entender o papel da memória, na vida dos seres humanos.

#### - O papel da memória individual e coletiva

A história não pode se apoiar apenas nos documentos oficiais, pois estes não dão conta “das paixões individuais”, que pululam em todo canto onde há humanidade (BOSI, 2003, p.15). Tem-se que também contar as histórias de várias Marias e Josés, os que já foram ou os que estão presentes. A memória age assim como um mediador entre os diversos testemunhos, não só entre o passado e presente, mas também, o futuro, - o “vir-a-ser”.

A partir de testemunhos vivos é possível reconstituir comportamentos e sentimentos de um período da vida?

Pela memória podemos reconstituir nosso passado, revivemos experiências e projetamos outras possíveis ou não. Assim, Halbwachs (1990) nos convida a pensar em memória coletiva e individual como dois pontos que se entremeam, se conjecturam a todo instante. Ele exemplifica: não estamos sós com nossas lembranças,

mas nossas lembranças permanecem coletivas, e elas nos são lembradas pelos outros, mesmo que se trate de acontecimentos nos quais só nós estivemos envolvidos, e com objetos que só nós vimos. Não é necessário que outros homens estejam lá, que se distingam materialmente de nós: porque temos sempre conosco e em nós uma quantidade de pessoas que não se confundem. (HALBWACHS, 1990, p. 17)

Por memória coletiva, Halbwachs (1990), explica que se trata do momento em que trazemos à tona fatos e experiências que foram importantes para nosso grupo e

para nós quando nos lembramos, “do ponto de vista desse grupo” (p. 23), e isto se dá, porque somos seres sociais, que nós construímos e reconstruímos nossa realidade junto aos outros. Desse modo, memória individual e memória coletiva são indissociáveis, pois,

em particular se a memória individual pode, para confirmar algumas de suas lembranças, para precisá-las, e mesmo para cobrir algumas de suas lacunas, apoiar-se sobre a memória coletiva, deslocar-se nela, confundir-se momentaneamente com ela; nem por isso deixa de seguir seu próprio caminho, e todo esse aporte exterior é assimilado e incorporado progressivamente a sua substância. A memória coletiva, por outro, envolve as memórias individuais, mas não se confunde com elas. Ela evolui segundo suas leis e se algumas lembranças individuais penetram algumas vezes nela, mudam de figura assim que sejam recolocadas num conjunto, que não é mais uma consciência pessoal. (HALBWACHS, 1990, p. 36)

Pollak (1989, p. 9), expressa a mesma opinião, de que a memória se trata de uma “operação coletiva dos acontecimentos do passado que se quer salvaguardar” que visa reforçar sentimentos de pertencimento. Para Bosi (1994, p. 37), a memória pessoal é “também memória social, familiar e grupal”.

A memória tem um caráter de temporalidade, mas também de espacialidade. Ao lembrarmos, trazemos as imagens ancoradas de um lugar, assim também, como quando estamos em um lugar, podemos evocar lembranças, só possíveis graças a este encontro, - nós e o lugar. Então, não apenas a coletividade detém e reforçam memórias, mas o espaço por nós habitado também. Por isso,

não há memória coletiva que não se desenvolva num quadro espacial. Ora, o espaço é uma realidade que dura: nossas impressões se sucedem uma à outra, nada permanece em nosso espírito, e não seria possível compreender que pudéssemos recuperar o passado, se ele não se conservasse, com efeito, no meio material que nos cerca. É sobre o espaço, sobre o nosso espaço - aquele que ocupamos, por onde sempre passamos ao qual sempre temos acesso, e que em todo o caso, nossa imaginação ou nosso pensamento é a cada momento capaz de reconstruir – que devemos voltar nossa atenção; é sobre ele que nosso pensamento deve se fixar, para que reapareça esta ou aquela categoria de lembranças. (HALBWACHS, 1990, p. 98/99)

Como se pode perceber, neste estudo, as memórias evocadas pelos participantes, se constituirão de material de investigação, que poderá nos levar à compreensão do processo de significação do lugar, chamado quintal.

### 1.3 E O COMEÇO...

Terminada a euforia do fazer pesquisa, de se enternecer com as lembranças, da alegria de ir ao campo, das vivências e descobertas sobre mim, me deparei diante das narrativas e um nó no estômago se apropriou do meu ser. Não tinha outro jeito, era começar a escrever. Então comecei a escrita desta dissertação. As ideias vinham e às vezes eu conseguia agarrá-las, às vezes elas saltitavam para outro quintal, eu tinha que ter paciência, as ideias são como as crianças, adoram brincar de esconde-esconde!

Nestes instantes de reflexão, quem me acudiu foi meu diário de campo. Lá estavam registrados minhas impressões, meus sentimentos e meus desenhos. Não poderia ser difícil escrever, se estava tudo escrito lá e também, se eu tinha as narrativas, pois, não eram simples conjuntos de perguntas e respostas sobre quintais, eram histórias vividas por várias gerações: pais, mães, avós, irmãos e primos.

Descobri que era permitido escrever, me movendo entre o rigor científico e a poética ao estilo bachelardiano. E assim, poder falar de sentimento, de afetividade e de topofilia,<sup>6</sup> como sugeriu Tuan (1980).

Após várias tentativas de escrita, essa aqui apresentada, surge como intuição às duas horas da manhã do dia cinco do mês de outubro.

O espaço e lugar denominado de quintal, já fora objeto de estudo de diversos pesquisadores. Buscando referências iniciais sobre o papel dos quintais na história humana, encontrei uma dissertação e um artigo. A primeira é intitulada “Pelas entranhas de Olinda – um estudo sobre a formação dos quintais, de Loureiro (2008),

---

<sup>6</sup> Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente. Trata-se de um livro escrito pelo geógrafo Yi-Fu Tuan (1980). O autor define o termo topofilia, criado por ele, como “o elo afetivo entre a pessoa e o lugar ou ambiente físico. Difuso como conceito, vívido e concreto como experiência pessoal”. Tuan aborda a relação do homem com o meio ambiente incluindo não apenas a percepção, mas as atitudes e valores que influenciam a própria percepção sobre o meio ambiente. (TUAN, 1980, p. 5)

e o artigo, foi escrito por Van-Holthe em 2003, com o título: Quintais urbanos de Salvador: realidades, usos e vivências no século XIX. Ambos me deram uma visão panorâmica do objeto de estudo, o que se fez necessário, então, buscar outras referências. Atrás de tesouros escondidos, me foi apresentado, pela Dr.<sup>a</sup> Prof<sup>a</sup> Elaine Rabinovich, os textos de Yi-Fu Tuan (1980), que explorou os conceitos de espaço e lugar, e a dimensão afetiva da relação do homem com o ambiente; enquanto isso, a Dr.<sup>a</sup> Prof<sup>a</sup> Ana Cecília Bastos me apresentava uma nova abordagem psicológica, para mim, até então desconhecida, através dos escritos de Jaan Valsiner (2012) sobre a Psicologia Cultural Semiótica, assim também, como a categoria de análise, por ela nomeado de “modos de partilhar.”

Ter encontrado Nikita Kharlamov (2013) com a tese ‘The city as sign’, apresentado pelo Prof<sup>o</sup> Dr. Marcio Santana, foi mesmo um ‘encontro’, onde a emergência dos significados dos lugares, mas especificamente, no meu caso, a casa, a rua, o quintal como resultado da minha experiência desses lugares, na infância e na atualidade, corroboram com as ideias desenvolvidas por este autor e indiretamente, outros autores por ele citados, como Simmel, Mead e Valsiner.

Retornando ao estudo “Pelos entranhas de Olinda – um estudo sobre a formação dos quintais”, Loureiro (2008, p. 156), aponta a necessidade de se fazer uma distinção inicial entre quintais, hortas e jardins. “O quintal pode conter em seu espaço, as hortas e jardins, mas isto não os tornam sinônimos, ou seja, possuem significados distintos”<sup>7</sup>.

A autora, também, acrescenta outro sentido dado ao espaço dos quintais, que está ligado à passagem do tempo, ou seja, as vivências desse espaço envolvem experimentar “o tempo lento do crescimento das plantas, do desenvolvimento dos bichos, o tempo rápido da luz do sol, da chuva, das brincadeiras de criança e nem tão rápido das produções domésticas”. Portanto, o tempo é uma dimensão que, de acordo com Tuan (1983, p. 132), está “implícito em todos os lugares, nas ideias de movimento, esforço, liberdade, objetivo e acessibilidade”.

---

<sup>7</sup> Nas hortas são cultivadas, geralmente, espécies para fins alimentícios e podem ser cultivadas em pequenas fazendas, sítios, chácaras, em áreas livres de edificações das escolas, igrejas etc. Nos jardins são cultivadas espécies diferentes da horta, com utilidades voltadas à estética, situados, geralmente, na frente de casas e outras edificações.

Num sentido mais místico e mítico, o quintal guarda um aparato simbólico que lhe é dado, principalmente, pelas religiões afro-brasileiras, não apenas ligado ao cultivo de ervas e outras plantas ornamentais, mas ao seu uso enquanto espaço de preservação da cultura trazida pelos povos e etnias africanas escravizadas em solo brasileiro; é o que ressalta dos estudos realizados por Van Holthe (2003) e Gomes (2010).

No capítulo sobre “o valor social e cultural dos quintais: costumes, práticas religiosas e superstições”, Van Holthe (2003, p.68), citando Mott (1997), discutem os diferentes *rituais e festas* das principais devoções familiares no século XIX, na Bahia. Por exemplo, nas festas juninas, “os quintais tornavam-se então espaços ideais para as crianças armarem suas fogueiras, soltarem seus fogos de artifícios, suas bombas, seus rojões”. Em Salvador, com maior influência africana, era comum, neste período, o uso dos quintais domésticos para a realização dos rituais do candomblé. Diversas crendices e superstições orientavam a vida cultural das pessoas na cidade. Segue abaixo um pequeno trecho do artigo que expressa algumas crenças populares:

As bananeiras, encontradas com frequência nos quintais de Salvador, por exemplo, são o alvo preferido de muitas mandingas e simpatias caseiras: para o cabelo crescer forte e farto, era aconselhável enfiar no olho do filhote da bananeira as pontas do cabelo recém-cortado, com o propósito semelhante enterrava-se o umbigo dos recém-nascidos ou a própria placenta ao pé da bananeira como forma de garantir o seu crescimento sadio, para conter a hemorragia do parto, bebe-se meio copo da água extraída do talo da bananeira ao mesmo tempo em que se dá um nó na camisa da parturiente e pronuncia-se em voz alta: Fique aí preso até eu soltar. (VIANNA, H., 1988, p. 23 citado por VAN HOLTHE, 2003, p. 69)

Apropriando-me de outras leituras, cheguei ao ponto central do meu estudo, ou seja, buscar captar a dimensão subjetiva do uso dos quintais. Silva (2004) foi esclarecedor, neste sentido. Não que o mesmo tenha se debruçado sobre a questão da subjetividade, mas seu resgate histórico dos usos dos quintais domésticos me levou a perceber que, com a multiplicidade de funções mais objetivas<sup>8</sup>, os quintais

---

<sup>8</sup> Nesse sentido, os quintais são objetos de estudos dos etnobotânicos, como área de cultivo e preservação de plantas importantes para a vida dos ecossistemas.

urbanos guardam certa complexidade se admitida também a sua dimensão subjetiva. Escolhi este percurso porque o ser humano, sendo um animal simbólico, atribui significado e “organiza o espaço e o lugar” onde vive (TUAN, 1983, p. 5).

Diante da abordagem escolhida, fez-se necessário buscar um aporte teórico e metodológico que sustentasse o estudo. Para isso, busquei na Psicologia Cultural Semiótica, baseada nos estudos de Jaan Valsiner, perceber que há uma visão afetivo-cultural do desenvolvimento humano realizados em dois caminhos indissociáveis, ou seja, o individual e o coletivo, que são mediados por signos. Para Valsiner (2012, p. 109), “nós experienciamos o mundo e o significamos por meio de signos”.

E para contar essa história dos quintais domésticos em áreas urbanas, busquei me apropriar dos conceitos elaborados por Jerome Bruner (2004; 1991), e entender as narrativas como processos em que a pessoa organiza a sua experiência e sua memória, principalmente na forma de “narrativa de histórias, desculpas, mitos, razões para fazer ou não fazer” (BRUNER, 1991, p. 5), para cuidar e para amar os outros e o lugar.

Com isso, no presente estudo, busco entender o espaço do quintal como um espaço que favorece as relações entre a construção social do meio e a constituição da subjetividade do sujeito, fomentadas pelos modos como as famílias atribuem significados, organizam os espaços habitados e “partilham” tarefas domésticas.

Algumas definições são importantes para o entendimento de um fenômeno tão complexo como os quintais urbanos, como por exemplo, elucidar o que é do domínio público e privado, visto que, por sua existência física (geográfica), um quintal poderá estar situado num nível intermediário.

Considerarei, neste estudo, para fins de análise dos dados, apenas as dimensões individuais e coletivas, organizadas em categorias e subcategorias, buscando compreender os significados atribuídos aos quintais numa perspectiva cultural e psicológica.

Já explicito anteriormente a natureza complexa do estudo dos quintais urbanos, evidente através dos diversos enfoques aqui apontados, como o recorte etnobotânico, etnoecológico e histórico. A sua complexidade se torna mais explícita, quando se trata de um estudo da constituição da subjetividade e da identidade humana em relação ao lugar.

Como são escassas as pesquisas sobre os quintais urbanos com um enfoque nos aspectos subjetivos e afetivos envolvidos na relação pessoa-espço, este trabalho se torna mais complexo e o arcabouço teórico generalizante se torna mais relevante.

#### 1.4 O NÓS E OS OUTROS

Para falar das memórias de vivências em quintais, e para situar tais vivências no tempo, - experiências passadas e atuais -, busquei como conjunto de dados, os relatos autobiográficos de integrantes de diversas gerações de duas famílias: a primeira, moradora do bairro de Itacaranha, no Subúrbio Ferroviário de Salvador, reúne duas gerações, tendo sido entrevistados: duas crianças, um adolescente, um adulto e um idoso; a segunda, também envolvendo diferentes gerações, é a minha própria família, tendo participado do estudo, uma integrante da minha família de parentesco (irmã adulta), dois integrantes da minha família construída (filho menor e esposo). Trouxe também, as minhas próprias narrativas, na expectativa de analisar os modos como diferentes gerações de famílias, moradoras de bairros do Subúrbio Ferroviário de Salvador, atribuem significados aos quintais das suas casas. Desse modo, o presente estudo classifica-se claramente como uma autoetnografia, aspecto que aprofundarei mais adiante.

#### 1.5 OS SIGNOS MEDIANDO AS INTERAÇÕES

Os termos signos e significados são dois conceitos indissociáveis e de grande importância para o contexto deste estudo, sendo centrais à abordagem semiótico-construtivista da Psicologia Cultural, de inspiração periana, elaborada por Valsiner e colaboradores. Charles Sanders Peirce (1839-1914) desenvolveu um sistema filosófico de caráter semiótico alicerçado pela fenomenologia<sup>9</sup> (SANTAELLA, 2005).

---

<sup>9</sup> “A fenomenologia busca investigar os modos como apreendemos qualquer coisa que se apresente à nossa mente. Qualquer coisa que aparece à nossa mente, qualquer coisa de qualquer tipo, algo simples como um cheiro, uma formação de nuvens no céu, o ruído da chuva, uma imagem em uma revista etc., ou algo mais complexo como um conceito abstrato, a lembrança de um tempo vivido etc., enfim, tudo que se apresenta à mente” (SANTAELLA, 2005, p. 2).



Para Peirce, o conhecimento é derivado de nossa experiência mediata de mundo, - e do meio ambiente -, por meio de signos, a partir de outros conhecimentos já adquiridos de forma mais simples, num processo contínuo, denominado semiose. O signo, na perspectiva peirceana, é qualquer coisa de qualquer espécie que representa outra coisa; “sua natureza é triádica”,<sup>10</sup> ou seja, é analisado em si mesmo, nas suas propriedades internas, no seu poder para significar; na sua referência àquilo que ele indica, se refere ou representa; e nos tipos de efeitos que está apto a produzir nos seus receptores (VALSINER, 2013, p. 95, 2012, p. 39; SANTAELLA, 2005, p. 5).

A importância em estudar e entender os signos deve-se ao fato de que, para Peirce, pensamos somente através de signos. Tomemos por exemplo: alguém faz um desenho da própria casa; ou uma paródia da vida no quintal<sup>11</sup>; ou usa um desenho de uma seta indicando o banheiro mais próximo dentro do shopping, etc. Por isso Santaella (2005, p. xvi), declara que pela incessante construção de signos pelos seres humanos, faz-se cada vez mais “necessário compreender em profundidade como os signos agem”).

Neste sentido, o uso de signos, que, expressos na forma de sentimentos e afetos, permitem à pessoa interpretar o ambiente, ao mesmo tempo, relacionar suas experiências no presente com experiências passadas e expectativas de futuro, de maneira que o espaço em que circula se torna dinâmico e interativo, “que vai evoluindo e se desenvolvendo junto com ela” (MATOS, 2013, p. 28). Por isso, o termo *affectivation*, um neologismo criado por Valsiner (2013), para explicar a relação diádica e afetiva das pessoas com seu meio ambiente e vice-versa, foi, também, um dos conceitos teóricos deste estudo.

Se pensamos através de signos, nos relacionamos com o mundo por meio de um processo contínuo de fabricação de significados. Neste contexto, o significado é entendido como um conceito central, ou seja, está baseado na interpretação do

---

<sup>10</sup> A sign, or *Representamen*, is a First that stands in a such genuine triadic relation to a Second, called its Object, as to be capable of determining a Third, called its *Interpretant*, to assume the same triadic relation to its object in which it stands itself to the same object. The triadic relationship is genuine, that is *its three members are bound together by it in a way that does not consist in any complex of dyadic relation*. (PEIRCE- Collected Works, CP 2.274, emphasis added apud VALSINER, 2013, p. 95).

<sup>11</sup> Ver paródia por mim criada na página 60.

mundo social, um fenômeno culturalmente intermediado que depende da existência prévia de um sistema compartilhado de símbolos (Bruner, 1990).

Desse modo, já aponto a seguir um signo que surge nas pesquisas sobre os quintais urbanos em grandes metrópoles: a resistência.

## 1.6 O DOCE SABOR DA MANGA: OS QUINTAIS COMO DEMARCADORES DE RESISTÊNCIAS

Estou ansiosa para ter um primeiro contato com essa família e este quintal, que só conheço de longe. Vi apenas o muro, parece ser muito grande, tem muitas árvores, pois avistei mangueiras, bananeiras e goiabeiras... (Diário de campo, 2014)

Independente da forte pressão na estrutura urbanística da cidade, que tem levado ao crescente processo de verticalização na arquitetura residencial, a existência de quintais em áreas urbanas, pode ser considerada como uma resistência às formas pós-modernas de moradias.

Os quintais nas grandes metrópoles brasileiras estão resistindo às mudanças urbanísticas nos dias atuais. Tenho visto casas com quintais até no centro da cidade! Por exemplo, avistei algumas casas espremidas entre enormes prédios no bairro de Matatu em Brotas, outras em Ondina, e até no Centro Histórico da cidade!<sup>12</sup>

No entanto, é no subúrbio que está concentrado o maior número de casas com quintais. Segundo Pereira (2014, p. 143), a área que compreende o Subúrbio Ferroviário de Salvador, é caracterizada como uma área com traços de “autoprodução de moradia, através de loteamentos irregulares e de ocupações coletivas de terras que ocorreram a partir de 1940”. Deste modo, sem nenhuma intenção urbanística ou arquitetural, os lotes ocupados nestas áreas, ganham outras características que estão mais relacionadas à cultura das pessoas que os ocuparam,

---

<sup>12</sup> São bairros residenciais, situados no centro da cidade de Salvador, cujo processo de verticalização da arquitetura da cidade, através da construção de enormes prédios, vem modificando a paisagem nestas áreas.

assim, provavelmente, os quintais puderam surgir como mais um aparato simbólico ligados às tradições culturais.<sup>13</sup>

Contudo, apesar da forte resistência dos moradores dessa região na manutenção dos quintais urbanos, concordo com Pasa et. al (2005, p. 196), de que há necessidade de se resgatar o “conhecimento que a população detém sobre o uso de recursos naturais” diante da “marcha da urbanização e das possíveis influências da aculturação”. Por isso, a manutenção dos quintais urbanos torna-se uma questão ambiental, geográfica, cultural e social muito importante para o planejamento ambiental no presente século.

Os quintais remanescentes constituem recursos icônicos e simbólicos importantes para a socialização e transmissão de cultura para as famílias e seus descendentes, portanto, são ambientes de desenvolvimento; além de serem reconhecidos em sua função etnobotânica e etnoecológica, garantindo a sustentabilidade social e econômica de diversas famílias.

Os resultados das pesquisas de Freitas et al (2012) sobre os quintais em um município da área rural do Rio Grande do Norte, apontam para a diversidade de espécies medicinais que são utilizadas pela comunidade, na falta de acesso a medicamentos e assistência à saúde, tendo o quintal grande contribuição neste sentido. Esse conhecimento, em grande parte, foi trazido pelos negros africanos escravizados, principalmente os de origem banto e nagôs, da nação iorubá, como afirma Gomes (2010, p. 62),

(...) os iorubas habitam as florestas do sudoeste do estado da Nigéria e parte da República do Benin, portanto, eram conhecedores das formações florestais tropicais. Correspondem a um dos povos mais importantes da África Ocidental, da África Negra, que imprime grafias importantes nos espaço do Novo Mundo, pois deles se originam manifestações culturais na América, entre essas o culto aos orixás, denominado candomblé, batuque ou Regla em Cuba. Manifestações que têm como princípio mágico as plantas na maioria de seus rituais. Povos pertencentes a tradições antigas e com fortes símbolos de ancestralidade.

---

<sup>13</sup> Van-Holthe (2003), fez uma profunda investigação sobre os quintais em Salvador, e apontou a real importância dos antigos quintais urbanos para a cidade e seus habitantes. Através da descoberta de inúmeras relações com diferentes aspectos da vida local, economia, vida familiar, manifestações culturais e religiosas etc., ele concluiu que, de fato, esses espaços não-edificados da cidade, pelo menos até o século XIX, eram parte integrante e fundamental da sua arquitetura residencial, formando, assim, um conjunto único, inseparável.

Mas, também, o conhecimento do nativo, no caso os indígenas, acerca das ervas curadoras, o cultivo de diversas plantas, ganha relevância nos quintais, tanto nas áreas rurais, quanto nas áreas urbanas, como Loureiro (2008), apontou em seu estudo sobre os quintais em Olinda:

O conhecimento dessas ervas foi, em grande parte, absorvido da cultura indígena e utilizado para cura durante longo tempo. Ainda hoje, seu uso é comum em localidades em que o acesso a remédios e médicos não é fácil. (LOUREIRO, 2008, p. 15)

No entanto, em áreas urbanas, Moura e Andrade (2007), observaram que os quintais têm contribuído mais para ampliar a diversidade estética das áreas livres e menos em relação à alimentação ou ao consumo de um modo geral, como percebido nas áreas rurais. Siviero et al., (2012), também traz outro dado importante em relação à manutenção dos quintais urbanos, eles apontam que os mais velhos têm a probabilidade maior em manter a riqueza das espécies e o tempo de moradia é um fator relevante neste sentido. Doravante, o estudo destes pesquisadores amplia a importância dos quintais urbanos, apontando para a presença de quintais na América Latina, como sugere o excerto abaixo:

Em estudo realizado em diversas localidades na América Latina relata a presença de plantas medicinais na maioria das residências que praticam alguma forma de agricultura urbana que permitem reduzir os gastos das famílias com problemas de saúde. Entre as espécies de plantas medicinais mais utilizadas na agricultura urbana na América do Sul se destacam a babosa (*Aloe vera* L. ex Webb.), o alecrim (*Rosmarinum officinalis* L.), anacahuita (*Schinus molle* L.) e a hortelã (*Mentha* L.) (Santandreu et al., 2010). Alta diversidade de espécies é cultivada nos quintais urbanos, periurbanos e agroflorestais com múltiplas finalidades de uso como artesanal, ornamental, paisagístico, além de proporcionar melhoria do micro clima (sombra), fonte de fibra, uso mágico e, notadamente, as plantas medicinais (Nair, 2004). (SIVIERO et al., 2012, p. 599)

Ainda que grande parte do conhecimento etnobotânico tenha vindo dos negros escravizados, como os estudos já citados, os indígenas brasileiros trazem grande contribuição, tanto no passado como na atualidade. Diversos tipos de cultivos são mantidos pelos indígenas e seus descendentes, em áreas urbanas, principalmente, no Amazonas e no Acre. “São espécies vegetais, entre frutas, hortaliças, medicinais e ornamentais” (PINTO, 2013, p. 57).

Assim, independentemente do tipo de processo de urbanização, a fisionomia de quintais e jardins é moldada por combinações e variações de sua estrutura, função e tamanho (CARNIELLO, et al. 2010; AMOROZO, 2002). Seu conteúdo e seu destino estão firmemente atrelados à sua história, que é a história da família ou famílias que ocuparam o domicílio e refletem situações e experiências vividas por seus membros, e que podem sugerir que há um forte processo de resistência sociocultural numa sociedade. Desta maneira, é de fundamental importância analisar as formas em que as famílias se constituem na atualidade, como resistem às pressões e como se transformam. Para isso, abrirei uma seção especial para apresentar alguns estudos sobre família na contemporaneidade.

### 1.7 A FAMÍLIA E SEU MODO DE MORAR E PARTILHAR

Entende-se que a família, como grupo social primário, desempenha uma função formativa e determinativa no desenvolvimento cognitivo e afetivo do indivíduo e no modo como este se situa e interage na sociedade, mesmo em idade adulta. É através da identificação com os primeiros “outros significativos”, - mãe, pai e demais membros da família e das reações destes ao seu comportamento, que a criança tem seu primeiro contato com o mundo e aprende a desenvolver os papéis e atitudes essenciais para seu processo de socialização (PETRINI, 2003). Para Donati (2008), a família é *relacional* e definida como:

lugar-espaco (a casa), célula da sociedade (por analogia orgânica com o organismo biológico), modelo (padrão simbólico), relação social (isto é, como ação recíproca que implica intersubjetividade e conexões estruturais entre sujeitos).(DONATI, 2008, p. 49)

Ao longo da história brasileira, a família veio passando por transformações importantes, que estão relacionadas às mudanças no contexto socioeconômico e político do país, que acabam interferindo na estrutura familiar, gerando assim mudanças em seu padrão tradicional de organização. Nesse quadro, passam a existir outros modelos de família. Por exemplo, a literatura aponta dados importantes sobre famílias originais, ou seja, a família legitimada pelo casamento com o poder centrado

na figura paterna/marital masculina, onde os pais coabitam em domicílio conjugal, mantendo a mútua assistência econômica, sustento, guarda e educação dos filhos; e as famílias reconstituídas, onde os pais são separados dos seus primeiros cônjuges e mantêm relação estável com outro companheiro (a), juntamente com seus filhos do primeiro casamento. Porém, outros arranjos familiares, diferentes dos citados acima, são pouco investigados: podem-se citar famílias onde um dos cônjuges não contraiu novo matrimônio, optando por criar seus filhos sozinhos (as); famílias onde a segunda geração foi desfeita completamente e um dos cônjuges e seus filhos retornaram para o lar da primeira geração (avós); várias famílias coabitando no mesmo espaço; famílias onde um dos cônjuges assumiu sua homossexualidade após a separação e ficou responsável pela criação dos filhos.

Para Cardoso (2012, p. 167), “a família representa a extraordinária invenção cultural incumbida de desempenhar o papel de “útero social” para os recém-chegados”. E esta “invenção cultural” é a chave para a manutenção e transmissão de todas as outras invenções realizadas pelos seres humanos. Para Petrini (2003; 2007), a família representa uma complexidade inerente ao seu modo de articular relações, as discussões acerca do que é a família se guiam em todos os sentidos epistemológicos, ou seja, diversas disciplinas e áreas do conhecimento se debruçam sobre o estudo da família, e assim “cada um desses olhares *constrói* um discurso particular do que seja a família” (RABINOVICH & MOREIRA, 2008, p. 448).

De acordo com Áries (1981), a vida privada, portanto a vida íntima e familiar eram sentimentos desconhecidos antes do século XVI.

A representação mais frequente do quarto e da sala corresponde a uma tendência nova do sentimento, que se volta então para a intimidade da vida privada. As cenas de exterior não desaparecem, é certo - são a origem das paisagens, mas as cenas de interior tornam-se mais numerosas e mais originais. Iriam caracterizar a pintura de gênero durante todo o tempo de sua existência. A vida privada, rechaçada na Idade Média, invade a iconografia, particularmente a pintura e a gravura ocidentais no século XVI e, sobretudo no XVII: a pintura holandesa e flamenga e a gravura francesa comprovam a extraordinária força desse sentimento, antes inconsistente ou menosprezado. Sentimento já tão moderno, que para nós é difícil compreender o quanto era novo. (ÁRIES, 1981, p.194)

Percebe-se que a família é uma construção cultural, como já citado por diversos estudos, marcando o lugar e o sentimento de pertencimento. Contudo a família sofre pressões, tanto internamente, quando provém de mudanças evolutivas de seus próprios membros, quanto externamente, quando provém de exigências de outras instituições sociais significativas, como a escola e a igreja.

É mister considerar que, como afirmou Donati (2008), a família, vista como um “organismo vivo”, cresce e se desenvolve dentro de dois movimentos básicos – a tendência a homeostase, onde busca manter o status quo e a tendência à mudança, buscando integrar-se às demandas sociais. Deste modo,

As mudanças do ambiente familiar envolvem, então, a dinâmica intersubjetiva, isto é, as relações conjugais, as relações de intimidade e de troca afetiva entre marido e mulher, que tendem à reciprocidade, incluindo os aspectos mais ordinários da administração do cotidiano, sempre mais submetidos a uma partilha negociada. (PETRINI, 2004, p. 16)

As mudanças externas por sua vez, traçam outro cenário para a constelação familiar, como por exemplo, a entrada da mulher no mercado de trabalho, trouxe certo protagonismo feminino, não visto outrora, - a mulher-mãe conquista um espaço de autonomia fora de casa. “São abandonados os modelos tradicionais que atribuíam a chefia da família ao marido”, (PETRINI, 2004, p. 18; WAGNER et al., 2005, p.181; AMAZONAS et al., 2003, p. 12), ou seja, muitas mulheres têm assumido sozinhas a manutenção familiar, principalmente em contextos mais pobres da nossa sociedade.

Contudo, não só a mulher ganha novo status perante a família, mas outros atores também surgem como protagonistas importantes nas novas formações familiares, como por exemplo, as crianças. Bastos (2001, p. 27), ao estudar famílias e contextos de desenvolvimento, nos indicou que

o pertencer à família, grupo social primário, parece completar-se de alguma forma pela aquisição da “responsabilidade”, um possível eixo no qual a participação da criança como membro do grupo familiar se diferencia e cresce à medida em que ela responde às demandas, aprende a estar à altura de expectativas grupais e deixa que se reflitam nela, indivíduos, projetos coletivos da família.

Assim, a mesma autora, constrói uma categoria, a qual denomina “modos de partilhar”, para descrever “o conjunto de práticas envolvendo as crianças” (p. 30). Desse modo, ela classifica os modos de partilhar em sete categorias:

1 - os empreendimentos e iniciativas da família voltados para gerar renda; modo de partilhar 2 - limpeza e arrumação da casa e cuidado a irmãos menores no âmbito da casa; modo de partilhar 3 - preparo e distribuição de alimentos, e atividades relacionadas a estas; modo de partilhar 4 - cuidados com os próprios pertences e tarefas escolares; modo de partilhar 5 – atividades extramuros: fazer pequenas compras, dar recados, dentre outros; modo de partilhar 6 – eventos intrafamiliares, conflitos ou não, requerendo algum tipo de tomada de decisões e gerenciamento; modo de partilhar 7 – eventos extrafamiliares que afetam a forma usual de organização do cotidiano família. (BASTOS, 2001, p. 189)

Com isso, fica definido que as questões como trabalho, participação e responsabilidade são constructos primordiais para o entendimento dos papéis sociais e culturais que se faz presente na história do desenvolvimento humano.

Do conjunto de resultados, sobressai-se um segundo ponto, de extrema importância: a constatação de que o trabalho realizado no âmbito da casa torna-se a principal estratégia pedagógica utilizada pelos pais na educação de seus filhos, sendo essa estratégia vista pelos pais como particularmente apropriada às classes mais pobres. (BASTOS, 2001, p. 263)

Neste ínterim, outros estudos vêm apontando que, a participação da criança e do adolescente, nas tarefas domésticas, tem refletido positivamente em outros contextos (DRUMMOND, 2014), visto que a criança não é passiva, as suas experiências e estratégias construídas geram mudanças nas suas diversas relações sociais presentes e futuras (MONTANDON, 2005).

Estudos realizados por Amazonas et al. (2003, p. 13), tem apontado para a necessidade que têm, as camadas sociais mais pobres, de valorizar estes tipos de “modos de partilhar”, no ambiente familiar:

Isto significa que, concretamente, as famílias dessa população necessitam desenvolver estratégias de sobrevivência, e toda a rede familiar deve participar da manutenção do grupo, no que diz respeito



tanto a prover materialmente quanto aos cuidados com seus membros, principalmente as crianças. Por isso promovem uma relação de solidariedade para, através do grupo, garantir a qualidade de vida de cada um. A lógica da solidariedade caracteriza a ação da família frente à sociedade e opõe-se à lógica do individualismo. Essa lógica reordena valores e subordina realizações pessoais a interesses ou necessidades do grupo familiar.

Contudo, a respeito das atividades domésticas realizadas pelas crianças e adolescentes, a questão de gênero está bem presente. Estudos apontam que as meninas têm desempenhado mais tarefas dentro de casa que os meninos. Nascimento e Trindade (2010), a seguir, apresentam esses dados que também são corroborados por diversos autores:

Nas três famílias que participaram da entrevista de aprofundamento essa diferença também foi abordada. A divisão de tarefas domésticas é assimétrica, sendo mais direcionadas às mulheres da família. A mãe da família B enfatizou que não é preguiçosa com relação ao trabalho de casa e afirmou que suas filhas ajudam nas tarefas. Na família C a mãe explica que os meninos só ajudam quando querem, e admitiu que seja diferente com a única filha. Como as atividades domésticas são consideradas responsabilidade feminina, as filhas são mais cobradas, como expressam suas afirmações: "Eu acabo fazendo mais coisas. Ele não me ajuda em nada!" (Filha - família A); "Aqui só as meninas que tem que fazer as coisas mesmo; a minha irmã que cuida da casa, cuida do almoço" (Filho - família B).

[...] as atividades consideradas tradicionalmente como atribuições do homem, trabalhar para sustentar a família e pagar as contas, são aquelas nas quais os meninos têm participação maior do que a das meninas. De forma geral, verifica-se que a representação social de gênero tradicional, que pressupõe o homem como provedor e a mulher como cuidadora e dona de casa, orienta a distribuição das tarefas entre meninos e meninas. (NASCIMENTO & TRINDADE, 2010, p.194)

Bastos (2001, p. 196), também apontou essa dissimetria entre os sexos, nos seis "modos de partilhar" dos sete categorizados. Assim, para a autora, as meninas aparecem num índice de participação nas atividades domésticas superior aos meninos. Ou seja, "os meninos representam quase dois terços do grupo; no entanto, como será visto, as condições de meninas e primogênitos estão, em geral, ligadas a um maior envolvimento"

Percebe-se que o estudo sobre a família apresenta nuances diversas, onde diversos fatores coadunam para o surgimento de diferentes configurações e modos

de existir num mundo cada vez mais complexo e multifacetado, visto que o indivíduo não é um ser isolado, ele não pode ser representado fora do seu ambiente familiar. A família representa assim, um “sistema aberto e auto-regulado”, marcado por padrões de funcionamento próprio dentro dos quais os indivíduos-membros funcionam (WERLANG, 2000, p.141).

Contudo, é no contexto socioambiental também, que as inter-relações entre os membros das famílias acontecem, como será apontado neste estudo. Porque, o cuidado com o lugar, pelos indivíduos, envolve as construções subjetivas - os sentimentos, os afetos, as emoções e a formação de crenças e valores.

Assim, alguns contextos socioambientais, - como a casa, a rua e o quintal, nos quais os membros de uma família se desenvolvem, são demarcadores de identidades pessoais e coletivas, como veremos a seguir:

## 1.8 A CASA, A RUA E O QUINTAL COMO DEMARCADORES DE IDENTIDADES

Nesta seção, aponto os três modos de ocupar o espaço: a casa, a rua e o quintal, que são indissociáveis. Uma casa está situada em alguma rua; e necessariamente, só é quintal se tiver uma casa, pois o quintal é uma área livre, uma extensão da residência. No entanto, abordarei os três elementos de forma separada, considerando o viés pelo qual cada um foi investigado por outros pesquisadores.

### - A casa

Para entender a relação das pessoas com o lugar, temos que levar em consideração, no estudo dos quintais urbanos, também, os modos em que as famílias se agrupam, ou melhor, os modos de morar (RABINOVICH, 1996), ou habitar um determinado espaço. Neste ínterim se faz necessário um breve estudo do espaço e do lugar porque condiz com a experiência do homem com o meio ambiente (PINHEIRO, 2005; TASSARA & RABINOVICH, 2005; WIESENFELD, 2005; GÜNTHER, 2003; TUAN, 1983), e como este atribui significado (KHARLAMOV, 2009; VALSINER, 2009), organiza o espaço e o lugar e se auto-organiza simultaneamente (KUHNEN, et al., 2010; HAUGE, 2007).

Portanto, o conceito de experiência é muito importante para este estudo, por ser “um termo que abrange as diferentes maneiras através das quais uma pessoa conhece e constrói a realidade” (TUAN, 1983, p.10). Desse modo, as experiências iniciais dos membros de uma família ocorrem em um contexto específico – a casa, e não importa, se ela é de telha, de palha ou de madeira<sup>14</sup>. “Para Bachelard (1974, p. 200), “a casa é o nosso canto do mundo”. Assim, o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores, tais como o pensamento, a percepção e a linguagem têm como palco principal a casa, que para Rabinovich (1997, p. 176), é o espaço “privilegiado por ser a locação dos processos iniciais de aprendizagem”. É na concepção desta autora, que a casa, ao mesmo tempo, significa permanência e mudança, vejamos por que:

Embora a casa seja, sem dúvida uma das estruturas estruturadas, responsáveis pela continuidade, pela tradição, pelos aspectos invariantes ou de lenta transformação da sociedade, ela é, também, um lugar de contínua transformação cotidiana das histórias de curto tempo, ou seja, das vidas das pessoas enquanto tais. (RABINOVICH, 1997, p.111)

Com isso, queremos dizer que a casa é a habitação primordial dos seres humanos, representa a integração dos aspectos arquitetônico, simbólico e social. É também, “lócus de densas teias de significado, e modelo cognitivo para estruturar, pensar e experimentar o mundo” (CARSTEN e HUGH-JONES, 1995, apud GORDON JR. 1996, p. 193).

Neste sentido, a casa é tão importante que a primeira coisa que alguns sujeitos esquizofrênicos, ou aqueles que “perderam a memória” nos revelam é a ausência de reconhecimento desse lugar como seu. Como Regreg<sup>15</sup> da tribo balinesa, que por discordar de um código estabelecido pelo grupo, tem como punição a perda da casa, das terras e do convívio social, perdendo também a

---

<sup>14</sup> Em alusão a história “Os três porquinhos”, um clássico da literatura infantil mundial.

<sup>15</sup> “O problema de Regreg começou quando sua esposa fugiu com um homem de outra aldeia (...) Apropriadamente enraivecido, Regreg exigiu que o conselho da aldeia tomasse alguma providência para trazê-la de volta, porém o problema de Regreg estava fora da jurisdição do conselho. Quando, sete ou oito meses mais tarde, aconteceu de ser a sua vez de tomar posse como um dos cinco chefes do conselho, segundo os costumes dessa aldeia, ele se recusou, a partir daí começaram todos os seus problemas, pois não poderia haver recusa de tal cargo. A recusa de Regreg tinha sido o primeiro caso, equivale a pedir demissão não só da aldeia mas da própria raça humana” (GEERTZ, Clifford. O saber local. Tradução Vera M. Joscelyne. 7ª Ed. Petrópolis: Vozes, 2004. p. 262-264).

sanidade. “Para os balineses, abandonar a comunidade de harmonia [...] é como deitar-se e morrer, é a punição que mais se aproxima dela” (GEERTZ, 2004, p. 264).

Com efeito, se considerarmos a antropologia do espaço, percebemos que a habitação humana ocupa, por inúmeras razões, um lugar de destaque, dentre as quais a primeira é incontestavelmente a primordialidade ancestral de seu estatuto. Ao lado da alimentação e do vestuário, a habitação é um dos equipamentos mais antigos da humanidade e sempre foi uma das mais significativas manifestações da cultura.

Para Tuan (1983, p. 12), cada construção de casas pelos seres humanos visa controlar o “caos”, assim ele comenta:

Cada moradia é uma fortaleza construída para defender seus ocupantes humanos dos elementos: é uma lembrança constante da vulnerabilidade humana [...] De modo geral, todas as fronteiras construídas pelo homem na superfície terrestre – cerca viva no jardim, muralha na cidade, ou proteção do radar – são uma tentativa de manter controladas as forças hostis.

Por isso, seus traços claramente culturais ainda se associam, embora evanescentes, alguns elementos naturais, nessa trajetória que vai do abrigo nas árvores e no interior das cavernas para a moradia de hoje. Reconhecida como elemento constitutivo do processo de humanização que levou o homem a transcender da escala zoológica para situar-se no plano da conduta cultural, a habitação teve uma história que acabou se vinculando, em boa parte, à história da própria arquitetura, e pela arquitetura “o homem agregou então à necessidade funcional e social da moradia um elemento novo: o sentimento estético” (MOREIRA, 2000, p. 83), transmitindo os sentimentos e emoções por ele vivenciados no espaço habitado, e fortalecendo sua *identidade de lugar*, como apontam Proshansky, Fabian & Kaminoff (1983), citados por Kuhnen, et al., (2010):

O conceito de identidade de lugar alimenta-se dessas considerações para revelar um estado de reconhecimento de um cenário específico, por parte de um indivíduo, com o qual ele relaciona valores, significados e sentimentos. Através da identidade de lugar, o homem reivindica a satisfação de suas necessidades biológicas, psicológicas, sociais e culturais; reforça sua identidade pessoal e adquire a sensação de pertencimento ao meio (Proshansky, Fabian, & Kaminoff, 1983). (KUHNEN et al., 2010, p. 540)

Assim, concordo com estes autores, quando apontam que as “pessoas e grupos estariam mais ligados ao espaço simbólico-cultural (ou comunitário) e às relações de afetividade,” aí vivenciados, do que ao espaço geográfico em si. (KUHNNEN et al (2010, p. 542). O que é corroborado por Kharlamov (2009) ao explicar o papel da experiência ambiental, como se segue no trecho abaixo:

A experiência ambiental é um processo ativo no qual o indivíduo utiliza seus recursos a fim de criar uma situação no qual pode realizar suas atividades com um máximo de satisfação. (Ittelson, FRANCK, & O'HANLON, 1976, apud KHARLAMOV, 2009, p. 288) <sup>16</sup>

É mister pensar nas múltiplas relações, tais como as características físicas, perceptual, cognitiva e afetiva do espaço que promovem um bem-estar psicológico, como sugeriu Kharlamov (2013; 2009). Mas também, como propôs Valsiner (2009),

[...] concentrar-se na construção de que tipo de sistemas de mediação pode ser descoberto em atividades diárias humanas e nos domínios do sentimento e pensamento. “Este suporte vem da sociologia: “Não é apenas que” a interação acontece” como se estivesse em um palco, mas também que a interação é ritualizada, de tal forma que se torna previsível, replicável, e parte do DNA cultural da sociedade. [...] Como atores negociam, contextos libertam e restringem suas performances. (FINE & FIELDS, 2008, p. 141). (VALSINER, 2009, p. 10)

A casa é dessa forma, pensada como espaço de formação de identidade, onde a experiência com múltiplas implicações culturais, sociais, psicológicas, morais e afetivas acontecem. E para Tuan (1983, p.6), é na experiência, que o significado de espaço normalmente se funde ao de lugar. Por isso “as ideias de espaço e lugar não podem ser definidas uma sem a outra” <sup>17</sup>.

---

<sup>16</sup> ...”environmental experience is in active process in which the individual utilizes his resources in order to create a situation in which he can carry out activities with a maximum of satisfaction” (Ittelson, Franck, & O’Hanlon, 1976, apud KHARLAMOV, 2009, p. 288).

<sup>17</sup> Para Tuan (1993), espaço e lugar são elementos do meio ambiente que se relacionam. Espaço é algo mais abstrato, indiferenciado, mas que permite movimento, enquanto lugar é dotado de valor, como segurança e estabilidade, permitindo uma breve (ou não tão breve) pausa. “Cada pausa no movimento torna possível que localização se transforme em lugar” (TUAN, 1993, p.6).

Rabinovich (1997, p. 102) compara a casa ao útero materno, ao estudar a casa dos !Kungs, povos seminômades da África Central. A autora caracteriza estes tipos de casas, da seguinte maneira:

A casa é redonda, totalmente coberta de palha, afora uma abertura para a entrada: é um útero, feito a partir da natureza. A matéria com que é feita a casa é a natureza. Assim como o corpo materno é a casa da criança, a natureza é a casa do homem.

A casa tem sido tão importante, que a maioria dos contos infantis e dos mitos, retrata uma “boa casa”, como no conto “Os três porquinhos”; ou está perdido de casa, como em Joãozinho e Maria; Branca de Neve encontrou uma casa e foi acolhida pelos Sete Anões; Ulisses vive grandes aventuras em seu retorno para casa. A literatura está repleta de exemplos sobre o significado cultural da casa para os seres humanos.

- A rua

Toda casa está situada em uma rua, em um bairro e em uma cidade. O Antropólogo José Guilherme Magnani (2007a), tem pesquisado profundamente sobre o papel que a rua exerce sobre nós seres humanos e principalmente sobre a rua como elemento propiciador do desenvolvimento infantil no Brasil. Ele aponta:

É nela que ocorrem, preferencialmente, as relações e encontros entre pessoas com experiências, origens e visões diferentes, e é da troca entre elas que resulta, mais rica, a cultura urbana. Sem esse tipo de contato, as pessoas ficariam restritas ao convívio entre os iguais, confinadas ao espaço doméstico. Essas trocas e relações estão sujeitas a regras que definem um domínio particular de convivência: o espaço público. (MAGNANI, 2007a, p.1)

Este autor nos convida a pensar a rua como *símbolo e um suporte de sociabilidade*.

A rua, nos tempos atuais, é um espaço necessário de circulação de pessoas e coisas, mas também abriga o irreconhecível, a temeridade. Nossa experiência cotidiana tem nos mostrado um quadro sombrio e nebuloso da rua, mas também um sentimento de ambiguidade toma conta de nós, pois queremos ocupar a rua e a temos ocupado. É ela que tem nos mostrado a desigualdade social e

consequentemente a violência como um subproduto desta desigualdade; mas também é através dela que encontramos os nossos semelhantes, que ampliamos nossas relações sociais. Na figura 1, a seguir, é possível visualizar a rua como um local de encontros e comemorações, onde, pessoas de uma mesma família, e os vizinhos mais próximos confraternizam-se. Um hábito comum, em áreas, cujo aspecto mais tradicional se mantém como no Subúrbio Ferroviário de Salvador, e bairros mais afastados do centro da cidade.

Não sei quanto a outros países, mas aqui no Brasil, e mais especificamente, em bairros da periferia de Salvador, as relações que estabelecemos com os da “rua” são tão importantes quanto aquele que estabelecemos com os nossos consanguíneos, parentes e familiares. A rua onde morei na infância é um exemplo disso: lá era e ainda é possível ver as crianças brincando enquanto crescem e se desenvolvem, mas também vemos adultos, nas horas livres jogando dominó ou simplesmente conversando. Os finais de semana são mais movimentados ainda, há churrascos e bebidas, a rua se torna um lugar de festas, mesmo que não haja motivo especial para comemoração.

**Figura 1 – Grupo de vizinhos reunidos numa rua do bairro de Plataforma-Salvador/Ba, Brasil.**



Fonte: Acervo Particular

Evidente que nem todas as ruas são “boas” para nossa socialização. Há aquelas que pertencem aos veículos, que se nomeiam de trânsito, ou seja, servem de passagem. Conduzem-nos de casa para outros espaços públicos ou privados, portanto são mais impessoais. É dessa forma que DaMatta (1997, p. 26), evidencia muito bem a relação do brasileiro com a casa e a rua, fazendo a seguinte comparação:

Deus é brasileiro, conforme sabemos todos não porque com Ele (e com o Brasil) tudo poderá dar certo; mas, sobretudo porque Ele é feito - como nós - de três pessoas ou espaços distintos e absolutamente complementares. O Pai é a rua, o Estado e o universo implacável das leis impessoais. O Filho é a casa com suas relações calorosas, sua humanidade e seu sentido da pessoa feita de carne e osso. E, finalmente, o Espírito Santo é a relação entre os dois, o "outro lado" do mistério. A virtude que fica no meio - em cima de um muro!

#### - O quintal

Outro tipo de espaço que se fez muito importante em nosso país tem sido o quintal, objeto de estudo desta pesquisa. Mas, por que o quintal é tão importante?

No período colonial a terra não era vendida, mas sim, objeto de concessão. Esse sistema deu origem às residências construídas em lotes estreitos e profundos, onde a fachada da casa ganhava importância em detrimento dos demais espaços, mas também, valorizava-se o tamanho das áreas não construídas em oposição ao espaço construído, - a casa ganha assim, um grande espaço livre em seu interior, geralmente arborizado, denominado de quintal. Este modelo era diferente dos modelos europeus e americanos, pelas práticas que abrigava, ou seja, no Brasil, estava ligado ao abastecimento de subsistência e práticas de convivialidade doméstica (SILVA, 2004, p. 63).

Definir um espaço físico da casa como sendo quintal não é tarefa muito fácil, visto que etimologicamente, a palavra deriva de “quinta” que em Portugal, era definida como *casa de campo* ou *fazenda*, na qual o dono deveria pagar o equivalente à quinta parte do rendimento obtido com a produção. De acordo com Ferreira (2004, p. 674), a palavra *quintal* “significa pequeno terreno, muitas vezes com jardim ou com horta, atrás da casa”.

No entanto, no Brasil, esta parte da casa que poderia tanto ser em área rural quanto urbana se diferencia em ambos os aspectos: primeiro não era fazenda e



segundo não se pagava a quinta. Por isso Bluteau (1712) citado por Loureiro (2007), fala espantado, que não é fácil achar um nome latino, porque horta pode significar jardim ou horta, “pomarium” é pomar ou viveiro, mas quintal não é horta, nem jardim e nem pomar, contudo a necessidade nos obriga a usar estes substantivos.<sup>18</sup>

Diversos estudos têm revelado que nos grandes centros urbanos, embora dispondo de diminutos espaços, as pessoas dotadas do hábito de cultivar plantas, têm mantido os seus quintais, os quais têm se constituído em acervos de espécies raras e de remanescentes da composição florística local. (AMOROZO & GÉLY (1998); FERREIRA & DIAS (1993); CARNIELLO et al., (2010).

Dessa forma, verifica-se que a permanência no uso de quintais em áreas urbanas para fins de consumo dos membros das famílias, principalmente quanto ao uso de ervas medicinais, é um dado importante, por mostrar a busca da preservação de um conhecimento acumulado pelas gerações que, como sugere Carniello et al. (2010, p. 460), “é pertinente destacar aqui, que na natureza, à medida que uma planta é percebida como de relevância para um dado grupo pode ser poupada em decorrência dos benefícios revertidos aos que a conhecem”.

Assim os quintais urbanos, como sugerem Duque-Brasil et al. (2007, p. 834), são “locais cruciais para o cultivo, proteção e seleção de muitas plantas” reconhecidas como importantes na preservação de parte da história cultural local, e podem ser considerados “reservas atuais e potenciais de recursos vegetais”, além de favorecer o bioclima (sombra), favorecendo um conforto térmico aos moradores (CARNIELLO, 2010; FREITAS et al. 2012).

A importância de se incluir o estudo sobre a casa e a rua nesta pesquisa se dá principalmente porque não existe quintal sem uma casa, e conseqüentemente não há casa sem rua. Portanto, são as fronteiras que entrecortam tanto o ambiente quanto as relações, e que também são doadoras de identidades. E essas relações se dão entre o público e o privado, os de dentro e os de fora, a família e a vizinhança, que por diversas vezes são fronteiras invisíveis, porque as relações

---

<sup>18</sup> Quintal he na cidade, ou villa, hu pedaço de chaõ, com árvores fructiferas & cerca de muros. Chama de Quintal por servir como de Quinta no povoado. Nas casas religiosas chama-se cerca. Não he fácil acharlhe nome proprio Latino, porque Hortus he jardim, Hortus oitorius he Horta, Pomarium he Pomar, como tambem Vividarium, & propriamente fallando, Quintal, não he jardim, nem horta, nem pomar. Mas a necessidade no obriga a usar Vividarium ou Pomarium, & sendo preciso se lhe poderá acrescentar, Muro septum. (BLUTEAU, 1712, Tomo 7, p. 65 apud LOUREIRO, 2007, p.174).

estão tão imbricadas que fogem à nossa percepção imediata, onde começa uma e termina a outra. É o que tem acontecido comigo, ao fazer a análise sociodemográfica dos dados, fiquei na indefinição por alguns momentos, entre escolher incluir um sobrinho que é frequente na família participante da pesquisa, ou deixá-lo de fora, tornando-o invisível ao estudo. Contudo, a sensatez e o desejo de realizar uma boa etnografia me fez optar pela inclusão da criança neste trabalho.

Os pontos até aqui discutidos, têm a finalidade, através do seu tema central, – os quintais urbanos, contribuir para a construção de um possível caminho entre o conhecimento científico e do senso comum, buscando nas relações socioambientais e na cultura o aporte para o entendimento das formas de viver e transmitir crenças, valores e afetos.

Partindo dessas reflexões estabeleci algumas perguntas norteadoras: (i) como o estudo do espaço nomeado de quintal pode contribuir para a compreensão da relação entre a construção social do meio e a constituição da subjetividade? (ii) como as famílias codificam um objeto como sendo próprio do “quintal”? (iii) como as relações familiares se estruturam no espaço do quintal e quais as implicações disto? (iv) até que ponto o quintal representa uma fronteira entre o domínio público e o domínio privado da experiência da família? E (v) de que maneira as famílias atribuem significados, organizam e se vinculam afetivamente aos espaços habitados?

## 1.9 OBJETIVOS DA PESQUISA

Na tentativa de responder essas perguntas, estabeleci como objetivo geral da pesquisa investigar os significados atribuídos aos quintais em narrativas de diferentes gerações de famílias residentes em áreas urbanas no século XXI, na cidade de Salvador, Bahia. Assim, os principais objetivos específicos foram: (i) identificar e refletir sobre os modos como as famílias usam os quintais, e sobre como esses modos são mediados pelos signos e significados construídos pelos membros da família quanto aos componentes ligados à temporalidade, religiosidade e etnicidade; e (ii) resgatar as memórias dos quintais da infância e seu significado no âmbito das trajetórias de vida das famílias.

Proponho descrever as atividades e interações ocorridas no espaço do quintal, na tentativa de compreender como se articulam narrativas de experiências individuais e coletivas, em seu âmbito, de modo a apontar os mecanismos pelos quais, tanto o indivíduo quanto sua família, transforma o quintal em um lugar carregado de afetividade. E para tal intento, será necessário um estudo mais aprofundado dos construtos teóricos por mim já introduzidos nesta dissertação: *affectivation*, *fronteiras* e *mediação semiótica*. Além disso, considero a narrativa enquanto abordagem e ferramenta através da qual as pessoas elaboram suas experiências. A seguir, construo um capítulo para tratar de tais temas, ligados à fundamentação teórica.

## 2 A FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

O objetivo deste capítulo é tornar explícita a rota teórica, traçando explicações sobre as três abordagens principais trazidas pela Psicologia Cultural Semiótica - *affectivation, fronteiras e narrativas*-, que possibilitam o entendimento do objeto de estudo escolhido. Assim, se faz necessário uma breve introdução do papel da cultura e da forma como os signos são criados para facilitar a comunicação afetiva entre as pessoas e o ambiente.

### 2.1 O PAPEL DA CULTURA NA ABORDAGEM CULTURAL SEMIÓTICA

Este estudo busca fundamentar-se teoricamente na psicologia cultural de orientação semiótica, definida por Jaan Valsiner (2013), cujo foco principal, recai sobre a psique do homem que constrói ativamente seu mundo social e, através dele, a si mesmo. O trecho abaixo complementa esta informação:

The main focus of cultural psychology as outlined in this book is the coordinated—not isomorphic—development of personal (subjective) and social (collective) domains of human experience. The focus of cultural psychology is on the *psyche*—of the active constructor of the social world, and through it—oneself. (VALSINER, 2013, p.43)

Assim, para este autor, qualquer fenômeno cultural único, carrega dentro de si, princípios gerais de mediação semiótica que o torna possível. Deste modo, todos os fenômenos da cultura local são, portanto, possíveis graças a processos gerais de semiose (VALSINER, 2013).

Para Valsiner (2007), a cultura é inerente à pessoa, porque é uma dimensão, um modo que o acompanha. Assim, a cultura é vista como “uma parte do sistema psicológico da pessoa” (VALSINER, 2012, p. 28). Deste modo, não há outra forma de olhar, que não seja percepção cultural, signos e sugestões sociais.

Neste sentido, a cultura para Valsiner (2012) é eminentemente sistêmica. Seu constructo teórico teve origem nos estudos de Wundt (1900-1920),<sup>19</sup> num trabalho de 10 volumes intitulado *Cultural Psychology* (SCHULTZ & SCHULTZ, 2005, p.82) e da antropologia social e cultural, principalmente.

Na antropologia, o termo cultura, oriundo do termo latim *colere* (cultivar), apresenta diversos significados (MARCONI & PRESOTTO, 2010, p. 21; GOMES, 2008, p. 32). Para Tylor, por exemplo, “cultura é o todo complexo que inclui conhecimentos, crenças, arte, moral, leis, costumes e quaisquer outras capacidades e hábitos adquiridos pelo homem como membro de uma sociedade” (MARCONI & PRESOTTO, 2010, p. 22; GOMES, 2008, p. 35; MELLO, 2004, p.40). Neste sentido, cultura está fora, no ambiente externo do indivíduo, e este passivamente, “adquire-a”. Para Boas (1964), citado por Marconi & Presotto (2010, p. 22), a cultura é “a totalidade das reações e atividades mentais e físicas que caracterizam o comportamento dos indivíduos que compõem um grupo social.

Percebe-se que os estudiosos da antropologia têm diante de si um grande desafio para sistematizar o conceito de cultura, visto a complexidade e as variantes epistemológicas que o termo apresenta. Talvez, devido a isso, Valsiner (2012), expressa uma crítica a esse respeito, quando afirma:

O lado pessoal das experiências vividas dentro da cultura quer seja, “na cultura” ou “tendo cultura”, conforme os próprios sentimentos e pensamentos foram deixados de lado pelos antropólogos sociais. A subárea da Psicologia que contemporaneamente chamamos psicologia cultural vem superar essa limitação. (VALSINER, 2012, p. 27)

Por isso, no estudo a que me proponho, tomo a cultura como dimensão, que influencia os processos psicológicos superiores dos seres humanos (a atenção, o pensamento, a percepção etc.), e também, suas experiências sociais idiossincráticas, que ocorrem em um contexto específico (VALSINER, 2012). Sendo

---

<sup>19</sup> Algumas traduções sugerem o termo *Folk Psychology*. A psicologia cultural de Wundt, tratou de diversas etapas do desenvolvimento das funções psicológicas mais complexas, principalmente a linguagem, a aprendizagem e a memória, processos que não poderiam ser investigados pela experimentação científica tradicional, por serem considerados parte integrante dos aspectos culturais (SCHULTZ & SCHULTZ, 2005, p.82). Por exemplo, o próprio Valsiner, do qual este estudo toma por referencial teórico, traduz a obra de Wundt, como psicologia popular ou *Folk Psychology*, em Prefácio da sua obra “Fundamentos da Psicologia Cultural: Mundos da mente, mundos da vida” editada no Brasil em 2012.

assim, cultura é um sistema semiótico, criada e desenvolvida por uma memória coletiva e pessoal que possui uma dinamicidade crescente, onde as narrativas constituídas a partir das linguagens expressam o complexo de signos. Por meio dessas narrativas, podemos perceber como ocorrem os processos interpretativos e de apropriação da cultura, isto é, a recepção e mediação de seus elementos simbólicos assim como suas linguagens.

Os signos, no complexo sistema linguístico dos seres humanos, têm funções diversas, e a principal delas, é tornar mais simples as experiências. Esse processo é denominado por Valsiner (2012) de esquematização. A comunicação por esquematização é bastante útil no dia-a-dia das pessoas, para um conhecimento do senso comum, dos objetos, coisas, outras pessoas, ou seja, simples definições dos fenômenos cotidianos, tais como: agradável, ilícito, cordial, violento, etc. Contudo, Valsiner (2012), ainda aponta outro papel desempenhado pelos signos na vida das pessoas, o qual denominou de processo de pleromatização. Esse processo permite uma melhor compreensão dos fenômenos sociais ou pessoais dotados de um nível maior de complexidade, possibilitada por maior grau de abstração, portanto uma subjetivação da experiência, mais ampliada para a imaginação. O “processo de abstração envolve a experiência (passado - presente) e a imaginação (presente - futuro), num tempo irreversível” (VALSINER, 2013, p.63). Assim pelo uso de signos, afirma Valsiner, as pessoas podem transcender qualquer contexto no tempo presente, “se apropriando de significados subjetivamente construídos” (2012, p. 55).

Neste sentido, considero importante, neste estudo que estou desenvolvendo, abordar a forma como os signos se formam e sua utilidade prática na vida das pessoas, pois acredito que, através do uso de signos, que expressos na forma de sentimentos e afetos, a pessoa interpreta o ambiente, ao mesmo tempo, relaciona suas experiências no presente com experiências passadas e expectativas de futuro, “de maneira que o espaço em que circula se torna dinâmico e interativo”, que vai evoluindo e se desenvolvendo junto com ela (MATOS, 2013, p. 28).

## 2.2 A NARRATIVA NO PROCESSO DE ADAPTAÇÃO AO MEIO

Para o estudo a qual me proponho, será prevalente a abordagem trazida por Bruner (2004; 1991), sobre narrativa. Para este autor, a pessoa organiza a sua experiência e sua memória, principalmente na forma de “narrativa de histórias, desculpas, mitos, razões para fazer ou não fazer, e assim por diante” (BRUNER, 1991, p. 5). Desse modo a narrativa é uma forma convencional e transmitida culturalmente, resumindo, “a narrativa organiza a estrutura da experiência humana” (BRUNER, 1991, p. 5). Bruner busca redimensionar as formas narrativas de pensamento, contudo ele diferencia modo narrativo de pensamento das formas de discurso narrativo.<sup>20</sup> Sua preocupação central não é a forma como a narrativa é construída, mas sim como ele funciona como um instrumento da mente na construção da realidade, pois o pensamento narrativo nada é senão construções mentais, cujos significados precisam ser interpretados. É neste sentido que a cultura exerce um papel significativo no processo de construção narrativa da realidade, pois as formas culturais dos processos cognitivos e linguísticos têm um poder de estruturar a experiência perceptual, organizar a memória e construir os muitos eventos da vida<sup>21</sup> (BRUNER, 2004, p. 694).

O pensamento narrativo tem um papel fundamental na construção, conhecimento e reorganização da identidade ou da personalidade, por sua alta capacidade de organização da experiência vivida, mas também permite a análise interpretativa das narrativas dos outros. Através da narrativa nós organizamos o fluxo dos acontecimentos, segmentamos os eventos dentro do mundo e construímos um mundo através da *esquematização*, sob a regulação dos afetos. Segundo Bruner (2001, p. 54---5), “a forma típica de esquematização da experiência (e a memória que temos dela) é a narrativa, e [...] o que não se torna estruturado narrativamente sofre perdas na memória.” (MARTINES et al, 2014, p.53).

---

<sup>20</sup> “I shall have a great difficulty in distinguishing what may be called the narrative mode of thought from the forms of narrative discourse”. (BRUNER, 1991, p. 5)

<sup>21</sup> But the issue I wish to address is not just about the “telling” of life narratives. The heart of my argument is this: eventually the culturally shaped cognitive and linguistic processes that guide the self-telling of life narratives achieve the power to structure perceptual experience, to organize memory, to segment and purpose-build the very “events” of a life. [...] And given the cultural shaping to which I referred, we also become variants of the culture’s canonical forms. (BRUNER, 2004, p. 694).

Com isso, devido a presente necessidade de moldarmos nossa realidade social, o processo de esquematização permite que busquemos na memória algo que corrobore com a nossa vivência no aqui-e-agora. Essa vivência é carregada de afeto, o que nos leva a justificar nossas atitudes, pensamentos e comportamentos, por isso a recordação tem um caráter interpessoal e cultural cumprindo uma função dialógica. Dessa forma, as histórias de vida devem se encaixar, por assim dizer, dentro de uma comunidade de histórias de vida, na qual contadores e ouvintes compartilham regras de contar a vida dialogicamente gerando entendimento mútuo. Perceberemos essa proposição no capítulo destinado às análises dos dados, quando as histórias sobre as vivências em quintais serão contadas.

### 2.3 O PROCESSO DE *AFFECTIVATION* E AS FRONTEIRAS OBJETIVAS E SUBJETIVAS

Os significados semiótico-culturais são promovidos por componentes afetivos que funcionam como uma borda permeando o intervalo de abertura entre a pessoa e o ambiente. Quando as trajetórias diferenciais de elaborações semióticas, que emergem de motivos “cosmológicos”, organizam as nossas percepções e imaginações em um campo cultural significativo, os processos afetivos agem promovendo ou restringindo os comportamentos em contextos ambientais.

Contudo, como posso achar as minhas próprias qualidades afetivas dentro da realidade objetiva e ainda ser *affectivated* por ele? Por exemplo, um objeto, que uma pessoa encontra dentro do ambiente, pode induzir a certo estado emocional através da sua existência objetiva, em combinação com o que há de mais subjetivo presente dentro do *self* (VALSINER, 1999; GLAVEANU, 2013; CARRIÈRE, 2013).

Uma explicação é a forma como usamos ativamente objetos, imbuídos de significados, para estruturar nosso redor, de forma que o meio ambiente, por sua vez venha mediar nosso bem-estar emocional. Desse modo, a felicidade ou o bem-estar não é um estado permanente a que se pode chegar, mas uma experiência de um tipo especial, necessariamente transitória ou fugaz, contudo, a sensação de prazer que nós temos, por exemplo, ao ver um objeto estético que se relaciona ao



sentimento de felicidade pode corresponder a um estado perfeito de harmonia entre o eu e o mundo (GLAVEANU, 2013).

O processo de *affectivation* do outro (pessoa, lugar, objetos) permite o surgimento e a reconstrução da apreensão semiótico-cultural da experiência. Neste sentido, a organização semiótica dos sentimentos é afetiva e cognitivamente elaborada por pessoas que pertencem a um campo cultural que permite a partilha de experiências comunicativas.

Argumento aqui, que os quintais remanescentes, nos grandes centros urbanos, por pertencerem a um campo afetivo-cultural específico, sejam esses lugares onde a vida se desenvolve em toda a sua amplitude e plenitude. A vida do desabrochar das flores, o crescimento das ervas que curam as mais variadas doenças, mas também, das árvores que nos dão seus frutos sem nenhuma hesitação; o quintal é testemunha ocular do nascer e do morrer dos animais domésticos; é sem dúvidas, o cemitério dos pequenos animais que faziam parte da família. É, ainda, onde as festas se realizam entre o frescor puro e o cheiro de mato, da erva-cidreira e do capim-limão. Um espaço onde a liberdade se amplia independentemente do tamanho físico do lugar. Onde as relações se estreitam, entre os vizinhos e os da “rua”. Um lugar que realimenta o nosso estado afetivo e, assim, o nosso potencial de ação, enquanto que, simultaneamente, nos relacionamos com esse lugar, transformando-os.

O quintal é a relação entre os dois contextos sociais (a casa e a rua), mas também é ele próprio, um contexto sociocultural que, de forma dinâmica, possibilita a construção de valores. Ou seja, o quintal é uma fronteira, e nesse sentido, permite às pessoas “tornar menos ambígua a sua relação consigo mesmo, com os outros e com o ambiente físico” (MARSICO et al. 2013, p.53).

Fronteiras são como “artefatos construídos pelos seres humanos para modular a relação com o ambiente fluido, dinâmico e ambíguo” (MARSICO, 2013, p. 53). Para Marsico, uma fronteira pode ser um dispositivo que demarca (linha, parede, silêncio), mas também, pode ser uma zona que distingue os campos. Uma fronteira pode ser um campo tanto no nível concreto (um muro que separa uma casa da rua) quanto no nível abstrato (as fronteiras temporais, por exemplo), este último é sempre orientado para o futuro. Segundo a autora, o ato de recordar ou esquecer

são processos que ocorrem na região de fronteira entre o passado e o futuro, e, portanto, é sempre ambígua.

O estudo sobre a dinâmica do processo de *affectivation* e da construção e experiência de *fronteiras*, assim como desenvolvido por Valsiner, Tateo e Marsico (2013), abre um portal para entender o processo de uso e manutenção dos quintais em áreas urbanas, como parte da experiência humana.

A dinâmica entre o ter e o sentir-se parte do ambiente, vem da necessidade de pensarmos a adaptação afetiva como uma possibilidade de ajustar o indivíduo ao ambiente e vice-versa, exibindo o processo de *affectivation* como fronteira conceitual e uma condição para o desenvolvimento de construções de sinais afetivos (CARRIÈRE, 2013).

*Affectivation* é o processo em que as emoções das pessoas são ativadas quando se relacionam com o ambiente, ou seja, as pessoas têm necessidades emocionais e o ambiente está definido para “afetivar” essas necessidades, restringindo e promovendo vários estados afetivos (CARRIÈRE, 2013, p.87).

O trabalho de Duarte e Lima (2005) revela que as características do lugar e a forma como as pessoas se relacionam com este e constroem a sua identidade são influenciadas não só pelos aspectos que lhe são subjetivos ou socialmente atribuídos, mas também pela configuração do próprio lugar. Com o objetivo de realizar a identificação dos conteúdos identitários e analisar a sua relação com o grau de identificação com o lugar, as autoras conduziram dois estudos exploratórios, um com estudantes universitários e outro com residentes de uma cidade em Lisboa. Os resultados permitiram concluir que os residentes mais identificados com os lugares apresentam uma visão mais positiva dos mesmos, considerando-os mais funcionais, mais bonitos, e com menos problemas ambientais do que os residentes menos identificados.

O conceito de *affordance* pode explicar o exemplo acima. Valsiner e Carrière (2013) utilizaram e ampliaram este conceito a partir da definição dada por Gibson (1970). Gibson definiu *affordance* como o produto da relação entre o sujeito e o ambiente, indicando as possibilidades de ação dentro de um determinado ambiente. É a qualidade do objeto, ou de um ambiente, que permite que um indivíduo realize uma ação, este conceito não só depende das capacidades físicas do ator, mas também dos objetivos, planos, valores, crenças e experiências do passado, no

entanto, as qualidades intrínsecas do objeto não mudam. Para Gibson, “affordances não causam comportamento, mas restringe-os ou controla-os” (VALSINER, 2013, p. 149). Contudo, para Valsiner (2013, p. 153/157) e colaboradores, o que liga o objeto do mundo aos sistemas de significados culturais está muito além do imediatismo da ação. Neste sentido a “afford” de objetos não são dados a priori, mas são resultados de “ajustes funcionais com objetivos futuros”, ou seja, as coisas se tornam objetos quando lhes são atribuídos valor. Quando eu faço uma ferramenta é com o propósito de usá-lo sobre alguma coisa no futuro, exemplifica Valsiner.

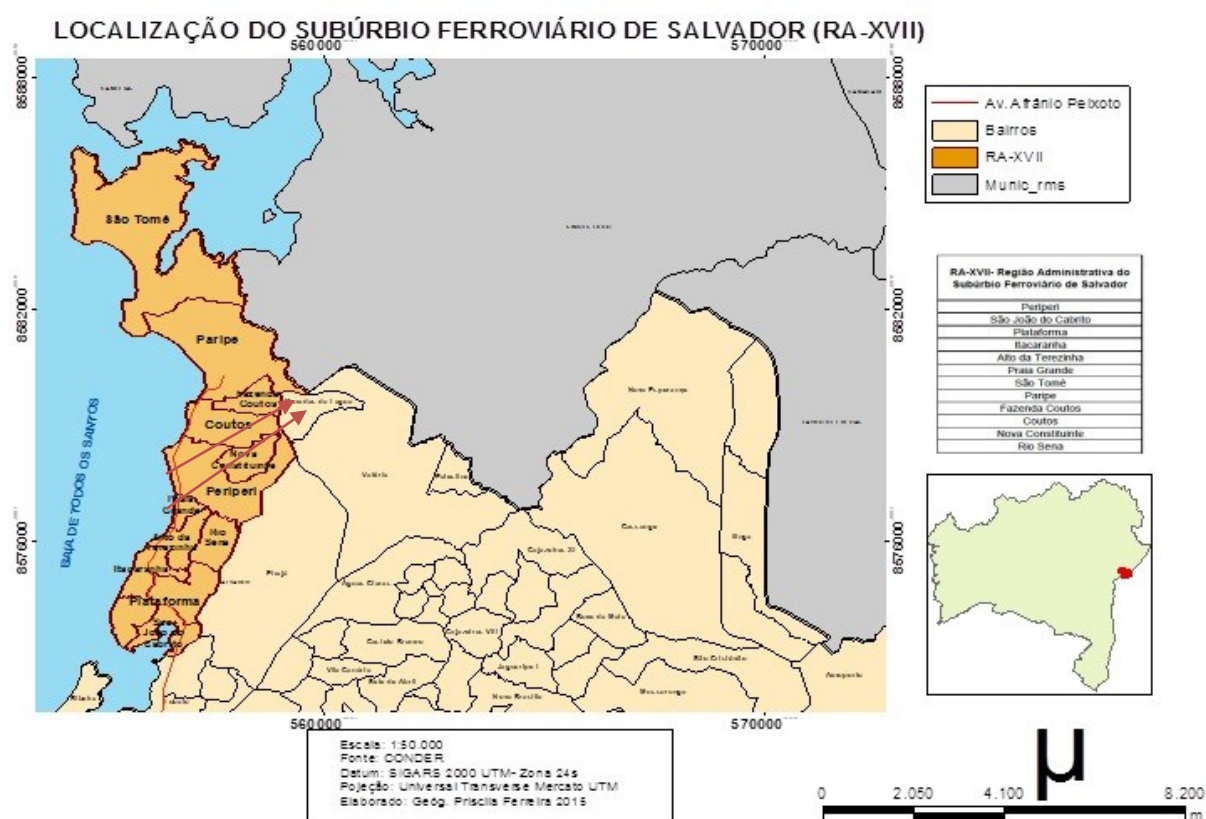
Por isso, o conceito de *affordance*, como descrito por Gibson, não será muito útil para explicar, por exemplo, quando uma pessoa ainda é “afetada” e têm suas emoções “ativadas” (*affectivation*), ao lembrar-se de um lugar como um quintal, que existiu num passado (na infância), mas que não existe como um lugar físico na atualidade, ou quando se pretende fazer do quintal, um lugar “ideal” construído numa perspectiva futura.

### 3 O LOCAL DO ESTUDO E O RECORTE METODOLÓGICO

#### 3.1 UMA FOTOGRAFIA QUE SE APRESENTA: OS BAIRROS DE PLATAFORMA E ITACARANHA

O espaço compreendido pela imaginação não pode ficar sendo o espaço indiferente abandonado à medida e à reflexão do geômetra. É vivido. (BACHELARD, 1974, p. 196)

**Figura 2 – Mapa do Subúrbio Ferroviário de Salvador**



Fonte: Ferreira, 2004.

O bairro de Plataforma está localizado no Subúrbio Ferroviário de Salvador (Fig. 2). E concretizou-se enquanto bairro, a partir da implantação da ferrovia Calçada-Paripe, da Fábrica de Tecido São Braz e pela construção da Avenida Suburbana (Av. Afrânio Peixoto), como também através de implementação de políticas públicas nos setores industriais de transporte, habitação e de saneamento básico, que se tornaram elementos propulsores da intensificação do processo de

ocupação populacional do bairro, marcada por um intenso processo de ocupação irregular ao longo dos tempos.

De acordo com Santos (2014), *Plataforma e a igreja de São Braz*, era uma grande fazenda que pertenciam a Antônio de Oliveira de Carvalhal desde os idos de 1584, citada no livro *Tratado Descritivo do Brasil em 1587*, de Gabriel Soares de Sousa (SANTOS, 2014, p. 133).

O crescimento do bairro se intensificou ainda no século XIX, com a instalação da fábrica de tecidos São Brás, em 1875. Moura (2001), afirma que o nome do bairro teria surgido por conta da existência de uma balsa no formato de uma "plataforma flutuante", que fazia a travessia marítima das pessoas entre Plataforma e Ribeira, na época em que outros meios de transporte, como ônibus e trem, eram precários ou não existiam.

Conforme relatos de Moura (2001), em 1558, o bairro era uma aldeia jesuítica, - a Aldeia de São João, constituída por índios da nação Tupi - os Tupinambás. Esta aldeia situava-se nas Ribeiras de Pirajá e o seu nome foi dado em homenagem a São João Evangelista, cuja festa celebrava-se no dia 27 de dezembro. Em 1560, a aldeia foi destruída após uma rebelião indígena, liderada pelo chefe índio Mirangoaba, que buscava fugir da dominação portuguesa, mas foi reconstruído no ano seguinte pelo padre Gaspar Lourenço e pelo irmão Simeão Gonçalves de Santiago, passando a ser sede religiosa em 1624. O local, onde hoje é o bairro de Plataforma, foi em 1638, de acordo com Serpa (2001), a porta de entrada para a invasão holandesa na cidade de Salvador.

Em 1850, a implantação da estrada de ferro Calçada-Paripe deu início à expansão urbana rumo ao subúrbio ferroviário, sendo construída, em Plataforma, a Estação de Trem Almeida Brandão. A linha férrea, no seu período áureo, trouxe muitos benefícios à população do bairro, como o abastecimento da feira local, com mercadorias que vinham do interior, a chegada da iluminação elétrica, a presença do transporte público e a instalação da fábrica de tecidos São Brás, que proporcionaram o povoamento do bairro de Plataforma e a formação da Vila Operária.

Há outras versões para o surgimento do nome do bairro de Plataforma: uma diz que a palavra *plataforma* significava uma barreira construída para a defesa da cidade de Salvador contra a invasão holandesa, neste local, em 1638. Outra versão aponta que se tratava de um tipo de elevação construído na *Estação Ferroviária*

*Almeida Brandão*, “que permitia a saída dos passageiros do trem para chegar à pista de acesso” a uma fábrica que ali existia (SANTOS, 2014, p. 133). O Subúrbio Ferroviário de Salvador, localizado a noroeste de Salvador (Fig. 2), é composto, atualmente, de vinte e dois bairros, entrecortados pela Avenida Afrânio Peixoto, que faz a ligação do bairro de Paripe ao bairro da Calçada. A avenida foi inaugurada em 1970, de acordo com Santos (2014).

Esta parte da cidade teve as suas primeiras ocupações colonizadoras com fazendas e sítios no século XIX. A implantação da ferrovia em 1850, o desenvolvimento da Avenida Suburbana a partir do final da década de 1960 e a implantação da Fábrica de Tecido São Braz, políticas públicas e transportes, foram elementos propulsores da intensificação do processo de ocupação populacional na região.

Como lembra Gordilho-Souza (2004, p. 12), esses processos de ocupação têm sido retratados como um “ambiente construído com altos índices de precariedade, com o aumento da violência, falta de infraestrutura, deixando grande parte da população que ali reside excluído dos direitos básicos”, enfim, o direito de habitar dignamente.

E, em virtude do Bairro de Plataforma estar localizado no Subúrbio Ferroviário e, portanto longe do novo centro comercial de Salvador, é considerado como área periférica dentro da cidade. Partindo do conceito de que periferias são áreas afastadas do centro, Corrêa (1997, p. 177), define periferia associando o termo à escassez de serviços em uma localidade, como “tempo imposto nos precários meios de transporte, ausência de equipamentos de consumo coletivo, as epidemias constantes”.

O bairro de Plataforma sofre o reflexo de uma política elitista onde os investimentos de infraestrutura se dão apenas no Centro e Orla Marítima, o qual concentra a maior parte da população de classe média alta. Assim, tudo aquilo que deveria constituir o Patrimônio Cultural de seus moradores como as ruínas da antiga Fábrica de tecido São Brás, o prédio da 1ª escola de 1ª grau, Úrsula Catarino, as manifestações religiosas, as festas populares e a própria memória dos antigos moradores do bairro, estão ameaçadas a desaparecer. Atualmente o Parque de São Bartolomeu passou por um processo de revitalização, depois de anos de degradação socioambiental.

Entretanto, há também aspectos que ainda contribuem para o destaque do bairro de Plataforma na cidade e que alimentam constantemente o orgulho dos

moradores pelo bairro, como o famoso restaurante "Boca de Galinha", a travessia marítima Plataforma-Ribeira, além de uma visão privilegiada da Baía de Todos os Santos, que funcionam como pontos de atração de turistas para o bairro. No ano de 2014, o bairro recebeu a 3º Bienal da Bahia, com os trabalhos do Drº José Eduardo Ferreira Santos (o Dinho), denominado *Acervo da Laje*, demarcando a trajetória artística e cultural dos moradores do subúrbio ferroviário de Salvador. Não podemos esquecer também do Centro Cultural de Plataforma, que tem recebido espetáculos nacionais e filmes gravados por artistas locais.

Plataforma é considerada uma referência para o entendimento da evolução do Subúrbio Soteropolitano, pois foi o primeiro bairro a se formar na região, tornando assim a porta de entrada para o interior do subúrbio ferroviário. Sua população, majoritariamente formada por afrodescendentes, se manifesta de múltiplas formas contra os descasos políticos e compartilham de práticas que constituem sua territorialidade (SOARES, 2006, p. 24).

Já o bairro de Itacaranha está localizado entre os bairros de Plataforma e Escada na parte baixa e Alto da Santa Terezinha, Ilha Amarela e Rio Sena na parte alta. O nome do bairro Itacaranha, tem origem indígena, ita = pedra e caranha = espécie de peixe muito importante para os índios tupinambás enquanto habitaram a localidade, antes da chegada dos portugueses na região. O bairro de Itacaranha têm sua história atrelada à história do bairro de Plataforma.

Escolhi caracterizar estes dois bairros (Plataforma e Itacaranha), porque os considero mais importantes, pois foi onde se desenrolaram a maior parte das histórias que irei contar mais adiante. Além disso, já foi identificada, na atualidade, a presença de quintais nestas áreas em pesquisas anteriores por mim realizadas (REIS, 2015).

### 3.2 O RECORTE METODOLÓGICO

Nesta seção serão abordados os conceitos de etnografia e autoetnografia, que foram abordagens metodológicas que possibilitaram a própria construção da pesquisa; os procedimentos, instrumentos e técnicas usadas para coleta dos dados;

os locais e público-alvo; assim, como, também, os aspectos éticos e a forma de interpretação dos dados, através das narrativas e análise das fotografias.

### **3.2.1 Os Procedimentos Metodológicos E Suas Bases Teóricas**

Optei neste estudo, pela realização de uma pesquisa qualitativa e participatória com ênfase no tipo etnográfico, incorporando uma abordagem autoetnográfica. Penso que ambos os tipos de estratégias são apropriadas para o estudo em questão, porque a abordagem etnográfica me permitiu interpretar a narrativa dos membros da família em relação ao seu quintal, enquanto uma autoetnográfica me permitiu analisar minhas próprias vivências em quintais e o reflexo em minha subjetividade.

O estudo etnográfico surgiu do campo da antropologia, principalmente a partir das contribuições de Bronislaw Malinowski e Franz Boas (Creswell, 2007). O objetivo deste tipo de estudo é traçar um quadro holístico do sujeito, dando ênfase às suas experiências cotidianas, não se conformando apenas com o que é dito pelos sujeitos nas entrevistas, mas somando esta ao que é observado pelo pesquisador. Portanto, o ver etnográfico vai além das percepções imediatas e seletivas, deve ser compreendido em seu aspecto mais englobante possível, é perceber o ambiente e todas as relações possíveis, com todos os sentidos. É deixar de fora os vieses e opiniões pré-concebidas, inclusive moldando sua linguagem aos dos sujeitos participantes da pesquisa, sem, contudo, deixar de lado a escrita acadêmica necessária.

Atentei desta forma, para o que Geertz (2008, p. 4) enfatizou: fazer etnografia não é apenas usar um método, como definem os diversos manuais da etnografia, o “que define é o tipo de esforço intelectual que ele representa: um risco elaborado para uma descrição densa”.

Já a pesquisa autoetnográfica, de acordo com Butler (2009), George (2009) e Chang (2007), visa conectar o self do sujeito à sua cultura. É o entendimento que o sujeito tem de si mesmo, o estudo autoetnográfico dá ênfase a três aspectos: a- ser narrativa escrita; b- aspectos da cultura; c- as narrativas do eu. Portanto, deve ter uma orientação metodológica etnográfica, orientar-se numa interpretação cultural do fenômeno (BUTLER; GEORGE, 2009; CHANG. 2007), e também partir de um



conteúdo autoetnográfico. O termo autoetnografia já vem sendo usado há mais de dez anos, mas ainda é pouco inserido em nosso meio. Representa segundo Kock et. al. (2012), “um gênero da etnografia que aprofunda a pesquisa.” O pesquisador é ele mesmo sujeito da pesquisa, que busca na sua consciência suas próprias experiências analisando os aspectos culturais e histórico-sociais do contexto em que vive – *outward* - relacionando-o com uma análise interna de si mesmo, suas emoções e afetos – *inward* (CHANG, 2007, p.216).

Seguindo as orientações de Chang, o passo inicial da pesquisa envolveu a coleta dos textos de campo, pois,

Compor textos de campo ajuda os pesquisadores a se tornar conscientes da natureza limitante da memória de trazer detalhes para o “contorno esquemático da paisagem”. Clandinin e Connelly (2000) concordam que os textos de campo “ajudam a preencher a riqueza, a nuance e a complexidade da paisagem, re-enviando a reflexão do pesquisador para uma paisagem mais rica, complexa e intrigante do que a memória sozinha poderia reconstruir” (p. 83). (CHANG, 2007, p.216)

No entanto, coleta, análise e interpretação autoetnográfica são processos interativos e interligados, frequentemente simultâneas, pois “os significados culturais dos pensamentos do self e comportamentos – verbais e não verbais -, devem ser interpretados em seu contexto cultural”<sup>22</sup>. (CHANG, 2007, p. 219). Assim utilizei como método, as observações de campo, visto que, conforme Chang (2007, p. 37) afirma, “um dos principais elementos da coleta de dados é observar o comportamento dos participantes em suas atividades”. Bauer e Gaskell (2002, p. 14) apresentam a mesma opinião, ao propor uma pesquisa social que vá além das “palavras pronunciadas nas entrevistas”. Observando minha trajetória como pesquisadora e outros pesquisadores sociais tenho percebido o quanto têm ficado “de fora” outras formas de linguagem, como a expressão corporal e a relação dos sujeitos com os objetos de sua casa ou do lugar preferido. Estas observações mostram também que a relação pesquisador-pesquisado é permeada de interpretações que só são possíveis na entrevista se o pesquisador estiver atento

---

<sup>22</sup> “The cultural meanings of self’s thoughts and behaviors—verbal and non-verbal—need to be interpreted in their cultural context.” (CHANG, 2007, p.219).

aos comportamentos “sem palavras” do pesquisado, neste caso, o pesquisador faz o papel de “tradutor” das mensagens. Contudo surgem ainda em mim outras inquietações: Será que está “tradução” é fiel ao comportamento não verbal do entrevistado? Como separar a realidade (fato) da fantasia? O que fazer com o silêncio do participante? O que fazer com meu próprio silêncio?

Por isso, preferi o uso da entrevista narrativa como um aliado indispensável para complementar esta coleta de dados, embora, por si, não represente uma resposta definitiva às questões acima. Podem, entretanto, favorecer uma postura crítica reflexiva no processo de interpretação. No caso, relatos verbais e histórias apresentadas pelos narradores individuais sobre suas vidas e realidades experienciadas. Nas entrevistas narrativas foram utilizadas inicialmente uma pergunta disparadora (*me conte a sua história em quintais*), seguindo o modelo proposto por Schutze (1977), e reeditado por Bauer e Gaskell (2002), que definiram este tipo de entrevista como a reconstrução de “acontecimentos sociais a partir da perspectiva dos informantes, tão diretamente quanto possível” (BAUER & GASKELL, 2002, p.93). O objetivo dessa proposta é furtar a interferência do entrevistador, deixando o participante mais livre para trazer situações importantes do seu modo de vida para a pesquisa.

Vale ressaltar, que esta abordagem narrativa só foi aplicada aos adolescentes e adultos participantes; para abordagem com as crianças foi preciso utilizar outras técnicas, como será detalhada mais adiante.

Os procedimentos de pesquisa adotados durante o trabalho de campo se deram através de observações diretas e registros em diário de campo durante o convívio com a família e que complementaram as entrevistas narrativas. Foram realizados registros da história oral, levantamento socioeconômico da família, além de várias situações informais que também constituíram importantes fontes e trocas de informações.

De modo a preencher as lacunas deixadas pela entrevista e observação participante, em um dado momento da pesquisa, adotei o uso de imagens e tecnologias visuais, como complemento no referido estudo, reconhecendo os limites impostos pelo uso de tais técnicas de pesquisa, os benefícios ao estudo que se propõe, sobrepõem tais temores, como corroboram Campos (2011), e Bauer e Gaskell (2002), no trecho abaixo:

Pela riqueza e extensão da informação prestada, e pela relativa facilidade de aplicação, a fotografia e o vídeo adquirem uma utilidade crescente, impulsionando a inovação dos procedimentos e exigindo um reequacionamento das práticas científicas. Importa, pois, reavaliar o papel destes utensílios bem como a sua capacidade de integração e de renovação dos paradigmas metodológicos validados pela academia. (CAMPOS, 2011, p. 238)

Fazia-se necessário o uso desses instrumentos de pesquisas, de modo que as fotografias e a minha participação em algumas atividades com os moradores foram intencionalmente provocados por mim, ao longo dos seis meses de visitas.

É preciso fazer algumas ressalvas quanto à limitação do processo participativo durante o trabalho de pesquisa, devido à singularidade do espaço objeto de pesquisa – o quintal: em alguns momentos as visitas ficaram mais esporádicas. Devido às fortes chuvas que caíram na cidade entre os meses de abril a agosto, o cronograma planejado para a pesquisa não pode ser cumprido, e precisei fazer novos ajustes, como por exemplo, prorrogar as visitas até o mês de setembro, quando, enfim, pude realizar as atividades propostas com as crianças, membros da família participante. As observações etnográficas também sofreram algumas influências, típicas da pesquisa deste tipo, pois os principais membros participantes “se arrumavam” para me receber, ou paravam suas obrigações cotidianas para tal participação, ainda que eu informasse que não haveria entrevistas naquele momento, queriam ser atenciosos com o pesquisador-visitante, provavelmente. Afinal, a gentileza é um dos traços culturais que marcam nossa gente.

Diante disso, procurei traçar meu próprio caminho associando os diferentes métodos e recursos disponíveis no próprio ambiente, como propor para Leonor, a plantação de uma muda de mastruz <sup>23</sup>que ganhei de uma amiga algum tempo atrás. Como pode ser visualizada na figura 3, a seguir, a participante, à esquerda, está preparando a terra para plantar a muda selecionada para tal atividade. Também com as crianças, me foi proposto por uma das participantes fazer um piquenique no quintal desta família, evento que praticamente se transformou em uma festa, visto que outras duas personagens que não fizeram parte deste estudo estavam presentes: uma sobrinha de nove meses e o sobrinho de treze anos, que de vez em quando frequenta a casa da família Cidreira. Neste piquenique, pude realizar as

---

<sup>23</sup> Mastruz ou mastruço erva crucífera, medicinal. (FERREIRA, 2004, p. 541)

entrevistas com as duas crianças participantes, aqui apresentadas com os nomes fictícios de Isabele, de seis anos de idade (filha do casal José e Leonor) e o primo, - Pedro, de quatro anos de idade. Para obter os dados dessas duas crianças, me apropriei da técnica do desenho com história, leitura de histórias infantis e de brincadeiras infantis do meu tempo de criança, como o jogo de bolinhas de gude, por exemplo. Todas as três atividades estavam ligadas ao quintal.

**Figura 3 – Plantando Mastruz**



Fonte: Acervo Particular

### **3.2.2 Entre o cheiro da hortelã e o gosto da banana: a escolha do quintal estudado no Bairro de Itacaranha**

A escolha do quintal pesquisado se deu por uma auto-indicação de um aluno do CECA<sup>24</sup>, que participava comigo como pesquisador voluntário da pesquisa intitulada “O lugar estratégico da família para a integração de ações e políticas de proteção e desenvolvimento social na região Metropolitana de Salvador-BA.”<sup>25</sup> Ele já havia me informado que sua família morava numa casa em Itacaranha e que tinha um grande quintal. Contudo, outros critérios, também foram determinantes para a escolha dessa família: (i) era composta de quatro integrantes, representantes de duas gerações distintas, ou seja, pais e filhos; (ii) tinha os quatro sujeitos representantes do ciclo vital, ou seja, idoso, adulto, adolescente e criança. Então, em um único grupo familiar, estavam muito bem representados todos os elementos importantes para uma investigação sobre família, ciclo de vida e gerações.

A inclusão de uma pessoa com mais de 60 anos de idade, teve como propósito, obter informações sobre a história mais antiga em relação ao uso do quintal, dos fatores mais ligados à temporalidade e etnicidade, aos hábitos culturais e os significados por eles atribuídos, que têm reflexo na história recente.

A necessidade de estudos com crianças se faz pela peculiaridade do objeto de pesquisa, ou seja, o quintal, como já descrito anteriormente, é o espaço de vivências infantis, por exemplo, nas festas juninas “os quintais tornavam-se então espaços ideais para as crianças armarem suas fogueiras, soltarem seus fogos de artifícios, suas bombas, seus rojões” (MOTT 1997, apud VAN HOLTHE, 2003, p. 68). Alguns pais mais zelosos só permitem que seus filhos pequenos brinquem no quintal. Portanto, a liberdade da infância, a aventura e a descoberta de si e do mundo já se constituem por si só diferenças das formas vivenciadas pelos adolescentes e adultos.

O estudo com adolescentes se faz pela singularidade psicológica deste grupo. Como definiu E. Erikson (1976), citado por Cerveny e Berthoud (2002), nessa fase

---

<sup>24</sup> Colégio Estadual Clériston Andrade.

<sup>25</sup> Trata-se de uma pesquisa coordenada pela Profa. Dra. Maria Cristina Gomes da Conceição do Programa de Pós-Graduação em Família na Sociedade Contemporânea –PPGFSC Superintendência de Pesquisa e Pós-Graduação Universidade Católica do Salvador, no ano de 2014, da qual a pesquisadora é participante.

ocorre a *crise de identidade*. Assim, o espaço do quintal poderá ser palco de vivências dos adolescentes, de acordo com seus motivos, suas crenças e seus valores.

Os membros desta família foram agrupados, para fins de análise, com nomes e sobrenomes fictícios. Assim, temos a participação neste estudo da Família Cidreira, composta por duas crianças (Isabele e Pedro), um adolescente (Ícaro), um adulto (Leonor) e um idoso (José).

A receptividade das pessoas desta família foi muito importante, pois pelo tipo de pesquisa a que me dispus realizar, envolvia duas questões cruciais: a primeira relacionada ao tempo da pesquisa, inicialmente três meses, que se estenderam para seis meses; e a segunda, estava relacionada à necessidade de ser invasiva, pois necessitava do acompanhamento das pessoas no quintal, e também um tempo que deveria ser dedicado às entrevistas narrativas dentro de casa, em alguns momentos. Contudo, a principal e mais efetiva participante, que chamarei aqui de Leonor (38 anos, mãe, adulta), sempre estava disponível para conversa.

### **3.2.3 E eu com isso? Viagem autoetnográfica em quintais**

Todos os participantes do estudo são ou foram moradores do Subúrbio Ferroviário de Salvador/Bahia, na faixa etária de quatro a sessenta anos. Como se tratou, também de uma pesquisa autoetnográfica, eu, enquanto pesquisadora e alguns membros de minha família construída após o casamento (o filho menor e o esposo) que já residiram em casas com quintais em Plataforma e Paripe participaram da pesquisa, assim como uma irmã que já residiu em Plataforma e atualmente reside em Periperi.<sup>26</sup>

Contudo, diferentemente, da família anterior, nesta família, mantive os nomes (ou apelidos) reais, de acordo com o que cada um propôs para este trabalho. Meu filho menor, que tem treze anos de idade, chama-se Mateus, meu esposo (48 anos de idade), gosta de ser chamado por Sales, um dos sobrenomes; enquanto minha irmã (43 anos) gosta de ser chamada de Gleide.

---

<sup>26</sup> Tanto Paripe quanto Periperi são bairros pertencentes à área compreendida como Subúrbio Ferroviário de Salvador, entrecortados pela Avenida Afrânio Peixoto.

Dentro dos pressupostos que adotei acima explicitados, não poderia abordar vivências experimentadas no espaço de quintais, se eu mesma não as tivesse vivido. Pretendia que todos os integrantes da pesquisa tenham vivido ao menos, uma parte das suas vidas em casas com quintais na cidade de Salvador/Bahia.

### **3.2.4 Entre um gole de suco de acerola e uma narrativa**

Em meio às conversas informais, ao deguste de um bom suco de acerola, ou às vezes manga, colhidas ali mesmo no quintal, foram realizadas as entrevistas narrativas, junto à família Cidreira. Elaborei o primeiro instrumento, - um questionário construído com a finalidade de captar a estrutura sociodemográfica (APÊNDICES E/F/G) de todos os membros participantes na família selecionada, buscando perceber a sua organização interna, número de componentes e dados socioeconômicos. O segundo instrumento foi a entrevista narrativa (APÊNDICE H), adaptada do modelo de Schutze (1977) reeditado por Bauer e Gaskell (2002), seguindo as regras propostas pelos autores:

1. Preparação – neste momento será observado o campo de pesquisa e posteriormente elaborarei algumas questões eliciadoras;

2. Iniciação – neste momento com as questões em mãos e/ou alguns elementos visuais, como por exemplo, apontar algum objeto no local da entrevista (quintal), fotos ou vídeos;

3. Narração Central – neste momento o sujeito inicia sua narração e não deve ser interrompido;

4. Fase de Perguntas – ficar atento para os sinais de finalização (“coda”) de modo a fazer perguntas que deem continuidade à narração; evitar o uso do por quê?

5. Fase Conclusiva - complementar a entrevista com algumas perguntas do tipo “por quê?” e fazer anotações.

A coleta de dados foi realizada através de questionário sociodemográfico, observação, fotografia, filmagem, diário de campo e entrevistas narrativas nas residências com quintais da família participante e também o relato autobiográfico da autora e familiares desta.

Compreendendo os dilemas que envolvem os recursos audiovisuais na área das Ciências Sociais, que de acordo com Campos (2011, p. 238), “nunca foi fácil, e continua minada por uma série de dogmas e resistências”. Devemos concordar com Bauer e Gaskel (2002, p. 22), de que a “realidade social pode ser representada de maneiras informais ou formais de comunicar” composta de “textos, imagens ou materiais sonoros”. Com todo o cuidado inerente a qualquer pesquisa científica, penso que devemos, respeitando os princípios éticos,

[...] apelar às tecnologias (áudio) visuais no trabalho de campo. A denominada metodologia visual empregue em diferentes campos de saber, têm vindo paulatinamente a afirmar-se como vias credíveis e legítimas de exploração da realidade social e cultural. Estas tendem a não ser de uso exclusivo de subdisciplinas especializadas, como a antropologia ou a sociologia visual, convertendo-se, cada vez mais, em preciosos auxiliares de investigação em múltiplas áreas. Pela riqueza e extensão da informação prestada, e pela relativa facilidade de aplicação, a fotografia e o vídeo adquirem uma utilidade crescente, impulsionando a inovação dos procedimentos e exigindo um reequacionamento das práticas científicas. Importa, pois, reavaliar o papel destes utensílios bem como a sua capacidade de integração nos, e de renovação dos paradigmas metodológicos validados pela academia. (CAMPOS, 2011, p.238.)

Assim, de modo a superar os possíveis entraves, decorrentes do uso das técnicas audiovisuais, quer sejam, em imagens retorcidas, deturpadas ou angulares, outras formas de observação e a própria entrevista puderam preencher estas lacunas.

No que tange ao método etnográfico, Laplantine (2003, p. 50), afirma que o olhar é uma ferramenta importante para o etnógrafo, portanto, “a observação regular e repetida de pessoas e situações constitui a base fundamental da pesquisa etnográfica”. Para atingir tal intento etnográfico, o pesquisador-participante deverá estar ciente da dialética que envolverá a pesquisa: como pesquisador que necessita se distanciar do objeto de estudo e do participante que deverá se envolver emocionalmente com este objeto, como apontou Laplantine, “o etnógrafo é aquele que deve ser capaz de viver nele mesmo a tendência principal da cultura que estuda” (LAPLANTINE, 2003, p.121). Contudo, quando o pesquisador é um integrante da comunidade, contexto da pesquisa, o desejo de engajar-se como observador participante, é um ponto positivo, como afirma Gil (2000, p. 149): “A descoberta do universo vivido pela população implica compreender, numa perspectiva interna, o ponto de vista dos indivíduos e dos grupos acerca das



situações que vivem”. Portanto pesquisador e participantes não estão em lados opostos, mas interagem interpretando a mesma realidade, objeto da pesquisa, compreendendo pesquisa como “um compromisso afetivo, um trabalho ombro a ombro com o sujeito da pesquisa” (BOSI, 1994, p. 38).

Indo ao encontro ao método etnográfico, a pesquisa autoetnográfica me permitiu uma dupla participação, porque me permitiu também perceber meu próprio “ponto de vista,” analisando, interpretando e registrando os aspectos culturais e sociais ao meu redor. Com isso fica posto que a memória autobiográfica do pesquisador autoetnógrafo e dos demais participantes foi um recurso que articulou memória, self e cultura. Com isso, afirma-se, que o pesquisador e sua família foram participantes ativos no processo de pesquisa, com o mesmo viés que os outros participantes, ou seja, responderam às entrevistas que foram realizadas pelo próprio pesquisador.

Ainda neste momento da pesquisa, as entrevistas gravadas foram transcritas literalmente. Notas de campo e outras anotações foram revisadas regularmente. As fotografias obtidas foram escaneadas ou gravadas em pendrives e celulares e posteriormente transpostas para o computador, sem nenhum tratamento especial de imagens, respeitando às autorizações expressas no Termo Livre e Esclarecidas (APÊNDICE A).

Em meio às conversas, a entrevista acontecia ao falar de coisas da vida, as histórias sobre criação de filhos, a violência urbana, dentre outros temas cotidianos. Assim, surgiam os elementos, as informações que eram garimpadas e transcritas, mais tarde, no diário de campo. No desenrolar das conversas, incluía algumas perguntas sobre o quintal, sobre as plantas e a família, sobre a infância e a adolescência, e assim ia entendendo aos poucos a complexidade do tema quintal e as relações mantidas entre os diversos elementos, tanto sociais e culturais quanto afetivos-ambientais.

### **3.2.5 E não se pode esquecer os aspectos éticos**

O Projeto foi aprovado, sem ressalvas, pelo Comitê de Ética da Universidade Católica do Salvador (UCSAL). Todos os sujeitos participantes da pesquisa estavam cientes dos riscos e benefícios, informados/as através do Termo de Consentimento

Livre e Esclarecido, onde constavam informações sobre o teor da pesquisa, a justificativa, os métodos e técnicas empregadas, seus objetivos, assegurado o sigilo e a possibilidade de desistência em qualquer etapa da pesquisa, sem nenhum prejuízo a este e seus familiares. Portanto, foram firmadas garantias éticas juntas aos participantes da pesquisa, durante todo o processo da mesma visando respeitar sua integridade física e psicológica, inclusive os familiares da pesquisadora que participaram. Os encontros na residência da família eram sempre agendados previamente via contato por telefone, mesmo que os participantes tenham dado abertura para as visitas sem aviso prévio.

Como já foi descrito anteriormente, para fins de análise, foram criados nomes e sobrenomes fictícios, apenas para os integrantes da família Cidreira. Para os integrantes da minha família, foram mantidos os nomes ou apelidos pelos quais eles são conhecidos. Sendo um estudo autoetnográfico, os mesmos concordaram em manter suas identidades reveladas neste trabalho, visto que eu mesma trago minhas narrativas de vivências em quintais, das quais eles também participaram em algum momento.

### **3.2.6 A análise dos dados**

Como se tratou de um estudo exploratório, de acordo com a definição de Creswell (2007),<sup>27</sup> no processo de análise dos dados buscou-se descrever sucintamente os significados que as famílias dão aos seus quintais, buscando interpretar estes significados à luz da Psicologia Culturais Semiótica, trazendo à baliza das discussões os conceitos de *mediação semiótica*, *fronteiras* e *affectivating*.

Neste processo realizei leituras exaustivas das transcrições, das anotações feitas no diário de campo, revi as fotografias cedidas pelos participantes e aquelas registradas por mim nos diversos momentos de observação, além de desenhos feitos por mim e pelas crianças participantes.

---

<sup>27</sup> Creswell admite que *a pesquisa qualitativa é exploratória e útil quando o pesquisador não conhece as variáveis importantes a examinar*. Ele ainda acrescenta que a novidade do tópico ou por falta de abordagens teóricas sobre o objeto de estudo, esta técnica pode ser usada. Disponível em CRESWELL, J. W. Projeto de Pesquisa: Métodos qualitativo, quantitativo e misto. Tradução de Luciana de O. da Rocha. Porto Alegre: Artmed, 2007, p. 38.

Devido ao número reduzido de participantes (nove no total), a perspectiva idiográfica foi relevante na proposta deste trabalho. Para Valsiner (2012), trata-se de uma ciência, ou seja, muito mais que um método de investigação,

a ciência idiográfica constrói generalizações com base na evidência de casos sistêmicos individuais, e aplica este conhecimento generalizado a casos individuais novos – e sempre únicos. Ela põe em prática a idéia filosófica segundo a qual o geral existe no particular, e vice-versa. (VALSINER, 2012, p. 321)

Nesta proposta, o processo compreensivo psicológico precisa individualizar o sujeito, buscando o sentido de sua história no tempo e no espaço vivido, onde pela observação o desvendar científico não se torna uma mera abstração. A importância da abordagem idiográfica, neste estudo, se dá pela necessidade em compreender o significado de contingentes, únicas, e muitas vezes subjetivas dos fenômenos. Os significados atribuídos aos quintais, enquanto espaços vividos são idiossincráticos, ainda que compartilhados por outros sociais. Por exemplo, o senso de liberdade para mim, não é o mesmo quando sentido pelo participante A ou B. Por isso, houve um esforço em obter uma descrição profunda, através das narrativas orais de cada participante, visto como sujeito único, com história de vida que seguiu uma configuração própria para além dos outros indivíduos –os seres humanos são únicos – embora compartilhando o mesmo background geral da cultura coletiva, vivendo suas experiências de vida numa relação afetiva e cognitiva.

Cada pessoa é única em todos aspectos-- geneticamente e fisiologicamente e psicologicamente. Além disso, cada pessoa segue sua / seu próprio caminho único na vida em que ele (a) amadurece, desenvolve, aprende, se adapta, se comporta e tem suas experiências em formas idiossincráticas. No entanto, ao mesmo tempo, dentro do intervalo de variabilidade inter-individuais e intra-individuais (temporal), os processos de organização da vida estão em operação. Pode-se dizer que estes processos genéricos fazem a alta variabilidade possível. Como o modo de vida de todas as espécies depende da sua flexibilidade de adaptação a condições cada vez imprevisíveis do meio ambiente, não surpreende que a variabilidade é o "nome do jogo" em pesquisas biológicas e psicológicas. (VALSINER & MOLENAAR, 2005, p. 1)

Há diversas maneiras de se construir o conhecimento geral (Valsiner 2007; Zittoun, 2009) e para a Psicologia Cultural, os modos de construção de conhecimento

e seus objetos de investigação diferem da maneira como a psicologia tradicionalmente tem feito ciência. O entendimento para realizar a investigação sobre a construção cultural dos significados atribuídos aos quintais está coerente com a visão de estudos qualitativos da ciência idiográfica, que, segundo Molenaar (2009) e Molenaar & Valsiner (2005), baseia-se na generalização a partir das evidências de casos sistêmicos individuais aplicando este conhecimento a novos casos únicos e, assim, atingindo uma generalização que se dá a partir das construções teóricas (modelos teóricos) resultantes. Molenaar (2009) usando técnicas de análise de sinal estatísticos avançados mostrou, a partir de um teste de personalidade, que nenhuma das soluções encontradas para um participante, poderiam ser replicadas, chegando à conclusão de que a trajetória da psicologia seria se aproximar cada vez mais de uma abordagem idiográfica. Sobre este tema, ler Molenaar, 2009, *Um Manifesto em Psicologia como Ciência Ideográfica: Trazendo a pessoa de volta para as áreas científica Psicologia, desta vez para sempre*.

Para apresentar de forma sistematizada um dos modos de construção do conhecimento em Psicologia Cultural, propõe-se a contribuição de Valsiner (2007) que define a Psicologia Cultural como parte da “ciência psicológica que é orientada para descoberta de princípios fundamentais básicos. Portanto, é parte da Psicologia Geral como uma ciência básica” (p.29). Segue um pequeno trecho que resume os princípios básicos dessa perspectiva:

A psicologia cultural inicia pela seleção de uma pessoa considerada individualmente junto à sua participação em instituições sociais. Baseado na análise sistêmica do indivíduo-em-contexto social, um modelo generalizado do funcionamento cultural da pessoa é construído. Esse modelo sistêmico é posteriormente submetido a teste empírico, com base em outro indivíduo selecionado, o que leva à modificação do modelo sistêmico. O modelo modificado é então testado em um novo caso individual selecionado e assim por diante. Junto a esse processo hermenêutico de construção do conhecimento sobre a pessoa como sistema funcionando culturalmente, o modelo generalizado torna-se aplicável idealmente a seres humanos em seu estado genérico. (VALSINER, 2012, p.28)

Assim, concluindo, para o estudo em questão, escolhi duas dimensões para análise sistêmica “dos indivíduos-em-contextos”: a primeira foi baseada nas histórias individuais; a segunda foi baseada nas histórias coletivas das famílias participantes. No entanto, a partir desses dois recortes analíticos, realizei uma terceira análise, de

caráter mais microgenético, utilizando um caso único, e para tal estudo, escolhi o caso de Leonor Cidreira, porque na maioria das observações no local, esta participante estava presente; e ela foi a intermediadora em todos os contatos realizados com os outros participantes, membros de sua família.

A seguir serão apresentados todos os dados obtidos juntamente com os resultados e discussão.

## 4 E FINALMENTE AS HISTÓRIAS

Caminhando e plantando  
e seguindo a emoção.  
Somos nossos quintais  
queiramos ou não.  
No presente da vida,  
futuras construções.  
Somos nossos quintais,  
gostemos ou não.  
Vem está na hora,  
não espere anoitecer.  
Quem planta na vida flores,  
sabe que espinhos também vai colher.  
A vida muda lá fora,  
logo ao amanhecer...

(Paródia criada por Wanderlene Reis. Versão original da canção "Pra não dizer que não falei de flores" do compositor Geraldo Vandré)

### 4.1 O INDIVÍDUO NO ESPAÇO E NO TEMPO

Tudo tem o seu tempo determinado, e há tempo para todo o propósito debaixo do céu.  
Há tempo de nascer, e tempo de morrer; tempo de plantar, e tempo de arrancar o que se plantou;  
Tempo de matar, e tempo de curar; tempo de derrubar, e tempo de edificar;  
Tempo de chorar, e tempo de rir; tempo de prantejar, e tempo de dançar;  
Tempo de espalhar pedras, e tempo de ajuntar pedras; tempo de abraçar, e tempo de afastar-se de abraçar;  
Tempo de buscar, e tempo de perder; tempo de guardar, e tempo de lançar fora;  
Tempo de rasgar, e tempo de coser; tempo de estar calado, e tempo de falar;  
Tempo de amar, e tempo de odiar; tempo de guerra, e tempo de paz.  
(ECCLESIASTES 3:1-8)

O indivíduo, enquanto o ator de intenção, não é livre para operar em qualquer forma que ele ou ela pode imaginar. Eles são limitados pelo contexto e ambiente em que se encontram, e em que devem agir. No entanto, cada indivíduo é único, "ainda que apoiado sobre o mesmo background geral da cultura coletiva" (VALSINER,

2012, p. 56). A percepção é uma atividade, um entender-se com o mundo. Duas pessoas não veem a mesma realidade. Nem dois grupos sociais fazem a mesma avaliação do meio ambiente (TUAN, 1980).

É nesta perspectiva, que introduzo nesta primeira parte deste capítulo, as nove narrativas sobre os quintais, buscando desenrolar as histórias na mesma sequência contadas pelos participantes, ou seja, seguindo uma temporalidade crescente com que se dá o desenvolvimento do ser humano, que vai da infância até a velhice, do ponto de vista de cada sujeito, partindo assim das histórias que ocorreram no passado, que se dão no presente e as perspectivas futuras em relação aos quintais.

Como apontou Fernandes (2002), o passado é reinterpretado no presente, como explicado no trecho abaixo:

Entende-se, então, que os três tempos: passado, presente e futuro estão interligados e que o sentido de reconstrução do passado é dado pelo presente (que o reinterpreta) e essa reconstrução vai reorientar futuras ações. Assim, esses três tempos não são simplesmente continuidades cronológicas, mas se auto-influenciam em um encadeamento de sentidos e significados. (FERNANDES, 2002 p. 83)

#### **4.1.1 Doces Lembranças: Os Quintais De José Cidreira**

José tem sessenta e dois anos de idade, é natural de Salvador-Ba. Tem o segundo grau completo (atual Ensino Médio), diz não ter religião. Foi criado pelos avós maternos, contudo nos finais de semana sempre visitava a mãe e os irmãos. É funcionário público federal, contudo acha “que não é profissão”. Tem dois filhos já adultos do primeiro casamento e uma filha de seis anos do segundo casamento, e cuida do enteado desde que este tinha cinco anos de idade, atualmente com dezoito anos. Mora com a segunda esposa, a filha de seis anos, o enteado e um sobrinho de quatro anos que passa o dia sob os cuidados da esposa. Tem uma grande casa, com dois andares e um subsolo e um imenso quintal com aproximadamente 250m<sup>2</sup> de área não construída.

Diz que começou a plantar e colher, na casa da avó materna, desde que tinha “uns três anos de idade” e que tinha um quintal “imenso”. Adorava subir em árvores.

Considerava-se um menino muito “pintão”, e diz que sempre apanhava porque “aprontava demais”. Acha que tem o “jeito da avó” e percebe que seus dois filhos, do primeiro casamento, também são parecidos, por isso acha que se “entendem”. Foi morar com os avós materno, quando os pais se separaram, ele estava com cinco anos de idade. Com a separação, a mãe precisava trabalhar, então ele precisou ficar sob os cuidados dos avós. Com o passar do tempo, a mãe contraiu novo matrimônio e nasceram os outros dois irmãos, enquanto ele, já crescido, preferiu ficar com os avós. Ao se referir ao pai, fala que não gostava deste porque “ele abandonou a família”.

#### - O quintal na infância

Ao se referir ao quintal da infância diz que é um lugar onde “fazia um monte de arte”. O trabalho no quintal era prazeroso, pois era uma ocupação para “não ficar sem muita coisa para fazer”; em outros momentos “passava o tempo com os carros” de brinquedos que tinha. Acha que quintal é toda a parte que não era cimentado, então divide o espaço livre ao redor da casa em: quintal e área. No entanto, tinha muitas plantas em ambos os espaços.

O quintal eu acho que era a área que tinha frutas a casa do cão lá para baixo era o quintal. Atrás da casa tinha um espaço enorme. Ali era a área de lazer. Tinha até um mamoeiro lá nessa parte lateral que ninguém conseguia subir, a não ser pegando a escada emprestada. Era enormidade...

Dessa forma, José vai citar ao longo de toda a narrativa e a cada momento que evocava uma lembrança, as plantas diversas que tinha em seu quintal da infância, assim como o cachorro que lhe trouxe boas lembranças de menino:

O mamoeiro eu tinha vários. E o que mais? (...)  
No momento eu não estou lembrado. Ah! Tinha o araçazeiro que era junto da casa do cachorro. E eu já o abusava. E ele me marcava e não deixava descer (da árvore em que eu ficava). Mas tinha muita coisa que a gente plantava para comer. Tinha muita hortaliça. E chuchu era obrigado a ter, porque minha avó usava (...), acho que era a pressão dela...



Ele lembra que quem cuidava do quintal em sua infância, era a avó, duas tias e “duas meninas” que moravam junto à família. Eram comuns no século anterior e após o período de escravidão normativa, que as famílias da ‘capital’ trouxessem “meninas” do interior para trabalharem em suas casas como babás ou empregadas domésticas, muitas delas vinham em troca de um salário ínfimo ou de um a promessa de roupa, escola e alimentação. Por trás disso, havia uma ideologia cultural, econômica, política e social, da qual apontam Rizzine e Fonseca (2002) citando Chalhoub (1986) e Rizzini (1997):

Não trabalhar – ou mostrar-se “avesso ao trabalho” - era profundamente repudiado socialmente. Inculcar nas crianças desde a mais tenra idade os valores da disciplina associada ao trabalho era tarefa considerada crucial, visando um futuro civilizado para o Brasil. (CHALHOUB, 1986; RIZZINI, 1997 apud RIZZINE & FONSECA, 2002, p. 15).

E José ratifica em sua narrativa,

Naquela época ela era bem novinha. Devia ter seus quinze ou dezesseis anos. E aí minha avó a trazia do interior e botava para morar lá, pra estudar, para isso, para aquilo, não sei o quê. Na época que ela foi lá para casa eu devia ter uns doze anos. Ela era mais velha que eu e ela passou mais de dez anos lá. Não! Tem um bom tempo. E eu não gravo muito as coisas.

O mesmo aponta outros usos dados ao seu quintal da infância, ele cita que nos dias de sábado e domingo toda a família se reunia na casa da avó: eram “mãe, tios, tias, irmãos e primos”. Desse modo, ele tinha que guardar seus “brinquedos” para que os primos não “quebrassem”. Era no quintal que as brincadeiras das crianças aconteciam. A estratégia usada pelo menino José, era de pegar, para brincar, somente aqueles brinquedos que “já estavam em ‘descartes’, contudo, ainda assim, vê-los quebrados o incomodava muito, e este parece ser um motivo de constante ambivalência, pois ele se situava entre encontros conflituosos e reencontros felizes, e o quintal representava um catalisador como conta a seguir:

Então eu pegava alguma coisa pros meninos brincar, [os primos]. Normalmente era alguma coisa [brinquedo] que já estava em descarte. Aí, daqui a pouco quando eu vi um [dos primos visitantes]

colocando pedras em cima do carro [que emprestei] e que ficava “arrodeando” a casa, eu pensei: Vai arrebentar [quebrar o brinquedo] de vez. Eu tinha que falar com a mãe deles. Aí ela dizia: - Ah! É brincadeira mesmo! Aí eu dizia:- Mas eu quero outro carro! Ele quebrou o meu carro. E ele faz isso de propósito. Aí a minha avó dizia: - Largue o carro de (José) aí. E se sente ali. E você só vai levantar daí quando for embora pra sua casa. Eu lhe disse que não era pra você quebrar nenhum brinquedo dele...  
E aí todo mundo ficava chateado. Porque minha avó dengava o bestão aqui.

[...]

Mas aí, sábado e domingo para gente, era diferente. Que eu via um monte de primos, via os meus irmãos. Mas foi legal!

Não eram só seus brinquedos que eram motivos de conflitos familiares, mas também o próprio quintal:

No quintal e no jardim de vez em quando (um dos primos) passava por cima das plantas, eu me ‘retava’ ...  
Ah! Lembrei! Tinha um pé de ingá lá (no quintal) também, todo mundo subia para tirar ingá. Era um lugar onde (devido ao terreno ser mais elevado que os demais espaços) a gente podia vir correndo e pular (na árvore) ...  
Às vezes se reclamava (os adultos) porque a gente pintava demais.

Percebe-se que para ele, o quintal da sua infância significava um lugar que possibilitava reencontros com seus familiares, principalmente, com seus irmãos e sua mãe, funcionando como uma fronteira que separava a presença da ausência. Possibilitando, desse modo que os processos afetivos funcionassem como uma borda permeando o intervalo de abertura entre o morador e o ambiente (MARSICO, 2013).

Assim, é possível perceber como as coisas funcionam neste microsistema familiar, pelas lentes de José, quando seus sentimentos, afetos e desafetos são projetados no quintal, que passa a “funcionar” como uma fronteira afetiva. Neste sentido, a fronteira evoca a ideia de diferença, e possíveis dificuldades na interação entre o contexto, a pessoa e o ambiente. Como percebi na narrativa de José, quando seus primos quebravam seus brinquedos ou pisavam em suas plantas.

Se a fronteira implica a ideia de separação, ao mesmo tempo, é também o ponto de contato entre diferentes configurações, como citou Marsico (2013), é assim que interpreto a narrativa abaixo:

Eu passei mais tempo da minha vida sozinho em casa, com minha avó minhas tias duas tias que moravam lá. E aí quando a minha mãe chegava lá, às vezes no final de semana, com os meus irmãos, a gente pintava pra caramba.

O lugar mostra-se carregado de emoções, no cuidado do jardim, da horta, mas também, na relação com as pessoas. Assim, a casa de seus avós tinha um grande espaço livre, - o quintal, no qual, provavelmente, era aguardado ansiosamente a visita, tanto por parte dos seus irmãos, quanto dele próprio, que mantinha um laço afetivo com seus familiares. Desse modo, a forma como o quintal (meio ambiente) era significado pela família (não só por José, mas por sua mãe e irmãos), mediava o bem-estar emocional dos sujeitos envolvidos, ou seja, o processo de *affectivation*, como fora por Valsiner (1999; 2014) investigado.

Para este autor, o *affectivation* do outro (pessoa, lugar, objetos) permite o surgimento e a reconstrução da apreensão semiótico-cultural da experiência. Neste sentido, a organização semiótica dos sentimentos é afetiva e cognitivamente elaborada por pessoas que pertencem a um campo cultural que permite a partilha de experiências comunicativas.

Carrière (2013) é também outro autor, estudioso da Psicologia Cultural, que tem abordado em suas pesquisas o tema *affectivation*, como o processo em que as emoções das pessoas são ativadas quando se relacionam com o ambiente. Para este autor, “as pessoas têm necessidades emocionais e o ambiente está definido para “afetivar” essas necessidades, restringindo e promovendo vários afetos” (CARRIÈRE, 2013, p.87). Abaixo, coloco um trecho mais completo, no qual este autor explica melhor este tema:

These actions come with a specific goal in mind – to set the mood, to forget about work, to explore our imagination. The constructions of both how we feel and how we see ourselves are directed by the environment that we have personally created to direct us. In what follows, I seek to elaborate on exactly this point – that the constant construction of identity and emotion is dependent on a goal-oriented affectivation, in which we activate the environment to affect us in a primarily emotion first, cognition second, scheme of construction, which is theorized to be an affectivating mechanism. This will all be shown through interview data of how university students construct the Idea of both being at home and feeling at home in college and within their everyday lives. (CARRIÈRE, 2013, p. 88)

- O quintal no presente

José mora em uma grande casa rodeada de uma imensa área livre, diferentemente, do que ele nomeava de quintal em sua infância, em suas narrativas sobre seu quintal atual, ele considera toda a área livre como quintal: “é toda a parte plantada e que tem ainda coisa a plantar, para mim é o quintal”. As figuras 4, 5, 6 e 7 ilustram bem o que ele define como seu quintal.

**Figura 4 – Vista da casa e parte do quintal (lado esquerdo)**



Fonte: Acervo Pessoal

Na foto representada pela figura 4, é possível visualizar que é a parte do quintal destinado, principalmente, ao cultivo de bananeiras. A casa está situada mais próxima ao fundo, tendo uma grande extensão de terra mais à frente, e na maioria das vezes em que o visitei, o local estava bem cuidado, no qual era apresentado por um dos moradores, principalmente José, uma nova muda plantada em algum local específico. A foto a seguir (Fig. 5), representa o quintal da parte do fundo da casa. Uma grande mangueira se ergue, mas também encontramos bananeiras próximas. Enquanto que a figura 6 mostra a parte da frente, também considerada como quintal. Nesta parte, com uma maior área de extensão, há uma piscina em ruínas, uma área cimentada, também em ruínas, uma mangueira e uma goiabeira mais antiga, mas

também, foi plantado por José, recentemente, um coqueiro, que segundo ele, é da espécie nana (coqueiro anão).<sup>28</sup>

**Figura 5 – Parte do quintal (Fundo)**



Fonte: Arquivo Pessoal

---

<sup>28</sup> A variedade Anã apresenta desenvolvimento vegetativo lento, é precoce, iniciando a produção em média com dois a três anos após o plantio. Chega a atingir 10 a 12m de altura e tem vida útil em torno de 30 a 40 anos. (CUENCA, Manuel A. G. A cultura do coqueiro. **EMBRAPA**: Sistema de Produção, Brasília, nov., 2007. Disponível em: <http://sistemasdeproducao.cnptia.embrapa.br/FontesHTML/Coco/ACulturadoCoqueiro/cultivares.htm>. Acesso em: 09 out. 2015

**Figura 6 – Parte do quintal (Frente) – Há uma piscina em ruínas; uma velha mangueira; uma goiabeira e bananeira**



Fonte: Acervo Pessoal

**Figura 7 – Parte do quintal (lado direito). São cultivados, principalmente, o boldo (A), a cidreira (B) e o capim santo (C)**



Fonte: Acervo Pessoal

A figura 7 mostra a parte do lado direito da casa, onde os moradores plantaram uma horta, local onde encontramos, principalmente, hortelã-miúda, tomateiro e coentro. Nesta área também foram plantados ervas medicinais, como o boldo (A), a erva cidreira (B) e o capim-santo (C).

José não planeja os dias de atividades no quintal, contudo gosta de cuidar do espaço geralmente depois do almoço, se não tiver chovendo, e aos sábados e domingos, e a atividade principal é mesmo o manejo com as plantas e limpeza da área.

Atualmente, José fala que apesar de morar mais próximo de um irmão e uma irmã, não são muitos “ligados”; contudo, cita outro irmão que mora mais distante, em outra cidade, que o visita de vez em quando, mas segundo ele, este irmão, tem uma grande casa e tem quintal, contudo, “não gosta de plantar”, o que lhe parece inadmissível, - “coisa de maluco”, como ele mesmo disse:

Tem várias plantas mais é um buraco que ele faz grande está tudo cimentado e ali ele bota algumas plantas e no fundo ele limpou tanto que botou a cozinha pra lá. Botou uma churrasqueira enorme, aí botou um espaço, como eu fiz aqui com isso, coisa de maluco, ele botou uma piscina também pra os dois filhos dele pra ele e a mulher.

José não permite que nenhum estranho entre no seu quintal, até mesmo para capinar, ele mesmo prefere fazer tal atividade. “Todo o mato que tenho aqui eu gosto de eu mesmo ficar limpando,” disse ele a certo vizinho que se apresentou para limpar o quintal certa vez. Outro dia, ele permitiu que este mesmo vizinho subisse para pegar mangas em seu quintal. No início, logo quando ele e sua família foram morar nesta casa, chegou a ter alguns conflitos com a vizinhança, pois precisou canalizar uma fossa séptica que tinha no quintal, mas que teria que passar a tubulação pelos quintais dos vizinhos, não lhe sendo permitido. No entanto, mais tarde ele revidou tal negativa, precisava fazer a contenção da água que descia do seu quintal e inundava os quintais dos vizinhos próximos, e se negou a fazer, o que gerou certa animosidade entre eles. Contudo, com o tempo os ânimos foram se acalmando e José justifica:

Mas aí, se eu puder fazer amizade, eu faço, mas se tiver também motivo pra eu fazer amizade. Eu não gosto muito, de muita gente em minha casa e nem gosto de ir para casa de ninguém.  
E os que podem entrar toda hora aqui são os parentes de vó. Que a maioria moram aqui por perto e eu já os conheço há muito e tempo, então não vou dizer que não podem entrar...  
Mas eu me chateio se tiver tirando em excesso e depois sair com o saco. Aí não! Tenho que ter uma ideia que isso aqui é meu e não é pra ninguém vir aqui cavar tudo e depois eu não tenho o que tirar.  
Não, eu não sou chegado a muitas pessoas vindo pra cá se não fui eu que os chamei...

- O quintal no futuro

Eu vejo o futuro repetir o passado  
 Eu vejo um museu de grandes novidades  
 O tempo não pára  
 Não pára, não, não pára  
 Eu não tenho data pra comemorar  
 Às vezes os meus dias são de par em par  
 Procurando agulha no palheiro  
 (CAZUZA, 1988, "O tempo não pára")

José, para falar sobre o seu quintal no futuro busca no presente e no passado justificar o estado em que se encontra o mesmo.

O meu grande principal problema é limpar, que na verdade a gente tirou todo o mato que tinha do muro de dentro para fora e às vezes aqui dentro aparece, eu vou tirando...

Ele considera importante o significado que tem o quintal para a sua filha Isabele, de seis anos de idade.

Aí ela [disse]: - meu pai. [ele respondia:] - aí vai lá, vê! Aí ela tira [um tomate]. -Posso tirar [ela pergunta]? [Então] tira esse, tira o outro. E eu acho lindo, era o que eu fazia quando era criança. Eu falava com minha avó. [a avó respondia:] - Vai ver se tem algum tomate bom aí...

Percebe-se que os significados que o espaço tinha em sua infância são transmitidos à sua pequena filha, que segundo sua opinião é "pra ela crescer já vendo a natureza, usando a natureza".

Todo o seu discurso é para assegurar que no futuro ele não "mudará" de crença sobre o lugar e sobre ele próprio: "eu não quero mudar muito não". Nesta fala, José parece ter consciência que as mudanças no lugar estão condicionadas à sua própria mudança, na sua personalidade, principalmente, assim, o mesmo vai buscar na estabilidade financeira, a sua estabilidade emocional.

Aí, aos poucos eu vou fazendo pra não 'atropeçar' (sic.). Eu não gosto de ficar 'atropeçando' (sic) e nem que tenha que um dia ficar pedindo dinheiro emprestado aos outros. Não! Porque fica apertado [sem dinheiro] com isso. Não! Eu só boto aonde minha mão vai. Se eu não puder comprar uma caixa de cerveja pra eu tomar aqui eu não quero tomar latinha também. Aí eu deixo no dia que eu tiver com



dinheiro, eu vou lá e pego. É mais prático. E aqui eu quero, um dia, ter todos os tipos de plantas que eu puder comprar e vê lá brotando.

José considera seu quintal um “ótimo espaço” que foi encontrado com certa estrutura que lhe agradou profundamente, mas que também tem lhe possibilitado colocar algo de novo e que lhe identifica como pessoa.

E quando eu cheguei, já tinha um monte de coisa que para mim é ótimo! Manga, carambola e outras coisas, bananeira pra caramba e aí em cima disso que eu estou melhorando; já consegui comprar várias mudas de côco anão.

[...]

A quantidade de laranja eu vou aumentar, de tangerina eu quero aumentar. Mais aí eu comprei uma amostra de cada, pra ver como vai se posicionar o terreno. Aí, depois quando a gente vê que naquela área tá dando isso a gente vai comprando e botando naquele espaço. E eu tenho que procurar um lugar para fazer as minhas hortas né. Só que aqui tem que comprar muito adubo. Porque tem mais massapê. O espaço para mim é um espaço gostoso eu quero aumentar mais...

Ter um quintal tão imenso e bem cuidado é um orgulho para José, que se refere a como as outras pessoas se “espantam” e se “admiram” com este espaço.

Então a gente tá num lugar quase que divino. [...]  
Certa vez parou uma moça aqui em frente ao portão...  
[falou assim:] Olha moço, não leve a mal não viu, mas é que eu fico namorando com essa casa. Ela disse: - o senhor está no paraíso!

A apropriação do espaço envolve processos. Nos processos simbólicos, destacam-se as diferentes formas com as quais a pessoa se identifica com o seu entorno, valoriza e preserva o lugar e os processos afetivos estão relacionados à atração ao lugar e se este lhe proporciona bem estar pessoal. A importância de todos estes componentes teve suas variações durante o ciclo de vida de José, como aponte em suas narrativas.

#### 4.1.2 Ah! Eu tive infância: os quintais de Leonor Cidreira

Leonor Cidreira tem trinta e oito anos de idade, é natural de Salvador, Bahia, é casada com José Cidreira. Cursou até a 4ª Série do Ensino Fundamental, diz não ter religião, mas sua mãe era católica. Foi criada com os pais, mas sua mãe faleceu quando ela tinha quatorze anos de idade, ficando apenas com as duas irmãs e o pai; teve dois irmãos que também faleceram ainda crianças. É dona de casa, mas já trabalhou “fora” antes do casamento atual. Teve o primeiro filho de um “outro rapaz”, este filho atualmente tem dezoito anos de idade, e do segundo casamento tem uma filha de seis anos, além de cuidar da família, cuida também do sobrinho de quatro anos, que fica o dia inteiro em sua casa, só indo para a casa dos pais à noite e nos fins de semana. A casa tem dois andares, e um subsolo, na parte superior ficam alguns quartos e uma grande área coberta. No térreo ficam dois quartos, uma ampla sala e uma pequena cozinha. O subsolo é dividido entre a casa do cachorro que pertence à família e outra maior onde serve de depósito.

O quintal é amplo, plano e rodeia toda a casa, sendo maior na frente, menor nas laterais e fundos. Há algumas árvores, como bananeiras, mangueiras, abacateiro, goiabeira, coqueiro, laranjeira, além de algumas mudas plantadas em vasos, como pinha, dentre outros. Em outro espaço, na lateral direito da casa, há uma pequena horta, onde estão plantados tomates, pimenta, capim-santo (capim-limão), cidreira, boldo, hortelã grosso, hortelã miúdo, quiabo, dentre outros. Na parte maior, há uma piscina desativada (construída pelo antigo morador), uma área no formato de uma pequena quadra de futebol, em ruínas, um banco construído de alvenaria e piso cerâmico (mesmo material da piscina). Nesta parte do quintal é possível observar que há pouca plantação (árvores e outras) e apesar de ter muito mato, percebe-se que há o cuidado em não deixá-lo crescer muito, como é possível visualizar na figura 8, a seguir.

**Figura 8 – Parte do Quintal (Frente) da casa de dona Leonor**



Fonte: Acervo Pessoal

Leonor é uma mulher afrodescendente, estatura mediana, muito sorridente e de aparência jovial. Começa suas narrativas dizendo que gosta muito do seu quintal, porque gosta “muito de espaço”, gosta da “natureza”, “do verde”. E isso é percebido, quando ela é convidada por mim, a plantar duas mudas de mastruz que levei para ela, logo após ‘um passeio’ pelo quintal. A escolha desta estratégia foi bastante conveniente, porque a pesquisa etnográfica busca perceber o ambiente e todas as relações possíveis, com todos os sentidos, deixando de fora os vieses e opiniões pré-concebidas, inclusive moldando a linguagem à dos sujeitos participantes da pesquisa (SOUSA & BARROSO, 2008). Foi assim que a estrutura narrativa da participante foi surgindo, e o seu quintal revelado como um recurso simbólico que a ajudou a entender seu próprio processo de desenvolvimento.

## - O quintal na infância

“Não esqueçamos que a memória parte do presente, de um presente ávido pelo passado” (BOSI, 2003, p. 20). Assim vão surgindo, pouco a pouco, nas narrativas de Dona Leonor, o papel que o quintal exerceu na sua vida.

Ah! Eu brincava demais! Eu falo até hoje:- a minha infância a gente dormia de porta aberta, lá no quintal, minha mãe fazia casinha com as palhas das bananeiras, a gente brincava, tinha vez da gente dormir, ela chamando a gente pra botar em casa, no fundo do quintal, minha irmã, minhas amigas, todo mundo, ah era bom demais (muito sorridente, olhos lacrimejam) ... (suspiros) Ah! Essa infância pra mim foi tudo, se eu for lembrar-se de tudo, vai ser um jornal (risos). Ai, foi muito bom, tive infância, eu brincava de pular corda, de esconde- esconde, não tinha medo de nada, a gente ficava assim à vontade. Eu, minhas irmãs, minhas amigas, a gente ia à casa de um vizinho, passava uma tarde, essas coisas. Hoje em dia não dá pra você deixar seu filho ir à casa de um amigo, que não sabe o que vai acontecer lá, e antigamente não, antigamente... Eu digo: - Meu Deus, eu tive infância viu, brinquei muito...

Percebe-se que Leonor teve uma infância marcada pela vivência nos quintais, onde as brincadeiras proporcionavam um sentimento de pertença e coletividade, que pode ser qualificada como positiva, o que a leva a tentar reproduzir no presente aquilo que entende como sendo mais importante para oferecer às gerações mais novas, seus filhos principalmente, como mãe, oferecendo condições para a vivência de experiências semelhantes, orientadas pelas crenças que tem de infância e de ser criança. Para Benjamin (1987, p. 253), é através do brincar que a criança ressignifica seu mundo, colocando-se em outro lugar. Destaca-se que “está na brincadeira a origem de nossos hábitos por isso o brincar é um ato cultural”.

Em sua fala regulada pelo afeto, a narradora demarca seu processo de esquematização da memória. Esse processo tem início quando a mesma busca na memória algo semelhante ao que está vivenciando no momento da entrevista, durante o “passeio” pelo quintal: “hoje em dia não dá pra você deixar seu filho ir à casa de um amigo, que não sabe o que vai acontecer lá, e antigamente não, antigamente...” Ao reconstruir esses significados “presente – passado,” ela cria e internaliza suas versões pessoais de um suposto mundo melhor, que já existiu no

seu tempo de criança, mas que atualmente não existe mais, complementado por um futuro incerto.

A narradora tenta de algum modo recriar este passado, através do brincar, para oferecer à sua filha um bom lugar para se viver, revelado em seu comentário seguinte: - “eu tento hoje, fazer com minha filha, o mesmo, eu brinco com ela de boneca, eu invento fazer casinha (...), pra ela viver um pouco daquilo que eu vivi né (sic), pra ela não ficar adulta antes da hora (...)”. É numa perspectiva de um futuro melhor para sua filha, que Leonor age no aqui-e-agora mediada pela brincadeira.

Desse modo, o brincar no quintal surge como um mediador semiótico, organizando os significados de tempo passado-presente-futuro.

Prosseguindo suas narrativas sobre sua infância, ela aponta o brincar como um significado ligado ao lugar vivido.

Minha infância em quintal foi minha infância toda né! Toda foi no quintal. Tinha irmãos, eram cinco comigo, três meninas comigo e dois meninos, mas era muito bom, todos os cinco. Todos brincavam no quintal, eu fui uma criança que brincava, curtia muito, se distraia muito né, então eu tive uma infância boa, em vistas de hoje, a minha foi perfeita.

O quintal permite recuperar algo passado e perdido em um presente transformado, mas que assim mesmo pode apontar para um futuro. O quintal fica carregado de significações que expandem no tempo, e marca a ‘perfeição’ que só pode ser obtida imaginariamente, no ontem ou no amanhã.

Pensando em suas múltiplas características (física, perceptual, cognitiva e afetiva), o espaço tem um papel de promotor de significados socialmente construídos, que promovem um bem-estar psicológico, como sugeriu Kharlamov (2009). Como propuseram Fine & Fields (2008, p. 141), citados por Valsiner (2009, p. 10), ao discutirem sobre o papel do sentimento e pensamento nos sistemas de mediação, “não é apenas que a interação acontece como se estivesse em um palco, mas também que a interação é ritualizada” nos modos e nos costumes transmitidos pela narradora aos seus entes queridos. Não obstante as características particulares são projetadas no espaço do quintal, buscando assim regular as interações sociais e fortalecer o sentido de pertencimento a um lugar pré-determinado, como expresso no trecho abaixo:

Vou puxar a cozinha e embaixo vai ficar aquele espaço e a cozinha, a gente vai bater uma laje, vai jogar a cozinha mais para cá e do lado eu vou fazer uma areazinha de lazer. Ah! “Eu acho legal, às vezes tomar um cafezinho no fresco, olhando assim os verdinhos...”

Esta narrativa acima é mais bem entendida ao visualizar na foto (Fig. 9): uma parte dos fundos e do lado esquerdo da casa são áreas consideradas como quintal; subindo a pequena escada tem-se acesso à cozinha (A) e abaixo dela, a casa do cachorro, (B) e a outra parte, (C) um local onde são guardadas as ferramentas de uso no quintal, assim como, também, as frutas colhidas em processo de amadurecimento, que serão consumidos pela família ou doados aos vizinhos e parentes. É nesta parte do quintal, que Leonor pretende ampliar a cozinha de modo que abaixo dela seja criada a “areazinha de lazer” para ela e sua família.

**Figura 9 – Parte do quintal (lado esquerdo) da casa de Leonor. Cozinha (a), a casa do cachorro (b) e o local onde os moradores guardam as ferramentas e frutas**



Fonte: Acervo Pessoal

Bachelard (1974, p. 202) coloca o espaço como centro no ato de lembrar. Para ele, o espaço é o cenário que mantém os personagens no seu papel dominante “no teatro do passado que é a memória”. Contudo, percebe-se que há, em toda a narrativa de Leonor, um movimento constante do passado em direção ao presente e ao futuro.

Ela atribui o significado afetivo de “gostar” do quintal, à forma como lhe fora transmitido em sua infância, justificado pelos cuidados que sua mãe tinha com ela e seus irmãos. Dessa forma, também, ela transmite este significado para seus próprios filhos.

Minha mãe botava pra gente cuidar [do quintal] junto com ela, então todo mundo cuidava junto do quintal, minha mãe e meus irmãos, como não eu não vivi com meu pai não [este não participava] ...

[...]

Na infância dele [meu filho] tinha quintal, por isso ele gosta de plantar, ele gosta de limpar, ele também teve infância, em quase todas as casas que eu morei, só em duas não tinha quintal...

#### - O quintal no presente

Leonor ao longo da narrativa sobre os significados que o quintal tem na atualidade revela uma memória retrospectiva: o passado é o pilar que tem sustentado a sua vida presente, assim surge na sua relação com a sua filha, o manejo com as plantas e os afazeres domésticos.

Ah! Aqui é muito bom! Outro dia a gente fez um piquenique aqui, botei um lençol, limpei tudo, a gente ficou aqui em baixo [da mangueira]. Passei a tarde toda fazendo piquenique com as crianças, [...] Ah! Comiam salgadinho, comiam pipoca e corriam, porque adoram correr isso aqui viu, correr é com elas mesmas. Ontem eu botei a piscina (de plástico), tomaram banho de piscina, ficou o dia todo na piscina, não tirei foto não, mas temos outras fotos que já tiramos deles brincando na piscina.

[...]

O presente é um feixe de luz, que atravessa muito rapidamente o passado a caminho do futuro. Neste sentido, o uso de signos, que, remetendo aos sentimentos e afetos construídos, permitiu Leonor interpretar o ambiente, ao mesmo tempo, relacionar suas experiências no presente com experiências passadas e expectativas

de futuro, de maneira que o seu espaço se tornou dinâmico e interativo, evoluindo e se desenvolvendo junto com ela e seus filhos (MATOS, 2013).

O “processo de abstração envolve a experiência (passado - presente) e a imaginação (presente - futuro), num tempo irreversível” (VALSINER, 2013, p.63; ABBEY, 2012, p.990). Assim pelo uso de signos, afirma Valsiner (2012, p. 55), as pessoas podem transcender qualquer contexto no tempo presente, “se apropriando de significados subjetivamente construídos”.

É o que se pôde perceber nas narrativas de Leonor, quando ela se referiu às perspectivas futuras em torno do seu quintal.

#### - O quintal do futuro

Leonor tem muitas expectativas com relação ao seu espaço. Assim em seu projeto de vida no lugar, é evidente o aspecto estético, onde o horizonte se desenha numa verdadeira reforma paisagística, onde o “verde” dará a cor às vidas que ali se desenvolvem, como expresso na afirmação abaixo:

Ah! Eu quero assim: quero a piscina pronta; quero a quadra dos meninos, que é área de lazer, que é naquele espaço que te mostrei; e os outros eu quero tudo bonitinho, as gramas todas bonitinhas, pra gente curtir legal né, pouco mato, mais grama e mais árvores.  
[...]

Mas, se tudo que eu plantei der fruto, minha filha vai ter bem mais. Já plantei laranja, tangerina, limão, umbu, goiaba, mesmo que já tem, mas eu plantei outra, pés de côco e quanto mais, melhor. No futuro é ampliar minha cozinha, bater uma laje, e botar tipo uma área de serviço, que pra gente fica melhor né, utilizar mais a área de serviço, do que a cozinha. Só na mente...

Corroborando com as conclusões de Kharlamov (2013; 2009), onde as características físicas, perceptual, cognitiva e afetiva do espaço promovem um bem-estar psicológico, percebe-se que Leonor busca um significado pessoal do quintal que se confunde com sua própria vida. Uma relação verdadeiramente “topofílica” nos termos empregado por Tuan (1980, p. 5), onde topofilia é o “elo afetivo entre a pessoa e o lugar ou ambiente físico”. Com base em reflexões como essa, observo que a identificação com o lugar promove a capacidade de se vincular afetivamente a



este, promovendo o apego a este. Isso surge nas narrativas de Leonor, quando diz: “este espaço, é tudo que eu gosto, sem ele eu não sei o que seria de mim não”.

#### **4.1.3 Um lugar ao sol: os quintais de Ícaro Cidreira**

Ícaro é um adolescente que completara dezoito anos de idade, nasceu na cidade de Salvador, Bahia. Estudou sempre em escolas públicas, e acaba de ingressar numa Faculdade Pública na cidade de Salvador. Um jovem de estatura mediana, magro, que se autodenominou negro e sem religião. Mora com a mãe, o padrasto e a irmã Isabele de seis anos. Diz que se mudou cinco vezes de residências. O pai mora próximo com seus três filhos do segundo casamento, enquanto que Ícaro sempre morou com a mãe, contudo, a relação entre Ícaro e o pai é de um certo distanciamento. Tem uma avó paterna que pouco visita e um avô materno que segundo ele, “a relação é muito distante”. Diz que o lugar onde mora é muito tranquilo e compara com a vida no interior, onde “a vida é muito boa, muito tranquila”, onde não há “preocupação na cidade com engarrafamento, e todo mundo se conhece”.

##### **- O quintal na infância**

Ícaro inicia suas narrativas falando desde seu nascimento, quando morava apenas com a mãe, as tias e as primas, e diz que já nasceu “muito ligado ao quintal”. A segunda residência, no mesmo bairro, também tinha um pequeno quintal, onde Ícaro viveu boa parte da infância. O quintal para ele significava “lazer”, era onde ele brincava com as primas. Sua vida começa a mudar, pois, ele já com cinco anos de idade, a mãe casa-se com José Cidreira e, ainda grávida, resolvem morar em um apartamento em um bairro mais próximo do centro da cidade. Contudo, como a mãe não conseguira uma vaga em uma escola, Ícaro foi obrigado a ir morar com as tias, que também moravam no Subúrbio, próximo à escola onde ele estudava, até que surgisse uma vaga numa escola próxima à nova casa.

A partir desta narrativa surge um novo contexto, onde o quintal por não existir mais, ganha um significado novo:

Na casa da minha tia não tinha quintal, então foi um momento, um ano na minha vida muito complicado porque eu sempre fui acostumado muito com espaço. Eu sempre tive meu espaço! Pela criação de minha mãe, nunca fiquei muito na rua. Então, não me sentia à vontade ficar saindo toda hora na rua. Então, que eu precisava do meu espaço em casa, acabou que não tinha.

Então a história ganha um novo desfecho, quando a mãe de Ícaro consegue no ano seguinte uma vaga numa escola mais próxima. Neste novo lar, apesar de ser um apartamento, havia um terreno ao lado do prédio “bem grande”, onde provavelmente haveria uma nova construção, mas enquanto isso não acontecia era o lugar preferido de Ícaro. Contudo, o menino não estava feliz, pois em suas palavras, “não era como a gente queria, porque você ter um quintal você planta, e tem toda a autonomia sobre aquele espaço.”

Para diminuir um pouco o sentimento de desamparo em relação à ausência do quintal, ele e sua família sempre visitavam uma tia no subúrbio que comprara uma chácara, geralmente isso acontecia nos finais de semana e no período do Carnaval, a partir desse momento, aumentou o sentimento dele e da família de que precisavam de um lugar semelhante.

Então a gente acabou gostando e conseguimos também uma casa grande com garagem e quintal que era basicamente o que a gente precisava e daí nós mudamo-nos pra cá de novo e sempre e todas as casas sempre com quintal.

Ícaro considera que sempre foi “um bom menino”, que nunca deu “muito trabalho” para a mãe, nunca foi “um menino teimoso”.

Sempre fui muito obediente. Nunca dei problema na escola, sempre gostei realmente de estudar. É claro que toda criança sempre desobedecia e às vezes realmente tinha que ser chamado à atenção. Mas acho que na infância não dei tanto trabalho assim não...

Na infância o que ele mais gostava de fazer no quintal era brincar com o cachorro e com as primas. Era pega-pega, fura-pé, peão, futebol. Neste momento surge a importância em sua vida da interação com sua mãe, tias e primas, a figura feminina foi marcante em sua vida na primeira infância, até os cinco anos de idade, quando sua mãe contrai matrimônio com o seu José. Como revelado no trecho abaixo:

...nunca fui solitário, tinha minhas duas primas que brincava então a gente tinha que adaptar minhas brincadeiras com as delas. Adaptar assim, minha mãe realmente nunca me deixou andar na rua, então eu fui criado na casa com duas meninas. Então a gente fazia o quê? A gente brincava de casinha, os meus bonecos eram os esposos das bonecas delas, a gente fazia piquenique, então sempre conciliava os dois, a vontade dos três. Eram três sempre conciliava a vontade um pouquinho, brincava um pouquinho de cada, pra não ter essas desavenças. Eu queria brincar de pega-pega, a gente brincava de pega-pega, se ela queria brincar de casinha, pegava a casinha, brincava um pouquinho de cada.

Mas também não era só de brincadeiras que viviam as crianças! Ícaro tem consciência do que, como criança, poderia fazer e o que também não poderia fazer, assim, compartilhava a lida com o quintal de diversas formas: “limpava as folhas, juntava as folhas pra jogar fora”, mas também não podia usar o facão e a enxada, porém com o ancinho tirava as folhas, “se tivesse alguma garrafa espalhado, limpava de alguma forma”, também plantava e “sempre teve essa ligação de muito cultivo, cana, tomate, pimentão, abacate, a gente plantava”.

Apesar da convivência e referências femininas, ele tinha bem delimitado as tarefas que pra ele eram de menino, por exemplo, ele cita:

...eram três crianças, aí o que acontece? Na parte de jogar o lixo fora, do lado de fora, era minha, aí uma ficava com a parte de juntar, a outra pra molhar as plantas, todo mundo ajudava, mas a parte de jogar o lixo fora, que exigia mais esforço, realmente era minha, ir pra rua, botar no carro de mão, botar as folhas no carro de mão e jogar fora era a minha parte.

Nas brincadeiras também aparece esse significado atribuído ao gênero:

Eu gostava muito de pega-pega, realmente era mais agitado entendeu? Ia pra lá, vinha pra cá, se escondia numa árvore, a gente subia na árvore, depois se escondia no mato (...), esconde-esconde também, num mato, numa árvore, a gente ia e se escondia...

- O quintal no presente

Atualmente, sendo um adolescente, Ícaro não realiza as mesmas brincadeiras no quintal. Contudo, as atividades desenvolvidas com relação ao trabalho, ainda permanecem as mesmas. O jovem desenvolveu um senso de lugar que vai além do

espaço físico cultivado, como se aprender a lidar com o lugar fosse o mesmo que aprender a lidar com a própria vida.

Hoje, planto muito e cuido do meu cachorro, então o quintal hoje pra mim é o meu refúgio. Assim, este espaço, quando eu quero ler, pego uma cadeira numa área com sombra... quando vou brincar com o cachorro, o quintal significa muito pra mim, acho que na vida a gente tem que saber que planta hoje, semeia hoje, cuidar pra colher amanhã. Tudo na vida a gente não vai colher se não plantar.

A vizinhança é vista com certo distanciamento, o quintal, ao mesmo tempo em que aproxima os moradores, por exemplo, quando caem galhos das árvores no lado das casas dos vizinhos, ou mesmo os frutos, como mangas e bananas, também o distanciam pelo tamanho do espaço e, devido talvez, à centralidade da casa neste espaço, causando também um distanciamento psicológico. A imponência do espaço parece transmitir um ar de superioridade, num local onde a maioria das casas se espreme umas nas outras.

Os vizinhos admiram muito, quando vêm, falam: - Ah! Que quintal grande! Mas não tenho contato com os vizinhos por causa do quintal, só com esse colega mesmo aqui do lado, mas eu não me preocupo muito com isso não - relação interpessoal -, não tenho ligação próxima com meus vizinhos não.

O jovem percebe a rua como um lugar bem estruturado e sem problemas, como por exemplo, os alagamentos que são comuns na cidade. Chama-lhe a atenção que há certa “organização”, pois comenta que, “não tem uma casa em cima da outra como a gente ver por aí”. Contudo, observei que há casas de dois andares, como se pode ver na ilustração abaixo (Fig. 10). Deste modo, tentando entender o que o jovem se referia, lembrei-me que há outra parte do bairro, cujas construções são totalmente desordenadas, como mostro na ilustração 11, que numa percepção imediata, parece que as casas estão “uma em cima da outra”.

**Figura 10 – Rua em Itacaranha, próxima à Praia de Itacaranha.**



Fonte: Acervo Pessoal

**Figura 11 – Vista parcial do Bairro de Itacaranha. Parte entrecortada pela Avenida Afrânio Peixoto.**



Fonte: Acervo Pessoal

### - O quintal no futuro

Nos espaços e lugares os sujeitos desenvolvem suas histórias. Na vida humana, os espaços e lugares são experienciados e interpretados como imagens de sentimentos complexos, muitas vezes ambivalentes, como sugere Tuan (1983). Assim as narrativas de Ícaro sobre seu futuro e conseqüentemente do seu quintal, se dividem entre o real e o imaginário.

No futuro, penso em ter uma piscina e estamos pensando em fazer uma quadra poliesportiva. Na verdade eu quero misturar paisagismo, deixar o lugar bonito, com uma coisa útil, que é permacultura (ou seja), agricultura permanente. (A forma) como uma planta ajuda a outra, na própria seleção natural das plantas. Hoje, no mesmo lugar que eu planto tomate, poder plantar pimentão, porque muitas vezes, a praga que dá no tomate pode matar ou se alimentar da praga que dá no pimentão [...] então, eu quero conciliar o pouco que aprendi com permacultura, com a paisagem em si. É uma chácara! O quintal é grande, mas, mesmo assim, é a nossa casa, portanto, quanto mais arrumado e útil tiver, melhor [...] você entrar no quintal e ver uma área bonita, organizada eu acho isso interessante.

Para as pessoas, de um modo geral, a natureza e a sociedade devem ser ordenadas, organizadas e harmônicas. Como sugere Tuan (1983, p.99), “todas as pessoas requerem do seu ambiente uma sensação de ordem e de boas condições”. Nesta narrativa acima, percebe-se esta crença, onde os significados transitam entre uma visão pragmática e idealista do jovem, ou seja, onde se misturam valores como beleza e um senso de utilidade que são signos que circulam entre o sentimento e o pensamento. No trecho abaixo, este autor tece esse comentário:

Sentimento humano não é uma sucessão de sensações distintas; mais precisamente a memória e a intuição são capazes de produzir impactos sensoriais no cambiante fluxo da experiência, de modo que poderíamos falar de uma vida do sentimento como falamos de uma vida do pensamento. (TUAN, 1983, p. 11)

Ícaro tem desenvolvido um sentimento estético, talvez, pela influência da mídia, da escola e de outras vivências fora do contexto do Subúrbio onde mora, mas também, por sua própria condição sócio educacional (estudante de uma graduação), ele adquiriu um desejo de se inserir nesta nova era mais tecnológica, acessível às

camadas médias e altas da sociedade, onde imperam a constante busca pelo conforto, quando outras necessidades mais básicas já foram supridas.

O enredo traçado por Ícaro tem um desfecho com a sua percepção de um futuro um pouco mais distante, quando ele projeta em sua imaginação o momento em que, ao se casar e ter filhos poder transmitir o seu modo de se relacionar com o lugar.

...fui aprendendo com a minha mãe, que primeiro a gente cultiva, a gente semeia, precisa regar aquilo que a gente semeia pra poder colher amanhã, eu acho que os quintais fazem parte. Eu quero que, quando eu tiver meus filhos, passar essa mensagem pra eles. Não sei se eles vão gostar da mesma paixão que eu tenho por quintal, vou tentar passar pros meus filhos. Amanhã ou depois eles possam ter essa mesma paixão e passar pros netos.

#### **4.1.4 Um lugar para brincar e ser feliz: os quintais das crianças Cidreira**

Isabele Cidreira é uma garota de seis anos de idade, nasceu em Salvador, Bahia, filha de Seu José Cidreira e Dona Leonor Cidreira. Segundo a sua mãe, Isabele nasceu quando eles se mudaram para um apartamento num bairro do centro da cidade. Ela é uma menina franzina, estatura baixa, cabelos pretos, compridos e cacheados, de olhar meio desconfiado, sabe ler e escrever, está cursando o 1º Ano do Ensino Fundamental, numa escola particular, do bairro.

Por sugestão de Isabele, realizamos um piquenique no quintal. Sua mãe já tinha me falado que gostam dessa atividade; de vez em quando, ela e as crianças passam as tardes embaixo do pé de manga, onde colocam brinquedos e gulodices.

Realizamos esta atividade, porque as crianças estavam ansiosas em participar da pesquisa. Isabele levou suas bonecas preferidas, alguns livrinhos de histórias, um barquinho de madeira, que ela diz sempre acompanhá-lo nas brincadeiras, e alguns bichinhos de pelúcia também. Providenciamos algumas gulodices: um bolo especialmente para esta ocasião, assim, também, como Leonor (mãe de Isabele), fez seus quitutes preferidos, como coxinhas e quibes. Também foi servido um suco de manga (colhida no próprio quintal).

A menina fez leituras para nós, como se visualiza na figura 12 a seguir: Ela mesma escolheu um livrinho de histórias infantis, que faz parte de sua coleção. Ao redor, algumas árvores complementavam a paisagem e o contexto, oferecendo-nos sombra, ar fresco e muita tranquilidade.

**Figura 12 – Isabele Cidreira lendo historinhas infantis**



Fonte: Acervo Pessoal

Num outro momento, sugeri que as crianças fizessem um desenho do quintal. Assim, Isabele fez um desenho do quintal e falou sobre o desenho. Na foto a seguir (Fig. 13), a menina desenha, enquanto, de vez em quando pára a atividade, para fazer alguns gracejos, ou incomodar o primo Pedro, que também participava das atividades.



**Figura 13 – Isabele Cidreira desenhando o quintal**



Fonte: Acervo Pessoal

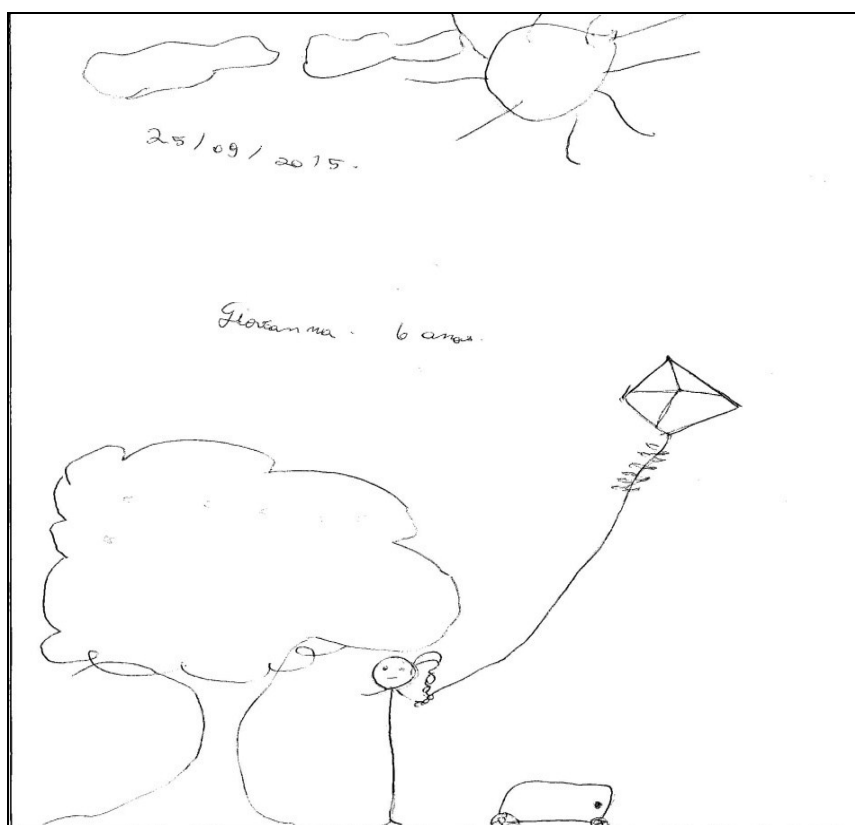
Isabele faz um desenho de si mesma empinando uma pipa, ao lado de uma grande árvore que ela diz ser um pé de mangueira, também um carrinho de brinquedo, nuvens e o sol, são colocados em seu desenho. Enquanto desenha, ela diz: “Olhe eu empinando raia. Aqui sou eu, aqui é o carro, o sol, a nuvem e a árvore, e a pipa.” Como pode ser visualizado na foto (Fig. 14), a menina preferiu utilizar um lápis preto, e não quis pintar o seu desenho.

Durante as visitas, observei que Isabele gosta de brincar com suas inúmeras bonecas, quando está dentro de casa. A menina tem um quarto reservado somente para seus brinquedos. Contudo, quando está no quintal, sempre em companhia do primo Pedro (4 anos), ela gosta de se envolver em outras brincadeiras, como correr e empinar pipa, principalmente quando o primo mais velho (irmão de Pedro de treze

anos), inicia tal atividade. Talvez, por isso a garota tenha preferido desenhar-se empinando uma pipa, ou “raia” como ela mesma diz.

Quando solicitei que ela desenhasse seu quintal, não foi com o objetivo de fazer uma análise projetiva do desenho, mas de iniciar uma conversa sobre os motivos que a levam a gostar do lugar.

**Figura 14 – Desenho do quintal feito por Isabele**



Fonte: Acervo Pessoal

Foi nessa conversa que ela me informou que gosta muito “de brincar, de correr, de capinar”. Diz que seu quintal é grande, tem muitas frutas. Gosta de brincar de boneca, pega-pega, de esconde-esconde, gosta de brincar com os primos e o irmão.

Assim como Isabele, Pedro, também participou do piquenique no quintal. Como já fora informado anteriormente, ele é o primo de Isabele, filho de uma das irmãs de Leonor. Tem quatro anos, corpo franzino, olhar ativo, diálogo fácil. Passa todos os dias da semana com a tia Leonor, enquanto seus pais trabalham. No cair do sol, o menino retorna para a casa dos pais, além de também ficar com estes nos finais de semanas.

O menino faz desenhos rabiscados numa folha de papel ofício, usando giz de cera coloridas, como se pode visualizar na figura 15. Quando perguntado o que desenhou, ele responde: “formigas”, enquanto aponta no desenho, “as maiores e as pequenas”. Logo após ele fala que gosta de capinar. Aproveita o momento, pega um livrinho e começa a narrar uma história por ele inventada, ao ver as imagens. Não parece se importar pelas atividades que os outros estão fazendo, pois neste momento, seu irmão mais velho (13 anos), está desenhando, sua prima Isabele brinca com a boneca, eu fico observando. Ele diz: “era uma vez um o cachorro e o passarinho e foram brincar”; logo ele abandona o livrinho e lhe pergunto do que ele mais gosta de fazer no quintal e ele responde: “eu gosto de brincar de pega-pega, de esconde-esconde, de brincar com Akita (a cachorra da família), mas eu brinco com ela, dou osso pra ela.” Ele diz que gosta muito do quintal e ficaria triste se não pudesse mais ficar com a tia. Em outro momento, ele se deita no grande lençol estendido no chão, enquanto finge “dormir”, como se pode ver na figura 16. Contudo, os outros dois participantes, parecem não dar muita atenção a esse fato, pois continuam fazendo seus desenhos. O menino, diante disso, levanta-se e passa a observar mais de perto os desenhos dos companheiros.

**Figura 15 – Desenho de Pedro**



Fonte: Acervo Pessoal

Percebe-se que é no brincar, no brinquedo ou na representação, através do desenho, que as crianças constroem sua identidade de lugar. Vivenciando o espaço de forma harmoniosa e prazerosa. Benjamin (1987, p. 253) afirma que é na brincadeira que está a origem de todos os hábitos e mesmo tendo sua forma mais rígida, “o hábito conserva até o fim, alguns resíduos da brincadeira”. Deste modo, o brincar exerce grande influência sobre nossas atitudes, crenças e valores.

**Figura 16 – Pedro no quintal participando do piquenique**



Fonte: Arquivo Pessoal

#### **4.1.5 As cicatrizes da alma: os quintais de Gleide Ferreira**

No corpo, mormente, expomos  
As marcas dos ferimentos,  
Dos danos, fatais momentos,  
Que, às vezes, vivenciamos.  
Os machucados reais  
Ou eventos inocentes,  
Feridas inconstantes,  
Sofrendo ou não, relembramos...  
(MARTINS, Oriza. “Cicatrizes”, 2007)

Gleide Ferreira tem quarenta e três anos de idade, é natural de Salvador, Bahia, é casada e tem dois filhos adolescentes (14 e 16 anos). Coursou o Ensino Médio, fez o Curso de Magistério, diz ser evangélica, se autodenomina parda. Foi criada pelos pais e teve treze irmãos (seis irmãs e sete irmãos), destes, faleceram dois, uma irmã ainda bebê, e um irmão aos dezessete anos (do qual ela se refere como “finado”, ao longo da narrativa). Cuida de crianças em uma Creche- Escola por ela criada há dois anos, pois “não queria trabalhar o dia inteiro na rua, para receber baixo salário”, preferiu investir num negócio próprio.

Gleide morou em duas residências após o casamento. A primeira casa foi construída numa parte do quintal de seus pais, em Plataforma, no Subúrbio Ferroviário de Salvador, a segunda casa foi adquirida no bairro de Periperi, também faz parte do Subúrbio. Esta segunda casa tem dois andares e um térreo, a moradia atual de sua família (esposo e dois filhos) é o segundo andar, os outros dois (1º e térreo) estão alugados para complementar a renda da família.

O quintal está situado na parte térrea, é amplo, plano, nos fundos da casa e cimentado. Há apenas um pé de coqueiro, plantado por seu esposo e algumas plantas em vasos trazidos pela atual moradora, como a palmeira-areca e a comigo-ninguém-pode.

Gleide é uma mulher afrodescendente, estatura mediana, muito sorridente e de aparência jovial.

Diferentemente dos outros entrevistados, onde, por conta da distância e do papel bem delimitado entre pesquisador e pesquisado, se estabeleceu um monólogo, visto ser, o papel do pesquisador, apenas de um mediador entre o sujeito e suas memórias, no entanto, a participação da irmã nesta pesquisa se deu em forma de um diálogo, pois ao dividir a mesma história, ambas, pesquisador e pesquisado se colocam no mesmo nível de interlocução.

- O quintal no passado

Gleide inicia suas narrativas falando para a sua irmã, (a pesquisadora), como era “bom” o seu quintal da infância. Diz, lamentando, que “antigamente a gente vivia, e hoje em dia não vive”. Fala das brincadeiras, lembra das “casas construídas” utilizando os restos de “tábuas” que o pai deixava, onde “brincava de casinha” com os irmãos e vizinhos.

...fazia comida, pegava os próprios matos dali do quintal (risos) pra fazer comida. Como é o nome daquela planta ali?... É azedinha. Pegava azedinha e comia de verdade! Aí (a mãe) dizia: - Ah! Você quer morrer? Se tivesse de morrer tinha morrido, de hoje que a gente come isso aqui! Mainha dizia: - Que planta é essa? A gente não sabia que planta era aquela ali, mas a gente comia assim mesmo, dava o nome de azedinha porque era azeda, aí a gente fazia essa comida...

As questões de gênero perpassam suas lembranças da infância, quando Gleide assume que gostava de brincar de “coisas de menino” e por isso recebia um apelido pejorativo de “mulher-macho”.

...eu, praticamente era homem. Que pegava' talba' (sic) e roda de tampinha de garrafa e fazia patinete. Então, eu ia pra rua, era 'muleca', ia pra rua brincar. Quando chegava, as meninas que eram vizinhas, que gostavam de fazer comidinha, (diziam): Aí, chegou! Era eu que chegava, eu era o homem, ... Eu chegava (risos) (e dizia): Cadê a comida? Pronto! A gente brincava. Era um 'bocado' de meninas, a gente tudo pequenininha brincando, mas eu ia pra rua fazer coisa de homem e elas ficavam em casa fazendo coisa de menina...

Ela continua suas narrativas trazendo uma ambiguidade de sentimentos em relação a esta situação, chegando a se revoltar “porque não era homem”, enquanto ao mesmo tempo “brincava de brincadeira de homem”, citando-os: “fura-pé, bola, skate e patinete”. Bosi (2003, p. 15), ratifica ao afirmar que “a memória oral, longe da unilateralidade para a qual tendem certas instituições, faz intervir pontos de vista contraditórios, pelo menos distintos entre eles, aí se encontra sua maior riqueza”.

De forma geral, verifica-se que a representação social de gênero tradicional, que pressupõe o homem como provedor e a mulher como cuidadora e dona de casa, orienta a distribuição das tarefas entre meninos e meninas também nas brincadeiras, como tem sido apontado por Nascimento & Trindade (2010), em suas pesquisas sobre famílias. No entanto a fala de Gleide demonstra que havia também muita resistência na aceitação dos papéis sociais que eram pré-determinados na sociedade.

Como cada ser histórico singulariza a sociedade na qual está inserido e a percebe de uma forma específica, falar de uma história verdadeira seria muito ingênuo, mas podemos afirmar que se trata de uma percepção verdadeira do real,

emitida pelo depoente, que assim compreende e se apropria do mundo ao seu redor. Ao tornar pública sua percepção, está de alguma forma, contribuindo para a elucidação parcial de alguma situação.

Ao narrar, o sujeito reinventa-se, conferindo, muitas vezes, ao passado, significações que somente podem ser compreendidas a partir do lugar – não apenas individual, mas também social – que ocupa no presente. Assim, como a memória individual e memória coletiva são consideradas indissociáveis para Halbwachs (1990), também considero as lembranças de Gleide como parte de um repertório pessoal e parte como repertório coletivo.

Outras lembranças surgem, como por exemplo, o papel do trabalho na vida de Gleide e seus irmãos.

Lembro de mais um acontecimento no quintal, eu e os meninos Wan, Max e o Finado<sup>29</sup>, juntos, catamos lata e guardávamos no quintal para depois vender.

Bastos (2001, p.27), ao estudar famílias e contextos de desenvolvimento, nos indicou que,

O pertencer à família, grupo social primário, parece completar-se de alguma forma pela aquisição da “responsabilidade”, um possível eixo no qual a participação da criança como membro do grupo familiar se diferencia e cresce à medida em que ela responde a demandas, aprende a estar à altura de expectativas grupais e deixa que se reflitam nela, indivíduos, projetos coletivos da família.

Assim, a mesma autora, constrói uma categoria, da qual denomina “modos de partilhar”, para descrever “o conjunto de práticas envolvendo as crianças” (BASTOS, p. 30). Desse modo, ela define como modo de partilhar 1 - os empreendimentos e iniciativas da família voltada para gerar renda, revalidado por Gleide, como uma prática realizada por ela e pelos irmãos.

É perceptível o encanto de Gleide ao falar de sua história, que a mesma faz um esforço para não deixar nada de fora, por isso é tão detalhista nas explicações. Por exemplo, ela fala das ‘traquinagens dos irmãos’ que certa vez “mataram um gato” e que ela mesma ajudou a “enterrar no quintal”.

---

<sup>29</sup> A narradora se refere a um irmão menor que falecera aos dezessete anos de idade.

Na adolescência de Gleide, o quintal, ainda que sendo o mesmo, ganha novas funções: “Ah! Na adolescência eu não brincava de casinha não. Ali já fazia o cantinho do namoro”.

Ela narra um episódio em que certa vez se meteu em apuros por causa das “escapulidas” pelo quintal, para namorar. Os irmãos mais velhos estavam desconfiados e ficaram de “botuca” olhando para onde ela ia, ao descer pelo quintal, então ao avistá-la tentaram ir ao seu encontro, mas foram impedidos por causa de um grande cachorro chamado Lesse que era do quintal da vizinha. Como era o namorado dela que cuidava do cão, ela também, por manter um contato mais próximo a este, “já era conhecida”, enquanto seus irmãos não. Por este motivo eles não puderam se aproximar, e como castigo, os irmãos trancaram a porta da casa, colocando um sofá como aparador, de modo que ela só pode entrar em casa, escalando perigosamente uma janela na cozinha, que dava para o quintal, que era uma “ribanceira”.

Os dois tempos narrados por Gleide (infância e adolescência), não são apenas continuidades cronológicas, mas se auto-influenciam em um encadeamento de sentidos e significados.

Na infância a gente brincava no quintal, e agora na adolescência, a gente usava o quintal, é isso, pra se escapar da bebida de meu pai também. Eu corria pelo quintal abaixo, meu pai bebia. Aí mainha [dizia]: - Lá vem seu pai! A gente já ‘tava’ (sic) no quintal mesmo, aí escapava pro outro quintal, na adolescência também, a escapatória era o quintal, as coisas ruins do quintal...

Como sugere Bruner (1991), Gleide, no ato de construir suas narrativas, não busca ordenar os eventos de sua vida real ou da fantasia, assim, também como sua infância e adolescência se mesclam em suas memórias do passado, tanto quanto os fatos ocorridos numa ou noutra fase de sua vida. Estas três questões são mais ilustrativas nos dois eventos narrados a seguir:

[...] foi que eu rolei pro quintal, (tinha) a pia, (era) o lavatório que ficava ali no beco, entre a porta e o quintal. Aí como a lavanderia estava em falso, Wandelson [um irmão um ano mais velho] foi e empurrou, então eu rolei quintal abaixo, fui parar bem no ‘pé do quintal’(sic), quase no esgoto. [Foi assim] que o ferro entrou por aqui [mostra a testa, lado esquerdo], entrou por aqui [mostra o seio, lado esquerdo], e só não morri, [...] Aí eu puxei, rasgou e ficou em carne viva, e o pior foi esse aqui em algum lugar do peito [tenta mostrar



marca no seio esquerdo], aqui [mostra a marca], o pior foi esse! Mainha teve que tirar, porque o ferro entrou mesmo, tinha sete pra oito, (idade) [...] aí que fui empurrada, pronto, e ainda não fui pro médico, fiquei de joelho, tomei banho de água e sal grosso, que meu pai deu, e ainda me deu uma surra, [...] fiquei de castigo ali na janela, de joelho [...] Tudo sem pontos! Não levei ponto em nada aqui (mostra as marcas), foi sal grosso...

[...]

Na mesma idade que tava cicatrizando tudo isso aqui, que fez um terreiro lá em casa, teve um terreiro, sabia não? Teve um terreiro lá em casa que bateu baticum, minha avó foi pra lá dançar. Aí, todo mundo [gostava]; mainha gostava, todo mundo gostava, e minha 'vó' dizia: o diabo tá chamando ela. Hoje em dia a gente chama de 'diabo', mas [naquele tempo] não, - ele tá chamando ela, falou um nome lá que não sei qual. Aí, eu me escondia atrás de Toinho [outro irmão mais velho], morrendo de medo, chorando, dizia: não me deixe eu ir não, me deixe eu ir não...

Lá dançando, dentro de casa, quando foi de manhã, que aí, pegou aquela, não sei o que foi, não lembro o que é aquilo ali, que minha 'vó' enterrou no quintal, onde é minha casa agora, que é a cozinha de Renata [uma cunhada] hoje em dia. Era onde eu dormia. Enterrou ali, bem, bem, bem fundão, não sei o que foi, tanto que eu perguntei a mainha, e ela disse: - ah, não lembro disso não! Toda vez mainha diz que não se lembra disso não, mas foi uma porcaria lá, que nessa noite que teve a noite toda que teve isso aí, aí minha avó juntou tudo, das velas acesas, juntou um monte de porcaria, botou num pano branco, não sei se foi pano ou um saco, e no dia seguinte enterrou, enterrou no quintal, que hoje em dia é quarto, cozinha de Renata...

É importante apontar que Gleide, no momento em que revive essas lembranças, é uma convicta frequentadora de uma religião evangélica. Este vetor é crucial para uma análise mais imparcial das crônicas apresentadas anteriormente. Bosi (2003, p. 36) nos ajuda a entender as experiências vividas pela narradora, quando aponta o papel das recordações. Vejamos o que a autora nos diz: “Pela memória, o passado não só vem à tona das águas presentes, misturando com as percepções imediatas, como também empurra, “descola” estas últimas, ocupando o espaço todo da consciência”

Os adultos se esquecem de dizer às crianças o porquê das coisas acontecerem, então só bem mais tarde, elas, já adultas, talvez, buscarão por si mesmas ideologias e crenças que complementem o “não-saber” de outrora, de modo à autodesculpar-se da própria ignorância e abrandar o medo do desconhecido.

O quintal, nas matrizes das religiões afrodescendentes, ocupa uma função muito importante na manutenção das tradições culturais de um povo. Devido à proximidade aos diversos recursos naturais ali disponíveis, como as ervas 'curadoras' e as árvores

místicas, por exemplo. Por isso, que na cidade de Salvador, que sofreu maior influência africana, devido ao longo período de escravidão, é comum o uso dos quintais domésticos para a realização dos rituais do candomblé. A cultura popular também se aproveitava da existência dos quintais para difundir uma série de crendices e superstições, orientando diferentes aspectos da antiga vida doméstica. No entanto, devido às perseguições, que muitas vezes, os adeptos dessa religião sofreram no passado e ainda nos dias de hoje, é comum que seus rituais sejam envoltos em mistérios, o que só ajudam às construções de significados estereotipados.

O quintal também deve ser analisado pelos significados de perigos, que surgem nas narrativas. Um risco iminente para as crianças que dele se ocupam. Por exemplo, Gleide conta do acidente que sofreu, ao cair de um suposto lavatório de roupas, usado para brincadeiras com os irmãos da mesma faixa etária. Era comum, que nas famílias das camadas populares, onde havia muitas crianças para cuidar, a higiene pessoal dos rebentos fosse realizada em bacias ou tanques próprios para a lavagem das roupas, e era comum, também, que as crianças brincassem nesses espaços. Assim, as crianças não estavam livres de acidentes no quintal.

#### - Os quintais da vida adulta

Gleide se casou aos vinte e cinco anos de idade, após construir sua casa numa parte onde era o quintal de seus pais. Ela conta sobre a construção que deixou uma pequena área no fundo, mas que “não considerava como quintal não”, porque não utilizava mais, contudo, “ficava olhando da janela, os matos nascerem ali”. Ao construir sua casa, seu esposo não deixou acesso, pois não “fizeram escada”,

[...] fizeram só janela, uma casa no alto. Ficava ali me lembrando de como eu era criança, daquela parte ali, fui crescendo ali...Aí, bem que poderia utilizar o quintal! Olhava uma maneira de como abrir pra poder tornar a fazer um quintal de novo e reutilizar...

Mais tarde, nascido os dois filhos, ela se muda para uma nova casa em Periperi. A casa antiga fica para outro irmão que vai morar com a família. A partir daí, Gleide começa a pensar na diferenciação entre o que é quintal e o que não é, de modo a justificar o que fora feito do espaço de sua infância. Mas seus afetos se misturam e retornam, porque o irmão, ao fazer o acesso ao “quintal”, diz que não é mais quintal. Neste momento ela se pergunta: - “Ali não era quintal?” E a resposta logo surge:

[...] porque não tem a terra, jogaram cimento, então deixou de ser um quintal pra ser um pátio, uma área, digamos assim, mas se deixasse terra, ia dizer assim: - Ah, vá pro quintal! Eu acho que o fato de diferenciar quintal, de pátio, de área é por causa do cimento, murar tudo, cercar, não ter o verde...

A nova casa tem um quintal, como pode ser visto na figura 17, onde foi todo cimentado, mas mantendo um coqueiro plantado, é um local usado para algumas atividades domésticas, como lavar e pôr as roupas para secar num varal, ao sol. Contudo, com o tempo, a casa ganha um novo andar, e outro mais atualmente, e ela e sua família vai se mudando a cada nova construção, enquanto mantém as outras casas anteriores alugadas. Desta forma, a dificuldade na conceituação permanece. Assim, o espaço é um quintal e um não-quintal. Ela considera quintal porque tem planta, e um não-quintal porque está “todo cimentado”.

[...] mas se tirar todo o cimento, é, seria um quintal, porque ele é grande, dá pra fazer até uma casa se quisesse, mas ali eu disse não, - deixa o meu quintal em paz, que quando eu tiver velhinha, vou pro meu quintal, fazer novas plantações...

**Figura 17 – Quintal da casa de Gleide (térreo): Um pé de coqueiro e o varal de roupas**



Fonte: Acervo Pessoal

#### - O quintal no futuro

Gleide comenta que se fosse comprar uma casa, esta deveria ter quintal também. Diz que ama plantas, que gosta de lidar com a terra. Remete-se à vida na “roça” como uma boa vida, por causa do cheiro da terra, “a gente vive mais”. Ela criou um significado de lugar onde a vida é saudável e duradoura. Como expresso no trecho abaixo:

Quem vai ficar menos doente? É quem vai ficar ali lidando com a terra, com cheiro de terra, das plantas, de área aberta, tem mais chance de sobreviver do que uma pessoa que vive, aqui mesmo, onde estou morando agora? Cercada aqui. Olha... Fumaça! Pra você ver quando saio daqui, o clima é diferente, quando saio daqui e vou pra outro canto, o ar você sente logo a diferença, se eu tiver de comprar (uma casa) vou comprar uma casa grande com terreno grande pra fazer um belo de um quintal, e várias plantações...

É desse modo que Bosi (2003, p. 67) salienta que “a nostalgia revela sua outra face: a crítica da sociedade atual e o desejo de que o presente e o futuro nos devolvam alguma coisa preciosa que foi perdida”. Percebemos esta “nostalgia” nas narrativas de Gleide.

#### 4.1.6 Saudades do Pé de Fruta-Pão: os Quintais de Sales

Oh! Que saudades que eu tenho  
Da aurora da minha vida,  
Da minha infância querida  
Que os anos não trazem mais!  
Que amor, que sonhos, que flores,  
Naquelas tardes fagueiras  
À sombra das bananeiras,  
Debaixo dos laranjais!  
(Casimiro de Abreu, 1959, Poema “Meus oito anos”)

Sales Reis tem 48 anos, nascido em Aratuípe, Bahia. Viveu toda a sua infância e adolescência, no pequeno Distrito chamado Maragogipinho. Seu pai falecera quando ele tinha três anos de idade, deixando sua mãe com mais duas filhas, uma um pouco mais velha e a outra um pouco menor. Diz que é cristão e frequentava uma igreja evangélica, mas está “desviado” atualmente. É casado com a pesquisadora e juntos têm dois filhos, o primeiro com vinte e um anos de idade e o

segundo com treze anos. cursou o Ensino Médio, tendo se formado em Técnico de Contabilidade, numa escola pública localizada na cidade de Nazaré, distante onze quilômetros de sua residência, pois na Vila de Maragogipinho não há escola de Ensino Médio. Autodenomina-se pardo. Atualmente, ele trabalha como motorista para uma indústria de polpas de frutas.

Sales morou parte de sua vida em casas com quintais, tanto no interior quanto na capital, quando vem “para trabalhar”, após concluir o Ensino Médio.

Ao contrário da entrevistada Gleide, que é irmã da pesquisadora, Sales, como seu esposo, apresenta suas narrativas ora como um monólogo, (as narrações da infância e adolescência) ora como um diálogo quando passa a falar dos quintais da vida adulta, isso porque as vidas do pesquisado e da pesquisadora, somente a partir deste ponto do tempo histórico, se misturam.

- Os quintais na infância

Sales viveu em Maragogipinho, do qual ele orgulhosamente fala que é a “terra da cerâmica”. Da cidade de Aratuípe ele pouco lembra, pois se mudou ainda muito pequeno, “tinha três anos”, logo após a morte do pai.

Fala do quintal da infância com uma boa dose de nostalgia:

Meu quintal tinha muitas coisas boas! Tinha pé de cajueiro, fruta-pão, manga, abacate... No período que dava essas frutas, a gente comia bastante. Tinha mamoeiro, [também]. Fora que nos quintais dos vizinhos tinha dessas frutas também, [era] pé de coqueiro... Merendava, [porque] naquele tempo tinha muitas frutas, hoje em dia, não tem mais. Se você quiser uma fruta tem que comprar, naquele tempo existiam muitos ‘pés de árvores’, hoje em dia nem quintal existe mais.

Só que aí, vim (sic) embora pra Salvador, entendeu? Fiquei na lembrança dos quintais. Triste porque não posso está mais lá, apesar de que já cortaram as árvores... Fizeram casas no quintal...

Para Sales, a infância tem dois sentidos, o do trabalho e o do brincar. O tema “trabalho” perpassa toda a sua narrativa na infância nos quintais, tanto no quintal da sua mãe, que “tinha fruta-pão também, arrancava de tarde e saia pra vender às pessoas,” quanto no do seu avô, “tinha laranjeira, aipim, ele chamava e me dava, tinha muito aipim, aí ele me chamava pra eu vender pra ele; tinha vários tipos de laranjas: tinha laranja-lima, laranja-pêra, laranja-de-umbigo...” Os trechos narrativos abaixo, caracterizam melhor as atividades relacionadas ao trabalho e ao lazer:

Fui um menino muito trabalhador, comecei a trabalhar desde cedo, pra ajudar minha mãe. Minha mãe fazia as coisas pra eu vender na rua. E eu saía pra vender nas ruas e nas olarias também, que o pessoal trabalhava com cerâmica.

[...]

Depois quando terminava umas quatro pras cinco horas, ia pegar meu baba [futebol], que a coisa que eu mais gostava era jogar bola, depois ficava até umas seis horas, vinha pra casa. Naquele tempo não tinha muita televisão, assim, assistia uma novela, depois tinha que ir dormir cedo...

Carvalho (2003, p. 284), ao falar dos métodos biográficos, para trajetórias no campo ambiental, traz a ideia de que “uma crença, articulada narrativamente no relato autobiográfico, organiza escolhas e tomada de decisões, configurando a internalização de uma orientação ecológica e ambiental como princípio orientador da vida pessoal e instaurador de relações intersubjetivas”. Como se pode perceber no trecho abaixo:

Eu gostava do quintal, mas a parte pior era que meu avô mandava capinar o quintal, [este] era muito grande, mais parecia uma fazenda. Mas eu fazia isso, em compensação, qualquer hora, podia chegar ao quintal do meu avô. A gente gostava que tivesse laranja pêra que era o mais doce que tinha, tinha laranja lima, mas não gostava muito não e tinha laranja de umbigo que era grande, mas só que não era muito doce não.

O brincar surge também, contudo deixou poucas marcas em sua vida como aponta a narrativa a seguir:

Praticamente só fazia plantação. Alguma vez brincava de bola no quintal com meu vizinho lá. Meu quintal era grande, dava pra brincar de bola, de gude também e de pião.  
Não me lembro de inventar nada não!

Sales comenta que apenas ele e seu padrasto cuidavam do quintal. Cita a importância das festas juninas, quando “plantava milho”.

Mesmo atribuindo pouca importância ao brincar, ele diz que se sentia bem, “porque lá é um clima agradável, também porque as árvores davam uma fresca”. Mas, também traz outra história que justifica o seu gostar do quintal.

O que eu gostava do quintal era que eu criava galinha e galo de briga também. No domingo, meus colegas tinham galo de briga, aí a gente levava pra botar um contra o outro, para apostar quem corria mais. Praticamente um torneio. Tinha que cuidar dos seus animais, pro sariguê não comer também; cuidar do chiqueiro, das galinhas, dos ovos, pra guardar, pra não deixar à toa, porque senão o sariguê<sup>30</sup> vinha bebia os ovos da galinha; tinha que cuidar dos animais, dar comida na hora certa...

#### - Os quintais na adolescência

Sales viveu com a mãe, o padrasto e os irmãos até completar vinte anos de idade, terminar o Ensino Médio e vir em busca de trabalho na capital, nos idos de 1987.

Cuidei do quintal até quando vim embora. Vim pra cá [Salvador] quando tinha vinte anos, deixei lá, só que meus irmãos não cuidavam muito, meu padrasto faleceu, aí ninguém cuidavam do quintal, aí as plantas ficaram desprezadas, começaram a morrer, depois construíram casa no lugar onde era o quintal, cortaram todas as arvores.

Volta a se referir ao quintal do avô como um local em que lhe possibilitava tirar alguns trocados com a venda dos produtos da terra.

O quintal do meu avô servia pro sustento, pra colheita e também, ele me dava uma gorjeta, porque eu saía vendendo pra ele,- o aipim. O dinheiro servia pro meu transporte, porque quando não tinha [dinheiro] eu teria que ir andando, uns seis quilômetros andando, porque não tinha dinheiro de transporte.

#### - Os quintais na vida adulta e perspectivas futuras

Sales se casa aos vinte e dois anos de idade, e, junto com a esposa, compram uma casa com quintal em Paripe, no Subúrbio Ferroviário de Salvador.

Só que ainda tinha na mente que morava no interior, gostava de cultivar. No quintal, então, tinha um pé de mangueira, eu cuidava dela; comecei a plantar quiabo nele; comecei a criar umas galinhas, mas não deu muito certo...

---

<sup>30</sup> Mamífero americano da subclasse dos marsupiais, cuja fêmea tem no ventre uma bolsa em que traz os filhos pequenos; gambá, sariguéia. (Possuem longa cauda preênsil, à qual se agarram os filhotes que viajam em seu dorso.) Disponível em [http://www.dicio.com.br/sarigue\\_2/](http://www.dicio.com.br/sarigue_2/). Acesso em: 10 out. 2015.

Passado o tempo, e as dificuldades impostas pelo lugar, como falta de saneamento básico, asfaltamento e transporte, faz com que a família tome a decisão de comprar outra casa em outro local mais acessível, com melhor infraestrutura urbana.

Permanece no mesmo bairro, contudo, se mudam para a nova residência. Uma casa, com duas salas, um banheiro, uma grande cozinha, uma área no fundo, uma varanda, e dois quartos, além de um quintal na parte superior e uma garagem no subsolo.

Murei o quintal, deixei um espaço pequeno pra fazer uma plantação: capim santo erva cidreira, o cheiro muito agradável, serve até pra fazer chá. No quintal do meu avô tinha isso aí também, aí eu me lembrava que fazia algum tipo de remédio, bom pra pessoa tomar com comprimido pra febre, gripe...

Sales e sua família se mudam novamente, desta vez para um pequeno apartamento, suas casas estão alugadas, não pensa em voltar a morar lá, como aponta no enxerto abaixo:

Vim morar em Brotas e estou aqui agora. Não sei qual será meu destino, no apartamento aqui no Matatu, saí da minha casa e vim morar aqui, não sei qual será o meu destino agora. Eu penso com fé em deus, me aposentar, e no interior ter tudo aquilo que eu tive no meu quintal da infância, meus 'pés de árvores', coqueiro, cajueiro que eu gosto muito de cajueiro também, manga, abacate, fruta-pão...  
[...]

Não tenho quintal, mas tenho uma varanda, com plantas, todo dia de manhã e de noite molho as plantas aqui, pra tentar me lembrar um pouco do verde, umas palmeirinhas, até quando deus me ajudar a ter minha casinha lá no interior com quintal pra cuidar das plantações.

#### **4.1.7 O quintal do menino que não tem mais quintal**

Mateus tem treze anos de idade, nasceu em Salvador- Bahia. Está cursando o 8º Ano do Ensino Fundamental. É meu filho com meu esposo Sales. Mateus é um menino de pouca conversa, mas, no entanto, é muito brincalhão. Diz que gosta de



participar das atividades realizadas por mim, visto não ser esta, a primeira vez que é citado numa pesquisa científica.<sup>31</sup>

- Os quintais da infância

Mateus diz que sempre foi um menino “traquino e desobediente”, relata que lembra que no seu quintal tinha lagartixas e ratos, mas “tinha plantas também, era atrás da minha casa”. Recorda-se que brincava com seus brinquedos. Os tipos de brinquedos que ele mais gostava eram “as armas de atirar água, tinha também as bolinhas de gude”<sup>32</sup> que ele adorava, principalmente, um jogo chamado de “triângulo”, que como o título já diz, trata-se de colocar algumas bolinhas de gude dentro de um “triângulo” riscado no chão, como demonstrado na figura 18, e tentar tirá-los, utilizando outra bolinha de gude. Como comentado por ele no trecho abaixo:

Eu brincava com a minha mãe. Minha mãe me ensinava a jogar gude. Tinha o jogo dos triângulos com as bolinhas de gude que eu gostava.

[...] Brincava também com meus primos, meus amigos. [No quintal] tinha muita folha, muita folha mesmo, mas, aí cortou tudo [o pai]. Tinha uma parte de cimento lá, e outra parte cheia de folhas, de plantas... Eu sentia alegria, sei lá. Lá no quintal eu gostava mais era de jogar gude, é divertido jogar, é competição, jogava com minha mãe e meus primos.

---

<sup>31</sup> No ano de 2014, fui colaboradora do livro intitulado “Do fogão ao coração: receitas de família”, organizados pelas autoras Elaine Pedreira Rabinovich, Maria Lúcia Rosas, Rita da Cruz Amorim e Sumaia Midlej Pimentel Sá. Neste livro deixei registrada uma história sobre hábitos culinários transmitidos ao meu filho Mateus, cujo título foi “Soja: três corações e uma só receita de família”.

<sup>32</sup> **Berlinde** ou **bola de gude**, **gude** ou **bila** é uma pequena bola de vidro maciço, pedra ou metal, normalmente escura, manchada ou intensamente colorida, de tamanho variável, usada em jogos infantis.

**Figura 18 – Jogo “triângulo”: Brincando com as bolinhas de gude**



Fonte: Acervo Pessoal

Chamou-me a atenção o fato de Mateus se lamentar de não ter árvores frutíferas em seu (nosso) quintal. Ele diz:

Eu queria que meu quintal tivesse mais frutas, não tinha nenhuma, queria que tivesse isso mesmo, tivesse árvores pra eu poder pegar umas frutas: maçãs, manga e brincar lá também de gude, de esconde-esconde atrás das árvores.

Mateus é um menino que adora comer, principalmente as frutas por ele citadas. Talvez, como ele não teve acesso às frutas, como ele mesmo fala, “no quintal”, surge em sua fala, a *maçã*, que não é uma fruta nativa em nossa região. O que possibilita interpretar que alguns elementos imaginários, provavelmente evocados a partir de contato com filmes, desenhos animados, aprendidos na escola, etc., são acrescentados em suas narrativas, de modo a preencher o vazio deixado pela ausência das tais “árvores” reais por ele citadas.

É interessante observar o modo como Mateus compreende o seu passado e dá sentido à sua vida no presente. Neste ínterim, trago nesta análise, o papel da

imaginação no curso de vida, como o tem Zittoun (2012, p.9) abordado em seus estudos. Esta autora aponta que a “Imaginação na vida é assim um processo constante de expansão do presente, ao longo de três dimensões - tempo, espaço, e graus de realidade”.

Quando Mateus completou 11 anos, nós nos mudamos para um apartamento no centro da cidade. Assim seu quintal da infância foi deixado para trás, ocupando apenas, alguns momentos em suas lembranças.

#### **4.1.8 Meus quintais: as narrativas de uma pesquisadora que teve quintais**

Mas, além das lembranças, a casa da infância está fisicamente inscrita em nós. Ela é um grupo de hábitos orgânicos. A cada vinte anos, apesar de todas as escadas anônimas, reencontraríamos os reflexos da "primeira escada", não teimaríamos em permanecer num degrau um pouco alto. Todo o ser da casa se desdobraria. Tendo que descrever os domínios do Canaã (*Volupté*, pág. 30). Sainte-Beuve acrescenta: "É bem menos para você, meu amigo, que não viu esses lugares, ou que, se os tivesse visto, não pode neste momento sentir de novo, pelas minhas impressões e pelas minhas cores, que eu os percorro com todos estes detalhes, de que preciso me desculpar. Não tente imaginá-los segundo tais detalhes; deixe flutuar a imagem em você; passe levemente; a menor ideia bastará". fiel a nosso ser. Empurraríamos com o mesmo gesto a porta que range e iríamos sem luz até o sótão distante. Mesmo o menor trinco ficou em nossas mãos. (BACHELARD, 1974, p. 206)

É parafraseando Bachelard que iniciou este texto: o quintal da minha infância está fisicamente inscrito em mim. Aproveito este momento para descrevê-lo, mas ao mesmo tempo, não iludo: é só uma reescrita, onde as marcas do presente se inserem dando sentido ao que fora já esquecido, pois, é urgente completar os sentidos.

Não foi uma escrita fácil. Penso que fazer uma pesquisa autoetnográfica é colocar-me sob meus próprios holofotes, fazendo uma leitura de minha própria cultura. É como propôs Chang (2007) e Butler (2009), o pesquisador é ele mesmo sujeito da pesquisa, que busca na sua consciência suas próprias experiências analisando os aspectos culturais e histórico-sociais do contexto em que vive relacionando-o com uma análise interna de si mesmo, suas emoções e afetos.

Este trabalho começa mesmo antes da minha entrada no campo da pesquisa sobre os quintais urbanos na residência da família Cidreira. Contudo, ao mesmo

tempo em que observava e escutava as narrativas dos membros dessa família, me situava e me recolocava, num vai-e-vem constante. Assim, como todas as histórias contadas aqui, iniciou, a minha apresentação:

Tenho quarenta e cinco anos de idade, nasci em Salvador, Bahia, sou professora, dou aulas numa escola pública do Estado, casada há vinte e cinco anos, dois filhos, mudei-me de casa sete vezes, destas, três não tiveram quintais.

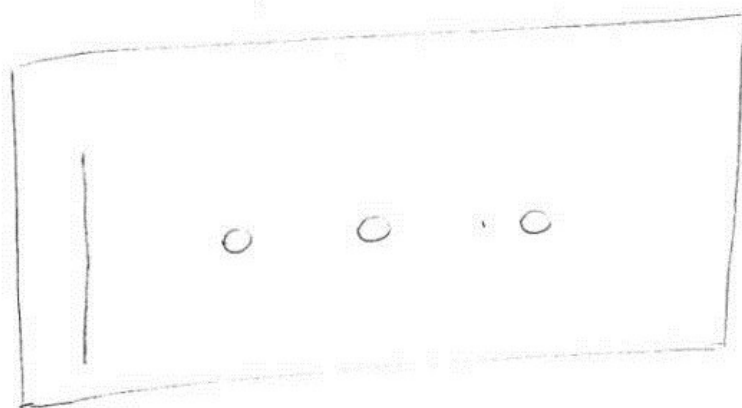
Farei a análise das minhas vivências em quintais, seguindo o mesmo percurso (categorias), por mim definidas, nas narrativas dos outros participantes da pesquisa, quer sejam, os quintais na infância, na adolescência, na vida adulta e no futuro. Para apresentá-las aqui, farei uso de recortes de cenas ilustrativas do processo autoetnográfico.

#### - Os quintais da infância

“Lembro-me do quintal da infância, quando eu tinha seis anos, na casa da Rua do Ouro Preto, nº 118, em Plataforma, no Alto do Cemitério, região do Subúrbio de Salvador. Acho que neste período já contava com seis irmãos e irmãs. A casa ainda era pequena, o quintal uma ribanceira, com uma pequena parte mais plana. Era um local onde se situava o banheiro construído em cima de uma vossa séptica. Na parte mais próxima a casa (esta composta de dois quartos, uma pequena sala e uma cozinha) feita de pau a pique). A cozinha não tinha pia, então era no quintal se que realizávamos todas as atividades domésticas, como lavar pratos, lavar roupas e estendê-las em cordas armadas ou na cerca de arame farpado que separava o nosso quintal dos outros quintais dos vizinhos. Nesta primeira parte do quintal também eram cultivados algumas plantas. Não posso dizer que era efetivamente uma horta, acho que não era, mas plantávamos quiabo, pimenta, abobora também de vez em quando nascia, pois costumávamos jogar restos de frutas e verduras nesta parte do quintal. Também tínhamos aipim e muito raramente batata. Eu gostava muito era de engolir pimenta inteira. E usava algumas ervas para fazer chás, como o mastruço, a hortelã grossa e a cidreira, tinha também outra que era bem amarga e servia para dores abdominais e infecção intestinal, que era parecida com a hortelã grossa, mas era bem amarga, chamada de alumã. Nesta parte também tinha cana-de-açúcar. Na parte do quintal após a fossa séptica, tinha as árvores maiores, um pé de abacateiro, um de goiabeira, e muitas bananeiras”.

“Além do famoso cozinhado, também brincávamos de gangorra no abacateiro e também jogava bolinhas de gude<sup>33</sup> e fura-pé<sup>34</sup>. Com as bolinhas de gude que eu gostava de brincar e era muito bom nesse jogo, o principal era o chamado “buraco” que consistia em cavar três pequenos buracos rasos, fazia uma linha no chão demarcando o local onde os jogadores deveriam se posicionar e depois de decidido o iniciante no “par ou ímpar” quando eram apenas dois jogadores ou “um ou zero”, quando eram mais de dois jogadores, formas corriqueiras de surgir o iniciante da partida de modo a evitar brigas ainda no início do jogo, assim cada um na sua ordem de seleção apontava e atirava a bolinha de gude tentando acertá-lo dentro do terceiro buraco, como mostra o desenho a seguir (Fig. 19)”:

**Figura 19 – Planta do jogo “buraco” para jogar com bolinhas de gude.**



Fonte: A autora

“O objetivo do jogo era completar as entradas e saídas dos “buracos” sem ser “atacado” pelo adversário, além também de tentar “atacar os adversários” a cada saída”.

“Era um dos melhores jogos que já brinquei na minha infância e que também ensinei meus dois filhos a brincar”.

---

<sup>33</sup> **Berlinde** ou **bola de gude**, **gude** ou **bila** é uma pequena bola de vidro maciço, pedra ou metal, normalmente escura, manchada ou intensamente colorida, de tamanho variável, usada em jogos infantis.

<sup>34</sup> Fura-pé é feito com um pedaço de cabo de vassoura com mais ou menos 20cm, em uma ponta coloca-se um ferro fincado ou um prego sem a cabeça. O jogo consiste em tentar furar o chão e fazer linhas que ligam as “casas” (triângulos desenhados no chão) dos jogadores tentando fechar “as casas” dos adversários.

“Eu fui uma criança muito tímida, chorona, mas muito valente também, gostava de conversar, principalmente com os idosos. Gostava de ajudar minha mãe no cuidado com os meus irmãos menores, era a terceira filha e primeira mulher. Não gostava muito de brincar de casinha e bonecas ou fazer cozinhados, deixava essa parte para as outras irmãs e irmãos que gostavam. Talvez, devido aos cuidados com os bebês que sempre chegavam, as bonecas perdiam importância”.

“Sempre gostei de ter os cabelos compridos, lembro de um ritual que os mais velhos diziam que se colocar uma mecha do cabelo no olho do filhote da bananeira o cabelo crescia mais forte e bonito. Fazíamos sempre isso, já que o que não faltavam eram bananeiras no quintal. Outro ritual também consistia em colocar o umbigo do recém-nascido na bananeira, acho que pelo mesmo motivo do cabelo, a criança crescer junto com o filhote da bananeira.”

Vianna (1998), citado por Van Holthe (2003), traz em suas investigações, sobre os quintais brasileiros, estas credences muito comuns no período da minha infância. Vejamos o trecho a seguir:

As bananeiras, encontradas com frequência nos quintais de Salvador, por exemplo, são o alvo preferido de muitas mandingas e simpatias caseiras: para o cabelo crescer forte e farto, era aconselhável enfiar no olho do filhote da bananeira as pontas do cabelo recém-cortado, com o propósito semelhante enterrava-se o umbigo dos recém-nascidos ou a própria placenta ao pé da bananeira como forma de garantir o seu crescimento sadio, para conter a hemorragia do parto, bebe-se meio copo da água extraída do talo da bananeira ao mesmo tempo em que se dá um nó na camisa da parturiente e pronuncia-se em voz alta: Fique aí preso até eu soltar. (VIANNA, H., 1988, p. 23 citado por VAN HOLTHE, 2003, p. 69)

“Houve um período que fui morar com outra família, quando completei oito anos de idade.<sup>35</sup> Fui morar a convite de uma ex-professora que gostava muito de mim, e que também não tinha filhos, fiquei lá até os doze anos de idade, quando que por decisão própria resolvi retornar para casa dos meus pais. Vinha pouco em casa dos meus pais, uma vez no mês ia visitá-los em finais de semana e quando estava

---

<sup>35</sup> Era comum em todo o Brasil, nas décadas de 1970 e 1980, a prática de uma criança viver por um período em casa de parentes, compadres dos pais ou mesmo conhecidos. É denominada por Claudia Fonseca (2006), de 'circulação' de crianças. “Posso dizer que, tanto eu quanto outra irmã, experienciamos uma variação dessa prática”, no período de 1979 à 1983. Eu fiquei vivendo com a “mãe Veveca” e ela com uma das irmãs de “Veveca”.

em férias escolares. Nas casas em que morei com a “Mãe Veveca” como eu a chamava, não tinha quintais, foi uma casa no Jardim Cruzeiro, outra na liberdade e finalmente fomos morar com a mãe dela a “Dona Zinha”. Esta última era uma casa grande de dois pavimentos e tinha um pequeno quintal nos fundos totalmente inacessível, mas lembro que tinha um pé de abacateiro que derramava suas folhagens e caule para uma varanda ligada aos quartos do segundo pavimento. Às vezes eu até tentava pegar alguns frutos, mas não conseguia. O senhor Sotero, o esposo da dona Zinha, era um senhor sisudo e calado, não permitia que eu descesse até o quintal.”

#### - Os quintais na adolescência

“Na adolescência usava o quintal para ler meus romances, lembro de A moreninha, Senhora, O Cortiço, e também Poliana, mas em outros momentos observava meus irmãos menores brincando lá. Já não tinha as árvores de outrora, só encontrávamos bananeiras que serviam para a nossa alimentação. Até hoje é a fruta que mais aprecio! Não tínhamos mais nenhuma espécie que lembrasse uma horta, a cozinha fora ampliada neste espaço e o banheiro e a fossa séptica desaparecera. A casa passa a ser de construção de alvenaria e laje batida à cimento e vigas de ferro. Não tinha muito tempo para a plantação, até porque o terreno devido à construção da casa se deteriorou muito, não nascia nada, apenas mato. Então me dividia entre a escola, os afazeres domésticos, cuidar dos irmãos menores e recém-nascidos, minha mãe continuava aumentando a prole, nesse período já eram onze filhos vivos. No final da minha adolescência, nos idos de 1987, nasce o penúltimo irmão (ver na foto acima) e no final de 1988, nasce a última irmã, completando treze filhos vivos. Terminei meu curso de Magistério em 1988 e começo a trabalhar como balconista em uma lanchonete no Ferry Boat, e me caso em 1990.”

Os tempos são outros, as mudanças estruturais e culturais na sociedade podem ser percebidas neste meu relato. Inicialmente aponto que a fossa séptica fora construída no quintal, era comum neste período. Para a maioria das famílias de classe baixa (populares), era assim que funcionava a arquitetura das casas, enquanto nas classes mais abastadas economicamente, o banheiro já estava integrado à residência, próximo à cozinha ou dentro dos quartos, em algumas

situações. Com o passar do tempo, o banheiro passa a ser integrado, como mais um cômodo da casa, onde morávamos. A casa, também, passa a serem reconstruídos com materiais mais modernos, como blocos, cimento, vigas, lajes etc. Enquanto, o quintal vai perdendo espaço e utilidade, as sobras dos materiais da construção são despejadas nele, o que torna o terreno improdutivo, gerando a extinção das espécies lá existentes.

#### - Os quintais na vida adulta

“Não tinha quintal na primeira casa que era alugada no bairro de Pirajá. Mas depois construo uma pequena casa na parte da frente da casa dos meus pais, permaneço por pouco tempo, mas não atribuía mais importância ao quintal como na infância, ele parecia não ser “mais meu”. O quintal ainda permanece lá um pouco menor. Até que outra irmã se casa e constrói sua casa nesta última parte do quintal, deixando-o ainda menor e inacessível, ela e o esposo não construíram passagem para o quintal remanescente”.

“Algum tempo depois compro uma casa maior no bairro de Paripe<sup>36</sup> e também com um grande quintal. Lá era o espaço de brincadeira de meu primeiro filho, tinha dois anos quando nos mudamos. Plantava algumas mudas de quiabo, da qual fazia alguns pratos saborosos, como quiabada, por exemplo, plantava também pimenta que sempre gostei e criava também uma galinha que dera cria, mas também plantas ornamentais, como a palmeira areca, a mais comum na região. Certa vez meu cunhado disse que sabia matar galinha, então deixei uma das crias que já estava bem crescidinha ir para a panela. Não quis ver o abate, mas tratei e cozinhei. As outras, eu dava para os vizinhos”.

“No meu quintal tinha mamoeiro e bananeira, mas não tinha outras árvores maiores. Plantei por diversas vezes abacateiro e mangueira, mas não nascera. Fiquei nesta casa até meu primeiro filho completar seis anos, mas foi neste espaço que lhe ensinei a jogar bolinhas de gude e outras tantas brincadeiras. Como pode ser visualizados na foto a seguir (Fig. 20), foi lá que Júnior, (meu primeiro filho), aprendeu a andar de bicicleta”. Tempos depois, e, devido às dificuldades de acesso

---

<sup>36</sup> O bairro de Paripe, também situado no Subúrbio Ferroviário de Salvador, é um dos maiores e mais importantes bairros da cidade. O seu acesso rodoviário se dá através da Estrada da Base Naval de Aratu, pela Estrada do CIA ou pela Avenida Afrânio Peixoto, mais conhecida como Avenida Suburbana.



urbano, falta de transporte coletivo próximo, dentre outras, resolvi que deveria mudar de residência. Assim, vamos morar em outra casa para ficarmos mais próximo da escola onde ele estudava a alfabetização. Neste tempo, eu estava lecionando numa Escola da Prefeitura, além de já ter bastante tempo trabalhando numa Creche do Estado, em um bairro próximo.

“Nesta nova casa alugada não tem quintal. Fico por pouco tempo lá, até o nascimento do meu segundo filho.

**Figura 20 – Quintal da 2ª casa. Junior – 6 anos, brincando de bicicleta**



Fonte: Acervo Pessoal

“Antes que ele (meu segundo filho) completasse um ano de idade, compramos outra casa. Essa nova casa tem quintal também, um pouco menor que a anterior e o mais impressionante é que este estava na parte superior da casa, ou seja, no primeiro andar” - o que não é incomum em Salvador, devido às características do relevo. Neste íterim, Pereira (2014, p.145) informa que a necessidade de expansão para a periferia urbana, em Salvador, na década de 1940, causado pelo aumento da população, que se deu, principalmente devido à crescente migração das pessoas que moravam na zona rural, forçou às pessoas construírem suas casas nos “fundos de vale não drenados e outras áreas ainda não urbanizadas,

particularmente nas encostas”. Provavelmente, esse foi um dos motivos, desta casa que adquirei no bairro de Paripe, situado no subúrbio Ferroviário de Salvador, possuir tais características arquitetônicas.

“Quando estávamos construindo outro andar, o quintal servia para depósito de materiais de construção, mas também era onde eu realizava alguns serviços domésticos, como a lavagem e secagem de roupas, como podem ser visto na foto a seguir (Fig. 21)”.

**Figura 21 – O quintal da 3ª casa, guardando material de construção**



Fonte: Acervo Pessoal

“Inicialmente o quintal era de chão, mas depois com a dificuldade de mantê-lo capinado, fui obrigada a cimentá-lo, contudo deixei no final uma parte de terra, da qual comprei adubo e plantei mudas de cidreira e capim santo. Minha pretensão era fazer uma pequena horta, mas não foi possível, tinha também um projeto de melhorar a estrutura do quintal, precisava rebocar,<sup>37</sup> assentar um piso de cerâmica,

---

<sup>37</sup> Rebocar consiste num processo de construção na qual se reveste a parede de um material composto de argamassa de cal ou cimento e areia, que se aplica a uma parede emboçada, a fim de prepará-la para o revestimento. (FERREIRA, 2004, p. 684).

por uma piscina, e construir uma churrasqueira de alvenaria, para o divertimento da família e comemorar as datas festivas, como aniversários dos meus filhos, por exemplo. Numa comemoração do aniversário do segundo filho, coloquei um pular-pular no quintal, neste tempo, já estava morando no primeiro andar, as crianças adoraram a novidade, nem ligavam para os doces e quitutes preparados para eles e seus familiares convidados”.

“Com a falta de tempo para o cuidado do quintal, este espaço ficou abandonado. A erva-cidreira e o capim-santo foram tomados por plantas do tipo parasitária, como pode ser visualizado na imagem representada pela figura 22. Contudo, eu ainda mantinha a esperança de modificá-lo”!

“Há algum tempo atrás resolvi comprar um apartamento no centro da cidade, para melhorar minha locomoção em relação aos estudos e também meu primeiro filho iniciava seu ingresso numa Faculdade Federal, então era necessário ficar mais perto do centro. Com os preparativos para a mudança, todos os objetos velhos foram sendo depositado no quintal, como pode ser visto na figura 23. Mudamo-nos, novamente, para um pequeno apartamento de aproximadamente 56m<sup>2</sup> no início de 2014”.

**Figura 22 – o quintal abandonado da 3ª casa.**



Fonte: Acervo Pessoal

**Figura 23 – O quintal da 3ª casa, usado como depósito**



Fonte: Acervo Pessoal

“No apartamento há uma pequena varanda. Tentei trazer uma muda do pé de capim-santo, mas este não vingou no vaso, nenhuma planta trouxe para o apartamento. Contudo, tratei de comprar uma muda de palmeira, uma muda de hortelã e outra de rosa menina, tudo para lembrar o meu quintal e poder ficar em contato com a natureza”.

- O quintal no futuro

“Não pretendo vender as minhas casas lá de Paripe, contudo não pretendo retornar para lá. No entanto estou sempre perguntando o que os novos moradores estão fazendo com o quintal. Soube que a primeira inquilina cortou o pé de erva-cidreira, mas ela me falou que gostava de plantas, então mantinha todos os seus vasos (que ela trouxe consigo) com diversas espécies ornamentais no quintal”.

“Não sei neste momento como está o quintal, com a segunda inquilina. O quintal dos meus pais, ou melhor, o que restou dele, ainda permanece lá, com uma velha mangueira, contudo o único acesso foi uma escada construída dentro da casa de meu irmão que morava lá com os filhos e esposa. Essa minha cunhada, quando

participou de uma pesquisa relatou que não tinha quintal em sua casa, ou seja, não considerava este espaço livre atrás de sua casa como um quintal, o que me deixou perplexa e frustrada, e talvez até um pouco triste, com o que fazem com nossa história. Foi neste momento, (ao escutar o áudio das gravações da entrevista), que me dei conta de quanto aquele quintal, que nem era tão bonito assim, tinha sido importante na minha vida”. Como disse Bachelard (1974), as experiências vividas na infância deixam marcas profundas e constituem a nossa subjetividade. Penso que foi na relação com meus irmãos e irmãs, nas brincadeiras no quintal, porque, como citou Oliveira (2005, p. 64), os irmãos/irmãs são “corporeidades significativas”, pertencentes a uma família, e que por isso vêm se “constituir em um dos vínculos mais duradouros de nossas vidas”.

Como se percebe, o quintal era o lugar favorito da criatividade e do relacionamento fraternal. “Lá inventamos nossos brinquedos, pois nossos pais não podiam comprá-los, visto o grande número da prole, já passando dos sete filhos na década de 1980! Só ganhávamos brinquedos no Natal, quando a fábrica, na qual meu pai trabalhava, doava vários brinquedos para os filhos dos funcionários”.

“No futuro, no entanto, pretendo ter uma chácara, onde eu possa ter tempo para plantar e colher minhas frutas, verduras e ervas”.

## 4.2 A FAMÍLIA E O ESPAÇO

Entende-se que a família, como grupo social primário, desempenha uma função formativa e inegável no desenvolvimento cognitivo e afetivo do indivíduo e no modo como este se situa e interage na sociedade, mesmo em idade adulta. São através da identificação com os primeiros “outros significativos” mãe, pai e demais membros da família e das reações destes ao seu comportamento que a criança tem seu primeiro contato com o mundo e aprende a desenvolver os papéis e atitudes essenciais para seu processo de socialização. (PETRINI, 2003)

Acredito que cada família tenha um modo peculiar de transmitir os conhecimentos acumulados durante as várias gerações, a família assim enseja uma cultura própria que redefine as diversas questões do indivíduo, seus membros

integrantes, assim também como seu modo de morar, de compartilhar valores e crenças e partilhar funções mais objetivas, como o cuidado com seu corpo, seus objetos, o cuidado com os espaços por eles vividos, mas também envolve as construções subjetivas - os sentimentos, os afetos, as emoções, a cognição.

A seguir apresento as narrativas e análises sobre as vivências das famílias nos seus quintais e o papel das gerações anteriores nesta inter-relação homem-ambiente, buscando delinear os significados por ela atribuídos aos quintais, quer sejam na construção de signos esquematizados ou pleromatizados. Nas análises, aponto como o lugar se torna um contexto de *affectivation* da família. Neste caso, seguirei a proposta de Valsiner (2009, p. 10), ou seja, me concentrarei em demarcar os tipos de mediação que ocorrem em atividades diárias das famílias, levando em conteúdo os “domínios do sentimento e pensamento”, assim como em perceber o modo como seus membros negociam e os espaços “libertam ou restringem suas performances”. Concordo com Bruner (1991, p. 51), quando argumenta que até “as nossas autobiografias individuais, dependem de ser colocadas dentro de uma continuidade proporcionada por uma história social construída e compartilhada em que podemos localizar nós mesmas e nossas continuidades”. Ou seja, como apontou Marsico (2011, p. 187), “hoje, mais do que nunca, há um reconhecimento de uma interdependência clara entre os tipos "individuais" de condições "socioambientais" para explicar o desenvolvimento humano”. Desse modo, viso apontar os mecanismos pelos quais as memórias da infância (componente individual) tomam o quintal (componente ambiental) para ressignificar as histórias de vida das famílias (componente social).

Para tal empreitada, considero necessário caracterizar as famílias participantes desse estudo. O enfoque aqui é transversal às narrativas individuais, buscando identificar núcleos temáticos comuns. Mas, para discutir *affectivation*, farei uma análise microgenética, numa seção à parte.

#### 4.2.1 Caracterização das famílias

##### - A família Cidreira

A família Cidreira é composta de quatro membros. Uma família refeita e reconstruída para ambos os cônjuges. Seu José, pai de dois filhos do casamento anterior, se divorciou quando seus filhos já estavam adultos, contraindo novo casamento com Leonor, que não fora casada legalmente, mas teve um filho com o antigo companheiro. Na nova formação familiar, nasce há seis anos a pequena Isabele.

O quintal dos Cidreira é bastante grande, tem aproximadamente 350m<sup>2</sup>. a casa fica situada mais próxima aos fundos, a parte da frente da casa é maior que os lados esquerdo e direitos e fundos.

Nesta família percebem-se duas gerações, compostas de uma criança, (a filha), um adolescente, (o filho/enteado), um adulto (a mãe) e um idoso (pai/padrato). A figura da terceira geração (a mãe de Leonor) e quarta geração (os avós de Seu José) surge nas narrativas dos pais.

Contudo, a presença dos outros parentes é primordial para a análise. O menino Pedro (quatro anos), filho de uma das irmãs de D. Leonor, passa o dia inteiro aos cuidados dos tios, (Seu José e Dona Leonor), e convive com os primos, Isabele (seis anos) e Ícaro (18 anos). O irmão de Pedro, o Júnior (13 anos) é um assíduo frequentador da residência dos Cidreira, sua principal função na família é conduzir seu irmão à casa dos tios, levá-lo e buscá-lo na escola, levá-lo de volta para a casa dos seus pais, além de ser “o braço direito” de Leonor no cuidado com o quintal.

Percebe-se que a definição de família como um sistema aberto é notória na família dos Cidreira. Essa definição implica no que Valsiner (2012, p. 148) vai chamar de “um conceito com limites tão borrados” e de difícil delimitação. Neste sentido, quando as fronteiras não são muito nítidas, como tem ocorrido no contexto desta pesquisa, por exemplo, o pesquisador se encontra diante de questões ambíguas que geram uma tensão, que vai diminuindo à medida que o pesquisador, intencionalmente, escolhe quem deve fazer parte do contexto, momentaneamente, desse modo decidindo quando uma pessoa pode pertencer ou não, a este ou aquele núcleo familiar. No caso da família Cidreira, inicialmente me foram apresentados como pertencentes à família: os dois filhos e os cônjuges, mas em todas as visitas por mim realizadas, estava lá presente um dos sobrinhos de quatro

anos de idade e mais esporadicamente seu irmão mais velho, com treze anos de idade. Não poderia, enquanto pesquisadora participante, deixar de fora da pesquisa, este menino, que passava o dia inteiro com os tios e retornava à noite para sua residência, para a casa dos pais, repetindo esse processo todos os dias. Então, de uma família nuclear, anteriormente classificada, a família Cidreira foi compreendida como uma família extensa, com esta última classificação, as fronteiras se tornaram menos ambíguas.

Para Marsico (2013, p. 53), as fronteiras são como “artefatos construídos pelos seres humanos para modular a relação com o ambiente fluido, dinâmico e ambíguo”. Por isso, é relevante, para este estudo, a abordagem sobre *fronteiras*, pois, concordo com a autora, que “nós fazemos distinções e todas as distinções criam fronteiras” (MARSICO, 2013, p.1).

Essa questão das *fronteiras*, e conseqüentemente da ambigüidade e da ambivalência por elas geradas, é foco de discussão nas análises que serão apresentadas mais adiante.

#### - A família Ferreira

Da família Ferreira, participam a pesquisadora e uma de suas irmãs (Gleide, 43 anos). Doravante, será utilizada a primeira pessoa do singular para referir-se aos participantes com quem a pesquisadora possui vínculos familiares, quer se trate de sua família de origem ou de sua família construída após o casamento. Nomes, apelidos e sobrenomes originais serão mantidos, por livre consentimento dos participantes, acordados no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, respeitando os princípios éticos da pesquisa, mas também, os desejos inerentes aos sujeitos pesquisados.

Esta família é formada pelo pai, pela mãe e doze filhos vivos (6 do sexo masculino e 6 do sexo feminino), faleceram dois filhos, uma menina aos nove meses de idade e um filho aos dezessete anos de idade. Uma típica família nuclear. Eu (a pesquisadora) sou a terceira filha do casal e Gleide (a irmã participante) é a quinta filha.

O quintal dessa família materna era comprido, aproximadamente 15m<sup>2</sup>, ficava atrás da casa (os pais e dois irmãos continuam residindo neste espaço), um terreno



um pouco íngreme (uma ribanceira), tinha muitas bananeiras, um pé de abacateiro, algumas ervas medicinais. A família foi crescendo e o quintal diminuindo, pois era necessário aumentar o tamanho da casa, assim também, quando os filhos foram construindo suas próprias famílias, foi fazendo um “puxadinho”, para cima (usando a laje<sup>38</sup> dos pais) e para baixo (no quintal).

#### - A família Reis

Esta família foi formada com meu casamento com meu esposo Sales. Temos dois filhos, Mateus com treze anos de idade e Júnior com vinte e um anos. Moramos em duas casas com quintais. Fomos morar na primeira casa, na Rua São Paulo em Paripe, quando o nosso primeiro filho (hoje com 21 anos de idade) tinha dois anos de idade, permanecemos lá até Jr. completar seis anos de idade. Moramos de aluguel por dois anos (sem quintal) até comprarmos uma nova casa.

Na segunda fase do casamento, nasce Mateus, ele ainda iria completar um ano quando nos mudamos para a nossa segunda casa com quintal, na Rua Almirante Barroso, no mesmo bairro. É um quintal “muito estranho”, pois está localizado no primeiro andar, devido ao relevo do terreno. Permanecemos lá até nos mudarmos para um apartamento no centro da cidade.

Acima, foram caracterizadas todas as famílias participantes deste estudo. Para a análise e interpretação de todo material reunido e, devido à extensão das informações coletadas através das narrativas orais, os resultados foram organizados em torno de alguns tópicos que se evidenciaram de modo mais contundente, e, para tal fim, foram classificados em dois núcleos temáticos, seguindo os critérios de categorização e subcategorização dos dados mais relevantes, de acordo com o que foi proposto nos objetivos desta pesquisa.

---

<sup>38</sup> Laje ou lajem é uma pedra de superfície plana, de pequena espessura, geralmente quadrangular; obra contínua de concreto armado, a qual constitui pavimento ou teto de edificação. (Ferreira, 2004, p. 505)

#### 4.2.2 Primeiro núcleo temático: significados de quintal para as famílias

Neste núcleo temático serão abordadas as subcategorias: conceitos de quintal e o brincar no quintal.

##### - Conceitos de quintal doméstico

Para as famílias toda a extensão de área não construída é denominada de quintal, independentemente da posição física dos mesmos, em relação às casas construídas, ou seja, se estão no fundo, na frente, ao lado, no 1º ou 2º andar ou no térreo. Vejamos os significados que são atribuídos pelos membros das famílias:

Bem para nós o quintal é aqui. É toda a parte plantada e que tem ainda coisa a plantar, para nós é o quintal. Essa parte aqui construída é a casa mesmo. (Seu José Cidreira)

Ah, aqui, essa área aqui nós consideramos quintal, tem planta... (Gleide Ferreira, ao se referir ao espaço deixado no fundo da casa do 2º andar)

Nosso quintal é “um pouco estranho”, ele era de chão de terra, mas está situado no fundo da casa do 1º andar, plantamos diversas espécies de plantas... (Wanderlene Reis)

Quando éramos crianças o nosso quintal tinha muitas plantas... (Gleide Ferreira)

Percebe-se, no recorte feito nas narrativas dos participantes, que os quintais não têm um ponto fixo no espaço, o que possibilita criar significados ligados à função dos mesmos, corroborando com diversos autores de que os quintais são locais que possibilitam a convivência com plantas. (GOMES, 2009; FREITAS et al. 2012; LOUREIRO, 2008; ALTHAUS-OTTMANN, 2010; MOURA & ANDRADE, 2007; etc.)

Deste modo, o sentido de “plantar” vem permeado dos outros sentidos construídos pela família, como os afazeres domésticos e as brincadeiras da infância. “Plantar” nesse contexto é um valor transmitido culturalmente, porque envolve a manutenção de ritos e dos costumes, a conservação das técnicas e do patrimônio e a criação e fortalecimento da responsabilidade e da identidade. Para Hartog (2006, p. 266), “o patrimônio se encontra ligado ao território e à memória, que operam um e outro como vetores da identidade”.

O “plantar” é uma experiência objetiva com o ambiente, mas também é uma relação emocionalmente significativa entre os moradores e sua habitação comum.

“Se eu tiver que comprar uma casa agora, compraria com quintal enorme, pra ter que fazer de novo, botar minhas plantas, que eu amo plantas...” (Gleide Ferreira)

Para Valsiner (2013, p. 149), a família é um sistema dinâmico que se “ajustam às novas demandas ambientais”, mas também recriam este espaço “afetando” e sendo “afetado” por ele, o que Valsiner e Carrière (2013) denominaram de *affectivation*. Essa questão é mais ilustrativa quando a família Cidreira narram suas vivências em quintais, onde, por exemplo, a mãe organiza um piquenique com os filhos e sobrinhos para passar uma tarde no quintal, o pai ensina à filha colher um tomate quando está maduro, os sonhos de ver a piscina reformada e “a quadra de esportes para as crianças brincarem” são compartilhados na família.

Para Tuan (1983) o espaço se compõe de experiências além de permitir a vida, lugar onde gerações sucessivas deixaram marcas, projetaram suas utopias, seu imaginário. É assim que o sentimento de cuidar do lugar surge na fala de Sales, para quem o quintal é,

Uma coisa pra ser cultivado, pra ter plantação e não local de guardar entulho, lixo, guardar material. Você não pode fazer uma coisa dessa, é uma coisa da natureza. Eu gostaria que meu filho fosse igual a mim... (Sales Reis)

#### - O brincar no quintal

Nada é mais ocioso que a tentativa febril de produzir objetos – material ilustrativo, brinquedos ou livros – supostamente apropriados às crianças. Desde o Iluminismo, essa tem sido uma das preocupações mais estéreis dos pedagogos. Em seu preconceito, eles não vêem que a terra está cheia de substâncias puras e infalsificáveis, capazes de despertar a atenção infantil. (BENJAMIN, 1987, p.237)

É uma unanimidade entre os pesquisadores do desenvolvimento infantil, de que, o brincar e a brincadeira sejam um atributo específico das crianças em qualquer lugar do mundo. Na brincadeira a criança representa, cria, usa o faz de conta para entender a realidade que a cerca e vive o momento. Ao interagir com o ambiente, a criança torna-se um ser ativo, que constrói estruturas mentais, explora o espaço, tem autonomia própria, e é capaz de superar desafios para conquistar seu espaço. “Pois,

é impossível ignorar que a criança satisfaz certas necessidades no brincar”. (VYGOTSKY, 1998, p. 122)

No decorrer do desenvolvimento integral, a criança cresce e compreende a realidade por meio de brincadeiras e do faz de conta, que em alguns momentos são representações da vida adulta. A criança também libera emoções de diferentes origens e intensidades, demonstrando suas preferências e seus interesses pessoais. Brincando de formas variadas, entre elas, sozinhas, com outras crianças, ela elabora conceitos e, progressivamente, vai integrando com seu mundo, ou seja, com a realidade vivida. No ambiente familiar, a criança, constantemente, interage com seus pais, irmãos, primos e outras pessoas. Deste modo, o quintal tem um papel essencial para o desenvolvimento infantil. Como aponta Almeida (2011),

Voltar à infância pela memória é imaginar o quintal onde aconteciam as brincadeiras.

[...] O quintal é o pequeno espaço da nossa infância, sendo ele de terra, de grama ou de pedra. Por ser o espaço da infância, somos levados a afirmar: lembrar-se quando criança é voltar a habitar nosso quintal. (ALMEIDA, 2011, p. 85)

Neste estudo, para as famílias, o quintal é o local preferido das crianças, “para brincar de bicicleta, futebol, bolinhas de gude, mexer na terra e fazer as tarefas escolares com o nosso acompanhamento” (Wanderlene Reis). Como citou Benjamim (1987, p. 237), a terra “desperta a atenção infantil”.

Neste estudo, percebi que as brincadeiras preferidas por todos os membros participantes, na infância, independentemente de ser menino ou menina são os mesmos: pega-pega, esconde-esconde e bolinhas de gude. Logo a seguir, aparecem as brincadeiras preferidas pelas meninas, como casinha, cozinhado e bonecas; enquanto que os meninos se divertiam com jogos com bolas, “brincar com o cachorro,” e todas as brincadeiras que envolvem o correr e subir em árvores.

No entanto, percebe-se que as questões de gênero não estão assim tão bem resolvidas, de acordo com as narrativas de alguns integrantes das famílias:

(...) e eu mesma brincava mais coisas de menino do que de menina, por isso que me chamavam de mulher-macho, eu era, praticamente, era homem... (Gleide, 43 anos)

(...) com as bolinhas de gude que eu gostava de brincar e era muito boa nesse jogo... (Wanderlene Reis, 45 anos)

Essas narrativas nos possibilitam discutir as relações de gênero como movimento de contestação e crítica ao status quo das práticas discursivas que reiteram a polarização dos gêneros e acabam escondendo outras concepções mais pluralizadas na construção social do que é ser homem ou ser mulher em nossa sociedade.

Em “A poética do espaço”, Gaston Bachelard (1974, p. 202) coloca o espaço como ponto central no ato de lembrar, ele diz: “em seus mil alvéolos, o espaço retém o tempo comprimido. É essa a função do espaço”. Os quintais das famílias participantes também têm essa “função”: ser uma imagem evocativa de um passado, reapresentados nas lembranças da infância e das brincadeiras comuns neste período, em cada geração. Nas narrativas, o quintal se torna um espaço que se transforma ao mesmo tempo em que permanece imanente, ainda que na imaginação, com suas qualidades que lhes são inerentes: lugar da infância com seu desejo de liberdade; lugar da natureza, onde as plantas florescem; dos rituais e do misticismo religioso dado por uma transmissão étnica, seja dos povos africanos escravizados ou mesmo dos indígenas, pais e mães desta terra. Essas questões são interpretadas a partir das narrativas dos integrantes das famílias, como se seguem:

Meu quintal da infância foi muito bom, hoje em dia a gente não vive antigamente a gente vivia... (Gleide Ferreira, 43 anos)

Ah, eu brincava demais, eu falo até hoje: a minha infância a gente dormia de porta aberta, lá no quintal, minha mãe fazia casinha com as palhas das bananeiras... (Leonor Cidreira, 38 anos)

No período que eu morava lá, os mais velhos inventavam que existia mula sem cabeça, boitatá... (Sales, 48 anos)

#### **4.2.3 Segundo núcleo temático: o papel dos outros significativos no processo topofílico dos quintais**

Neste núcleo temático serão abordadas as subcategorias: o papel da mãe e da avós na transmissão cultural, o papel da fratria na constituição da subjetividade e o papel das fronteiras sociais na abordagem dos domínios público e o privado.

- O papel da mãe e da avó na transmissão cultural

Ao lembrar-se da infância, Leonor fala dos fazeres da mãe que foi sua grande referência. Na perspectiva de Damergian (1991), a mãe é um ser psicológico, que tem as especificidades características de sua personalidade e é também representante do social, transmitindo aquilo que incorporou em sua história pessoal.

**Casca de côco**

Seu guarda civil não quer  
A roupa no quarador  
Seu guarda civil não quer  
A roupa no quarador  
Meu Deus onde eu vou quará  
Quarar minha roupa  
Meu Deus onde eu vou quará  
Quarar minha roupa  
(Domínio Público)

Leonor se lembra que aprendeu a gostar de quarar<sup>39</sup> roupa no quintal, pois a mãe sempre dizia: “Ah! Um sol desse, um verde desse, um quintal desse, tem que quarar!” Esse processo de lavar roupa e por para quarar indica a existência de princípios e lógica culturais tão claros e tão profundamente enraizados nas práticas cotidianas que muitas vezes passam despercebidas e que são transmitidos informalmente e através da observação prática entre mulheres de diferentes gerações.

Percebe-se que outros conjuntos de atividades culturais são transmitidos socialmente e assim, perpetuadas, mantendo a cultura “viva” em determinadas localidades e para isso o espaço também precisa ser mantido “vivo”, como é o caso

---

<sup>39</sup> "Coarar" ou "Quarar" é o ato de deixar as **roupas de cor branca ou clara** (também toalhas, lençóis, etc.) **já lavadas e ensaboadas** (com "sabão de pedra") **expostas ao sol** para ficarem com um branco "imaculado" (sem manchas). Essa exposição é para **branquear ou alvejar** (e não para secar). As de **cores fortes** também eram "**quaradas**", mas em menor escala por causar "desbotamento" com o passar do tempo. Nada mais que uma prática **quase** em desuso (ainda resiste principalmente nas pequenas cidades do interior) que era **muito comum** até os **anos 60**. No tempo das casas com quintal grande e das roupas lavadas em tanques (e, até, em rios ou fontes).

Amadeu Amaral (1982) expõe o significado COARÁ(R), corar, v. t. | Esta forma só se refere à roupa lavada posta ao sol. Diz-se também corá(r), mas com referencia a vermelhidão das faces. - Coará apresenta evidentemente um caso de desdobramento de uma vogal aberta: corar, em boca de portugueses, soa corar". É curioso, contudo, que esse fenômeno só se tenha dado com uma das acepções do voc., e mais curioso ainda quando se sabe que o mesmo fato se observa no extremo Norte do Brasil. (Cherm, art.

"(Coradouro)". (AMARAL, 1982, p. 117)

dos quintais urbanos, onde tarefas domésticas, cuidados com animais e com as pessoas dão um colorido novo às interações e faz a vida ter mais sentido.

Leonor não teve muito estudo, mas é uma mãe consciente, ela fala: “se tudo que eu plantei der fruto, minha filha vai ter bem mais”. Observa-se que o que liga a pessoa ao seu espaço, não é uma preparação para o presente, mas para um futuro próximo, o que Sales diz com um pouco de lamentação: “eu gostaria que meu filho fosse igual a mim, mas não posso dizer nada, também que nunca mostrei o que é um quintal, uma plantação, cuidar das ervas, de manhã você tem que molhar certos tipos de árvores que gostam mais de sol, você não pode molhar de meio dia pra tarde porque a terra tá quente...”

A cultura é primeiramente uma herança, a transmissão é feita em diversas etapas no decorrer da infância e da adolescência, confirma Claval (2002). Assim, diz José, ao se referir à avó materna: “*herdei os costumes dela*”. Percebe-se, que, os quintais são sistemas tradicionais resultantes de conhecimentos acumulados e transmitidos através de gerações (ROSA et al. 2007). No entanto, essa transmissão não pode apenas depender da observação dos infantes, mas a mediação deve ser mais efetiva. Não basta que a criança observe o adulto manejando ou vivenciando o espaço de alguma forma, é necessário que a mediação semiótica ocorra de forma intencional. É com palavras e com gestos intencionais, como afirmou Sales, quando se recorda: “também que nunca mostrei o que é um quintal...” ele quis dizer que não se pode exigir que seu filho tenha internalizado o sentimento de lugar, da qual ele teve internalizado em sua própria infância, se ele mesmo não lançou mão destes mecanismos semióticos formados por “significados pessoais subjetivamente construídos” em sua relação com os outros e com o espaço. (VALSINER, 2012, p. 55)

#### - O papel da fratria na constituição da subjetividade

Na maioria das vezes, os pais têm outros filhos, seja por escolha própria e planejada, seja por acaso e descuido. De uma forma ou de outra, serão para sempre nossos irmãos e irmãs, que não podemos escolher. Mas é com eles que compartilhamos a nossa história de vida, nossas experiências, vivências e lembranças por mais tempo do que provavelmente com qualquer outra pessoa. “Ser e ter um(a) irmão(ã) vai-se constituir numa das três contingências vitalícias, pois,

assim como não há ex-pais, nem ex-filhos, não existem ex-irmãos”. (GOLDSMID & FÉRES-CARNEIRO, 2007, p.293)

Em todas as narrativas, os integrantes apontam os irmãos e irmãs como pessoas significativas para seu desenvolvimento psicossocial. Vejamos por que:

Lembro de mais um acontecimento no quintal, eu e os meninos Wan, Max e o finado junto catamos lata e guardávamos no quintal para depois vender. (Gleide Ferreira, 43 anos)

(...) mas em outros momentos observava meus irmãos menores brincando lá no quintal. (Wanderlene Ferreira, 45 anos)

Eu passei mais tempo da minha vida sozinho em casa, com minha avó e minhas tias duas tias que moravam lá. E aí quando a minha mãe chegava lá, as vezes no final de semana, com os meus irmãos, a gente pintava pra caramba no quintal. (José Cidreira, 62 anos)

(...) mas de esconde-esconde eu ainda brinco com minha irmã, a gente brinca de esconde-esconde no quintal... (Ícaro Cerqueira, 18 anos)

Cada integrante, das famílias participantes, busca, nas suas lembranças passadas, a importância que os irmãos e irmãs tiveram em sua vida. No entanto, foi na família Ferreira, que esta relação mostrou-se ser mais importante. Talvez, pela indiferença dos pais no cuidado com o quintal, este era ocupado pelas crianças e jovens, assim, como foi por mim revelado e por minha irmã Gleide, acima.

Como se percebe no contexto das narrativas, o quintal era o espaço ideal para as brincadeiras infantis, principalmente quando a presença de irmãos, independentemente da faixa etária ou gênero, era constante. Quando a figura dos irmãos não existia, era substituída pela presença dos primos e primas, como vemos nas narrativas abaixo:

De vez em quando a gente brigava e dava pedrada um no outro [os primos], isso era normal e aí todo mundo entrava na surra... (José Cidreira, 62 anos)

(...) eu brincava com minha primas, a gente brincava de pega-pega, fura-pé, peão, futebol, de tudo um pouco. (Ícaro Cidreira, 18 anos).

Uma análise das histórias destas famílias permite colocar em evidência e submeter à discussão, as condições nas quais as identidades pessoais foram



construídas em relação às características e dinâmicas familiares. Assim, a relação com os irmãos e/ou outros significantes (os primos), contribuiu para essa afirmação da identidade com o lugar, neste caso, o quintal. Desse modo, foi estabelecido com o lugar, laços de afetividades, assim como o fora com os irmãos na infância, com os quais nos identificamos, registrando na memória, a experiência partilhada com eles.

Goldsmid e Féres-Carneiro (2007, p. 305), outorgam ao vínculo fraterno, um lugar central, afirmando que este vínculo tem vida independente, formando-se em paralelo ao vínculo com os pais, e, por pertencerem à mesma geração, funcionam como modelos de identificação diferentes. O vínculo entre irmãos, também, “contribui para a atmosfera de intimidade e manutenção da unidade familiar no sentido de perenidade dos vínculos”.

- Entre o público e o privado: o quintal e as fronteiras sociais

O quintal, devido à sua maior complexidade em relação aos outros espaços sociais, é mais ambíguo, quando a questão são os limites entre o que é de domínio público ou privado.

Há quintais de todas as dimensões e necessidades, com cercas ou murados. Os muros podem ser altos ou baixos. No entanto, são sempre divisores de propriedades e de relacionamentos. Porém, tornam-se ambíguos, pois ao mesmo tempo em que separam, unem as pessoas (MARSICO, 2013), seja por uma árvore que pendem suas folhagens, como narra o adolescente Ítalo Cidreira,

Não tenho contato com meus vizinhos realmente, somente quando uma árvore daqui tem galhos no lado de lá, [por exemplo] tem a mangueira, porque o pé de manga cai lá. Às vezes a banana fica muito perto do muro, aí cai todo no lado de lá... (Ítalo Cidreira, 18 anos)

Seja para compartilhar os produtos do quintal com os vizinhos, como narra José Cidreira:

Como eu estava tirando [mangas] lá e enchi uma sacola de manga espada. Aí ele [o vizinho] disse: - Poxa, eu adoro! Então eu lhe respondi: - Eu não subo, então você sobe, porque eu não tenho mais idade para isso... (José Cidreira, 62 anos)

Estes aspectos são importantes para a compreensão da relação entre o público e o privado. Ambas as esferas imbricam-se de tal forma neste momento, dificultando o entendimento do que realmente seja um quintal: é do domínio privado, das famílias? Ou é domínio público, acessível aos olhares e intromissões alheias? A questão aqui é a liminaridade (RABINOVICH, 1996), um espaço que ora é uma coisa, ora outra.

Do ponto de vista dos membros das famílias participantes, os quintais lhes pertencem, por isso é uma área privativa, pois, somente os seus parentes e amigos podem ter acesso ao lugar, como revela-nos as narrativas abaixo:

É os que podem entrar toda hora aqui [no quintal] são os meus parentes. A maioria moram aqui por perto e eu já os conheço há tempo... (José Cidreira, 62 anos)

As pessoas que eu me dou bem, realmente se chegarem em minha casa, tem a porta aberta, e os outros, que eu não falo, não dirijo muito [a palavra], só um bom dia ou boa tarde, não faz bem nem mal, não proibo, só não admito que entre em meu quintal... (Ítalo Cidreira, 18 anos)

No entanto, em outros momentos surge a ambiguidade, quando o desejo de proximidade com “os outros” se torna mais premente.

Neste momento surge um vizinho, mais idoso, morador da casa em frente, que também falou alguma coisa para Leonor, ao mesmo tempo em que dialogava com outra pessoa na rua, da qual não pudemos ver por causa do muro do quintal... (Diário de campo, 19/03/2015)

Percebe-se que a casa, a rua e o quintal são contextos de interações indissociáveis que fazem parte de um mesmo complexo sistema de relações sociais e culturais. As relações com “os de fora”, ou seja, com a vizinhança, desperta em nós o sentimento de comunidade e coletividade, instaurando assim, os significados de pertencimento e reconhecimento, importantes para a nossa sobrevivência psíquica.

Portanto seria a partir dos conectivos e das conjunções que poderíamos ver melhor as oposições, sem desmanchá-las, minimizá-las ou simplesmente tomá-las como irredutíveis. (DA MATTA, 1997, p.25)

Esses significados (pertencimento e reconhecimento) têm o poder de nos “afetar” e tornar menos ambíguo a nossa relação entre as esferas públicas e

privadas, criando significados e direcionamentos, como se pode perceber nas narrativas a seguir:

Que alguém possa falar, por exemplo, os vizinhos ou então os meus parentes chegarem aqui e dizerem assim: – é realmente, o quintal ficou do jeito que ela queria. (Leonor Cidreira, 38 anos)

Os vizinhos eram legais! Cheguei até a tomar café de noite, quando vocês foram pra algum lugar [não lembro onde], e eu não quis ficar sozinho, então fui pra casa deles. Eles eram bem legais (...) Meus amigos também vinham pra minha casa brincar comigo no quintal... (Mateus Reis, 13 anos)

O quintal é a *relação entre os dois* contextos sociais, mas também é ele próprio, um contexto sociocultural que, de forma dinâmica, possibilita a construção de valores. Com isso quero dizer que o quintal é uma fronteira que permite à pessoa “tornar menos ambígua a sua relação consigo mesmo, com os outros e com o ambiente físico” (MARSICO et al. 2013, p.53).

É assim que discuto a ideia do quintal como um elemento espacial e recurso simbólico que está “entre” a casa e a rua, que ao mesmo tempo “une e separa”, como uma “membrana que pode ser atravessada em algumas condições (mas bloqueada por outros).” (VALSINER, 2009, p. 22)

#### 4.3 ALGUMAS CONSIDERAÇÕES FINAIS SOBRE OS DIVERSOS SIGNIFICADOS ATRIBUÍDOS AOS QUINTAIS EM NARRATIVAS DE DIFERENTES GERAÇÕES DE FAMÍLIAS

Sinto-me disperso nos tempos cujo ordenamento ignoro.  
(SANTO AGOSTINHO, 2007)

Até aqui, descrevi e analisei os diversos significados atribuídos aos quintais, pelos participantes da pesquisa, seja no âmbito pessoal e individual seja no âmbito coletivo. Com base nos relatos colhidos durante as visitas e entrevistas e em minhas observações, assim, também como nas bibliografias consultadas, fui percebendo como todos nós, envolvidos neste estudo, compomos nossas histórias em quintais, onde a temporalidade foi um ponto de destaque, que nos mostrou o quanto o tempo (passado-presente –futuro) não é uma ideia linear.

Ao trazer à tona um passado que estava adormecido, os participantes puderam traçar objetivos futuros com relação ao lugar, a si mesmos e aos outros. Não no sentido de repetir o passado, pois ficou evidente em algumas narrativas o sentido de transcendê-lo. Um bom exemplo disso são as inovações culturais, como dispor de uma piscina para as reuniões familiares, para o descanso e o lazer; colocar brinquedos atuais para o divertimento das crianças; utilizar novas aprendizagens ambientais para manter o cultivo das plantas, etc. Isso nos mostra que os atores se ocupam em construir “novidades”, com base nas experiências anteriores que são trazidas para o presente e imaginadas num futuro.

Com isso as recordações que foram por nós evocadas em qualquer fase da vida, permitiram-nos perceber que as relações que estabelecemos com as pessoas na figura de nossos pais, irmãos, ou outros parentes e até vizinhos, construídas num contexto ambiental e sociocultural, foram muito importantes para a formação de nossa identidade e nossa subjetividade. E assim refletir, como dissera Ícaro Cidreira, “que na vida a gente tem que saber que planta hoje, semeia hoje, cuidar hoje, pra colher amanhã, tudo na vida a gente não vai colher se não plantar”.

Com isso tentei responder a primeira pergunta norteadora desse estudo, com a qual propunha investigar se o estudo do lugar nomeado de quintal permite uma melhor compreensão da relação entre a construção social do meio e a constituição da subjetividade dos sujeitos envolvidos na pesquisa.

Assim vou dando prosseguimento à análise dos resultados, o que ficou explícito ou implícito nas diversas narrativas em relação aos objetos codificados como sendo pertencentes ao quintal e não aos outros espaços sociais, como a casa e a rua. Os participantes apontam não para um objeto ou coisa particular, mas o que esses objetos ou coisas possibilitam para as pessoas: as interações sociais que se desenrolam num contexto ambiental específico – o quintal: “uma areazinha para eu tomar um café com a minha família, olhando o verdinho...” (Leonor Cidreira).

Obtive uma série de resultados que apontam para o quintal como um sistema simbólico. Um sistema interligado a outros sistemas socioculturais, fazendo parte da vida cotidiana de todos os membros das famílias participantes deste estudo. E de forma mais gradativa, as mudanças de hábitos, passam de complementares para se tornarem as principais criadoras de vínculos afetivos nas famílias. Isto, talvez, fique mais explícito de geração para geração, em que as atividades ligadas aos quintais

se modificam em resposta às necessidades psicossociais de cada integrante de acordo com o seu curso de vida: as crianças brincam, os adolescentes “esvaziam a cabeça”, os adultos querem interagir com os outros, enquanto os idosos buscam uma reintegração com o meio ambiente.

Diante do exposto, busquei, também, responder à terceira e à quarta questões propostas neste estudo, relacionadas ao modo como as relações familiares se estruturam no espaço do quintal e suas implicações tanto para o lugar quanto para as pessoas envolvidas, além de refletir sobre as formas como as famílias atribuem significados, organizam e se vinculam afetivamente aos espaços habitados, – estes espaços tornam-se pessoais, são internalizados, tornam-se memórias dotadas de forte carga afetiva.

Em todas as questões discutidas neste estudo, a tomada de significados e, conseqüentemente, a ambigüidade relacionada às *fronteiras* construídas na relação com o lugar foi um ponto focal. E um desses processos estavam relacionados à maior complexidade desse lugar – o quintal, no quesito “espaço público e espaço privado”. De modo a resolver o impasse e diminuir a ambigüidade nesta questão, trouxe o conceito de *fronteiras*, estudado com mais propriedade pelos pesquisadores Valsiner (2009) e Pina Marsico (2013).

Portanto, os principais levantamentos realizados em campo estiveram direcionados para coletar informações que levassem ao entendimento dos quintais como um lugar de *affectivation*, tema que será mais aprofundado a seguir.

#### 4.4 EU TE AFETO, TU ME AFETAS, ELE ME AFETA: A CONSTRUÇÃO AFETIVA DOS QUINTAIS

(...) espaço, é tudo que eu gosto, sem ele eu não sei o que seria de mim não. (Leonor Cidreira, 38 anos)

Nesta seção, tenho o objetivo de visualizar o processo de *affectivation* em relação aos quintais de Leonor Cidreira, uma dos integrantes da primeira geração da família Cidreira. Este tópico já fora anteriormente analisado em algumas narrativas, mas de forma pontual. Aqui, tentarei ensaiar uma visão mais abrangente, num olhar mais

microgenético, tomando como pano de fundo, os pontos teóricos abordados por Valsiner, Carrière e Glaveanu (2013), que trazem uma grande contribuição para o tema.

A partir das narrativas selecionadas, discutirei a noção de *affectivation*, argumentando que o processo de “afetivar” o lugar leva a uma construção semiótica de sentimentos, como apontado pelos autores supracitados.

Tuan (1983, p. 4-5), preocupado em entender o que dá identidade e “aura” a um lugar, pergunta-se: “de que maneira as pessoas atribuem significado e organizam o espaço e o lugar?”. Para o autor, isso depende da tomada de um referencial ou de uma perspectiva “experencial”, ou seja, as maneiras pelas quais as pessoas tomam contato e constroem a realidade são orientadas pelas sensações (por intermédio dos cinco sentidos) e pelos sentimentos.

O termo *affectivating*, criado por Valsiner e Tateo, fora apresentado quando ambos participavam de um Simpósio na cidade de Santiago, no Chile, em 2013. De acordo com estes autores:

To emphasize the affective and actions-based nature of that process we have created a term (***affectivating***= affect + activating) which here is a neologism. It indicates the two-sided (Person → Environment and Environment → Person) process of relating—treating that relating as primarily an affective (and secondarily cognitive) process. Briefly—We affectivate environments that, in that process, turn us affectively tuned to them”. (VALSINER & TATEO, 2013, p.1)

Ou seja, *affectivation* é um duplo processo que inter relaciona as pessoas a seu ambiente (pessoa - ambiente e ambiente - pessoa), ao mesmo tempo em que ativa esta relação dialógica. Afeto significa, apenas, afeição, um “sentimento de apego sincero por alguém ou por algo” (FERREIRA, 2004, p. 99). Desse modo, a afetividade se refere à capacidade de experimentar sentimentos positivos ou negativos. É empregado de modo a identificar fenômenos de ordem psíquica e física associado aos termos emoção, humor, motivação, sentimento, paixão, amor, personalidade, temperamento e muitos outros. (LONGHEI, et. al. 2010)

*Affectivation* é um processo que permite o surgimento e a reconstrução de significados de uma experiência em um dado campo semiótico-cultural, cuja essência é o afeto, que estabelece relações entre pessoa e ambiente, de maneira

que, tanto ativam quanto facilitam a ação prática em contextos específicos. (CARRIÈRE, 2013)

É por essa via que discutirei os significados de “inter relacionar” e “ativar” como palavras-chave, para entender como o processo de construção de sentimentos e afetos podem estar relacionados a um ambiente específico, – o quintal.

#### - O caso

Leonor tem trinta e oito anos de idade e é mãe de Isabele, que, atualmente, está com seis anos de idade. Essa história começa quando Leonor e o esposo José, compram uma casa com um grande quintal no bairro de Itacaranha. Neste período, sua filha estava completando cinco anos de idade. Foi a partir da sua relação com a filha no novo espaço adquirido que ela foi ativada a pensar em sua identidade afetiva com o lugar, denominado de quintal. Vejamos por que:

Isadora [minha filha] tinha cinco anos e era uma menina que não gostava de pisar, chegar perto da terra, de um simples matinho, ela não gostava. Aí, quando gente comprou aqui [esta casa com este quintal] e ela começou a vir com a gente; quando a gente começou a limpar, ela chorava muito, que não queria ficar, que tinha mato etc. Aí, eu comprei uma bota igual a minha e do pai e disse a ela: -Você também vai usar uma bota e usar uma calça, você vai ver como é legal. Aí, eu fiz isso, então ela começou a gostar, começou a pegar nos matinhos, aí ficou contente, aí eu fiquei também, porque ela não pisava, não chegava perto de uma folha, que tinha medo...

Leonor, ao se sentir afetada pela recusa da filha em aceitar interagir com o quintal, busca através de alguns artifícios (um par de botas e uma calça), incentivar a menina, mas, também, oferecendo-lhe um suporte emocional e transmitindo-lhe segurança. Ela estava preocupada em mostrar à filha, “o que era um quintal”. Isso, talvez, se deva ao seu processo de significação do lugar, em sua infância, como apontado na narrativa a seguir:

Eu brincava demais! Na minha infância a gente dormia de porta aberta. Lá no quintal, minha mãe fazia casinha com as palhas das bananeiras e a gente brincava muito...

[...]

Foi muito bom, tive infância, eu brincava de pular corda, de esconde-esconde, não tinha medo de nada, a gente ficava assim à vontade, eu, minhas irmãs, minhas amigas...

Assim, como ela teve uma infância marcada pela vivência nos quintais, onde as brincadeiras proporcionavam um sentimento de pertença e coletividade, favorecido pela afeição, cuidado e carinho da mãe, ela tenta reproduzir, com a própria filha, oferecendo-lhe condições para a vivência de experiências semelhantes, orientada pelas crenças que tem de infância e de ser criança. Em razão dessas experiências, podemos pensar que, na trajetória de Leonor em quintais, emerge o que Benjamin (1987, p. 253) afirmou a respeito do brincar e da brincadeira serem a gênese de “nossos hábitos”, pois o processo de repetição, tão importante nas brincadeiras infantis, é o elemento comum”. A essência da representação, como da brincadeira, não é ‘fazer como se’, mas ‘fazer sempre de novo’, é a transformação de uma experiência, em hábito”.

Parece que essas experiências se tornaram ‘hábitos’ e são tão carregadas de significados afetivos para Leonor, que foge ao seu entendimento outra forma de perceber o mundo. Como ela sugere a seguir:

...ela não gostava [do quintal], porque tinha areia e mato. Pra mim era estranho, porque eu cresci no mato, eu brincava, pintava e bordava. Aí eu pensei: - tenho que mostrar pra ela o que é um quintal.

Weisfeld (2009), citado por Carrière (2013), ajuda-nos a entender o papel da afetividade em relação ao ambiente e às pessoas, mostrando-nos que não apenas, os afetos que decorrem de circunstâncias atuais, são importantes, mas aqueles que emergem de nossas memórias de experiências afetivas com as pessoas que nos identificamos, como por exemplo, - os nossos pais. Sentir-se bem num lugar, ter prazer em transmitir o sentimento de lugar aos mais jovens e sentir-se “feliz” com isso, assim como demonstrar cuidados com o lugar e com as pessoas, são formas de manifestar afetos, que não partem, apenas, do ambiente para o indivíduo – “o indivíduo age sobre o meio ambiente para criar esses afetos”, numa via de mão dupla (CARRIÈRE, 2013, p. 87). Leonor realiza diversas atividades no quintal, como ela mesma diz:

... no meu quintal eu lavo roupa, eu planto, às vezes a gente faz uma festinha no quintal, faz um churrasquinho, como caranguejo, fazemos um piquenique sempre no quintal, que também é o lugar mais fresco.



E cada atividade engendra uma novidade que possibilita a partilha de experiências comunicativas. Por exemplo, fazer um “piquenique no quintal para brincar com os filhos”, oportuniza que o novo ambiente agora ative estes sentimentos dentro do indivíduo que não estariam, necessariamente, presentes sem o efeito das ações da pessoa neste ambiente. Provavelmente, ninguém se sentiria feliz num quintal cheio de mato e lixo, a não ser para transformá-lo num lugar passível de convivência, - através do “capinar” ou “limpar” o local em família. Assim, pode-se concluir que esta tarefa organizada por Leonor (o piquenique), criou uma atmosfera afetiva no lugar. Se antes o quintal tinha uma conotação negativa para a filha Isabele, devido à presença de “matos e areia” que eram estímulos que proporcionavam ansiedade e medo, agora, “ela anda descalça, ela pega no mato, ela brinca de comidinha com mato”, mostrando que o cuidado e carinho da mãe fez surgir um novo sentimento, - o amor ao lugar.

Desse modo, “a essência do afeto é estabelecer relações entre pessoa e ambiente” de forma que ambos sejam ativados. (GLAVEANU, 2013, p. 2)

Nas interações com o meio social e cultural criamos sistemas organizados de pensamentos, sentimentos e ações que mantêm entre si um complexo entrelaçado de relações. Assim, como a organização de nossos pensamentos influencia nossos sentimentos, o sentir também configura nossa forma de pensar.

*Affectivating* é, portanto, um processo de construção de si mesmo através do mundo, promovendo a adaptação da “pessoa ao meio ambiente e do ambiente à pessoa”. (CARRIÈRE, 2013, p.87)

Essa adaptação só é possível, mediante à projeção dos sentimentos sobre os objetos que, posteriormente, com as trocas interpessoais e a intelectualização dos sentimentos, vão sendo cognitivamente organizados, gerando o sistema de valores de cada sujeito (CARRIÈRE, 2013). Assim, Leonor transmitiu a mensagem para a própria filha, de que o quintal tem um valor positivo. No entanto, essa “transmissão” depende de experiências afetivas mútuas, como ela mesma acrescenta: “aí [ela] ficou contente, aí eu fiquei também.”

Várias foram as tentativas de Leonor em realizar atividades que pudessem “afetivar” o desejo da sua filha. Contudo, o que estava sendo negociado não era a atividade em si, mas as significações partilhadas entre mãe e filha na realização da atividade. Por exemplo, ao construir um lugar que lhe fosse familiar, carregados de

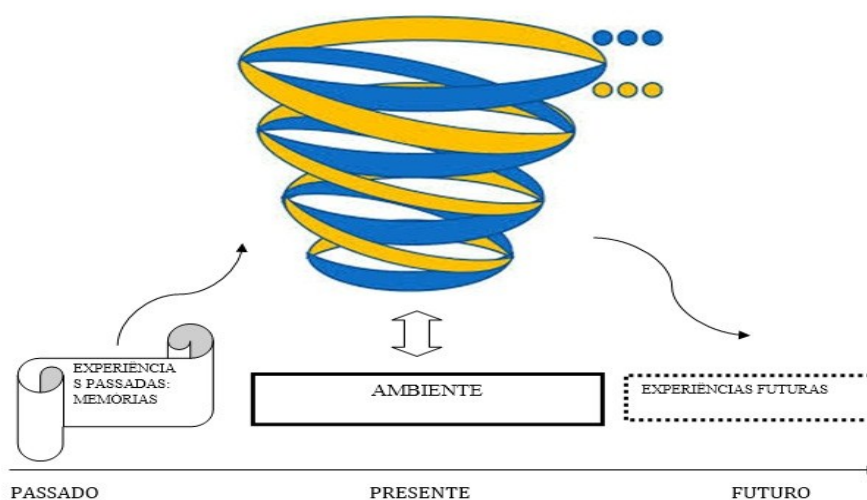
sinais culturais com grande valor afetivo, Leonor possibilitou o surgimento de uma nova identidade, - a identidade com o lugar. Neste sentido, o processo de *affectivation* permitiu o “surgimento e a reconstrução da apreensão semiótico-cultural da experiência” (VALSINER, 2013, p. 238), tanto da filha quanto da mãe:

Aprendi a gostar de plantar com minha mãe. Gosto de plantar e depois a gente colher é muito bom... quer dizer, a experiência que eu gosto de fazer, eu fico feliz, eu planto ali, todo dia de tardinha, eu molho feliz, ensino para as crianças, que é pra seguir o mesmo ritmo.

O processo é quase infinito: a mãe que ensina a filha, que mais tarde ensinará à sua própria filha. A partir disso, as possibilidades de construção e reconstrução de um campo semiótico-cultural são dadas pela abertura afetiva para o outro (CARRIÈRE, 2013). Desse modo, os significados afetivos e cognitivos construídos a partir da experiência no contexto do quintal, (sintetizados na Figura 24, a seguir), consolidaram as experiências de vida, criando continuidade ao longo do tempo irreversível (VALSINER, 2013).

A tensão causada pela possibilidade da filha crescer sem “gostar “do quintal, levou Leonor a agir sobre o ambiente, de modo que este pudesse favorecer a mudança e o desenvolvimento afetivo de ambas. Penso que seja dessa forma, que “nós reconstruímos o mundo objetivo; e o mundo reconstruído orienta nossos processos posteriores de construção de significados”. (VALSINER, 2012, p. 56).

**Figura 24 – Modelo de entrelaçamento entre os sujeitos afetivo-cognitivo e o ambiente, no tempo irreversível**



Fonte: Adaptado de Longhi, Behar e Bercht (2010)

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nos processos simbólicos, destacam-se as diferentes formas pelas quais a pessoa se identifica com o seu entorno, valoriza e preserva o lugar, mediante processos afetivos que estão relacionados à atração ao lugar, - o quanto este é “afetivado” e lhe proporciona bem estar pessoal. A importância de todos estes componentes tem suas variações durante o curso de vida do ser humano (ZITTOUN, 2012). Assim, a pessoa passa a ser conhecedora do ambiente em que vive e habita-o, sentindo-se pertencente àquele lugar.

Portanto, o quintal, considerado um lugar que faz parte da habitação das pessoas, pode ser caracterizado por duas formas distintas: por sua área, pela diversidade de espécies vegetais e suas finalidades, como as indicadas pelos moradores, cujos fatores são facilmente mensuráveis, determinando a importância desse lugar; ou por outros valores reconhecidos como intangíveis ligados à felicidade e bem-estar, ao prazer, onde formamos nossa identidade e subjetividades, portanto, um espaço de liberdade.

O quintal é composto e modelado por seus moradores com base nos significados por estes atribuídos ao lugar. Portanto, é um micro sistema construído pelas pessoas que vivem nele. Trata-se de um espaço cultural que depende das avaliações, primeiramente, afetivas e depois cognitivas, pois desperta em nós o desejo de liberdade, de solidariedade e de amor.

O cuidado com o quintal e o sentimento a este dispensado, estavam presentes em todas as faixas etárias estudadas, o que constitui uma descoberta importante. Diferentemente dos quintais agrofloretais, estudados por diversos autores aqui apresentados, os quintais urbanos contribuem muito pouco para a alimentação dos membros das famílias. Contudo, esse processo não se refletiu no desuso do mesmo, visto que outros significados semióticos, de caráter mais afetivo, possibilitaram que o mesmo passasse a se constituir como “espaço biográfico”.

Bosi (2003), inspirou-me a pensar o quintal como um espaço biográfico devido ao uso que faz dos conceitos de objetos biográficos e objetos de status. Citando Violette Morin (1969, p. 25), a autora descreve os *objetos biográficos* como aqueles “que envelhecem com o possuidor e se incorporam à sua vida: o relógio da

família, o álbum de fotografias. Cada um desses objetos representa uma experiência vivida, “uma aventura afetiva do morador”. Os *objetos de status* seriam aqueles ditados pela moda e valorizados socialmente, mas que “não se enraízam nos interiores” e têm garantia limitada (idem, p. 26). Também Arfuch (2010), quando lança o desafio de se pensar em espaços biográficos como lugar da fala e das narrativas, se apropriando dos conceitos de *espaços biográficos* citados por Philippe Lejeune (2008), das quais suas ideias tiveram origem. Arfuch usa o termo *espaço* num sentido mais transcendente. Assim, o termo ‘espaço’ carrega uma pluralidade de significados, desde os mais genéricos, tais como imensidão, amplitude, dimensão, campo, esfera, oportunidade, adiamento, vazio, intervalo, infinito, firmamento, etc; a outros mais específicos, por exemplo, distância, área ou volume. Para mim, no que me cabe pensar sobre o lugar chamado de quintal, representa um *espaço biográfico* na medida em que é, ao mesmo tempo, um contexto concreto e objetivo – há um espaço, um lócus físico de vivências diversas, um lugar onde se planta para o embelezamento da casa e da vida; para as necessidades diárias, como complemento da alimentação e remédios caseiros; um lugar onde se faz algumas das atividades domésticas mais básicas, como lavar as roupas sujas, mas que também se repete um ato ancestral, - como entoar melodias,<sup>40</sup> possibilidade de uma comunhão com as divindades da água, da terra, do vento e do sol; chegando a um conceito mais abstrato e subjetivo: espaços de liberdade, de resistências, de tradição e, porque não, de felicidade?

Quando Leonor afirma: “não gosto de lavar a roupa na máquina, porque eu gosto de quilar a roupa no mato ao sol,” está me dizendo que “necessito repetir a experiência ancestral, para não me perder de mim mesma. Só assim eu sei quem sou, quem me tornei. Essa é a experiência mais bela da qual posso me orgulhar e transmitir para meus filhos no presente tempo”. Concordo que há aí, outro registro que convoca a experiência humana a dizer de si num outro ancestral ou atual, que está em outro nível que este trabalho só fez arranhar – o nível poético!

A minha experiência em quintais também me diz isso, este espaço que me convida ao diálogo com minhas outridades, - o brincar ou construir brinquedos juntos

---

<sup>40</sup> Nas letras simples das cantigas entoadas pelas lavadeiras, é possível identificar os hábitos das populações ribeirinhas, por exemplo. Por isso, ela também é conhecida como música tradicional. E sob esse aspecto ela é de valor inestimável, pois sustenta a cultura popular, mesmo que de maneira informal.

aos meus irmãos e irmãs, ou vizinhos e vizinhas - o que começa lá e termina na rua, muitas vezes sem passar pela casa, porque não era necessário passar por dentro dela. Nestes termos, as questões que se colocam são: posso forjar uma singularidade nas múltiplas relações com o quintal enquanto espaço biográfico? Será que, talvez, o que esteja no cerne da discussão seja a terrível cilada presente nos termos singularidade e individualidade? Ou mesmo, na indefinição de espaço público ou espaço privado? O que pretendo questionar aqui é o dicotômico processo de interioridade e exterioridade, ou seja, como se relaciona o íntimo com o público na psique do sujeito afetivo, que tem um quintal como espaço biográfico.

O objetivo desta dissertação foi analisar os mecanismos que promovem e controlam o processo de emergência de significados através de um estudo detalhado dos quintais nas dimensões individual e coletiva. A forma específica de metodologia foi do uso de uma abordagem autoetnográfica e etnográfica. Neste sentido, buscando reconhecer a subjetividade, temporalidade, e contextualidade propiciada pelas vivências das pessoas com o lugar. Assim, percebi que a estrutura das nossas representações afetivas sobre espaço e lugar, se forma na infância, estabelecida pelas narrativas familiares, e são constantemente reelaboradas ao longo do curso de vida. (ZITTOUN, 2012)

Cheguei à conclusão de que os mecanismos semióticos, cuja orientação é mais afetiva, podem ajudar a fazer sentido de identidade, de atividades, de opiniões, de situações futuras e desejos ainda não cumpridos.

Perceber a importância da memória, que permite compreender o poder afetivo dos ambientes, pode ajudar a explicar melhor outros tipos de interações socioculturais, trazendo uma luz às questões tão urgentes em nossa sociedade, como as relações entre os domínios públicos e privados, outras questões mais sutis, como o impacto psíquico provocado por perda das relações devido ao “desaparecimento” dos lugares ou pessoas. Nesta direção, reafirmo o caráter coletivo da memória desenvolvido por Halbwachs (1990), que apresenta traços impregnados de referências, permitindo a coesão, a coerência e a manutenção das relações entre passado, presente e futuro.

O tempo e o espaço são categorias fundamentais para a recordação do passado, tendo em conta que o tempo da memória está associado às experiências de vida, e, conseqüentemente, à construção da identidade que se dá a partir do

vivido em cada manifestação cultural. Portanto, creio que a partir do lugar, como o quintal, por exemplo, teremos acesso ao modo como as famílias transmitem às novas gerações seus recursos semióticos mais valiosos: suas crenças e valores, seus rituais, seus hábitos e costumes, seus cheiros e sabores, seus mitos e heróis.

Este estudo resgata a importância das práticas cotidianas em quintais domésticos na periferia da cidade, contribuindo para o desenvolvimento dos membros das famílias participantes, a construção das suas identidades e para a manutenção do estilo de vida. Também revela possíveis contribuições de uma abordagem 'afetiva' em Psicologia Cultural Semiótica, estudando os mecanismos que possibilitam a preservação dos valores, regras e significados que pertencem às tradições familiares.

Atuais preocupações com a qualidade de vida no mundo urbanizado trazem um interesse crescente nos tipos de sentimentos que as pessoas experimentam em ambientes urbanos, os tipos de significados que estão associados com vários ambientes, e os tipos de atividades e comportamentos que se baseiam em ou são motivados por esses sentimentos e significados. Estas preocupações têm como resultados, uma crescente gama de novas pesquisas em estudos urbanos e ambientais que tocam diretamente os processos e mecanismos de surgimento de sentimentos e significados na relação pessoa-ambientes. (TUAN, 1983; RABINOVICH, 2005; KHARLAMOV, 2013)

Os estudos apresentados aqui sobre os quintais urbanos visam contribuir para um diálogo mais efetivo entre a Psicologia Ambiental, A Psicologia Cultural Semiótica e a Geografia Humana, diminuindo, assim, a distância entre estas ciências.

Os significados que as pessoas atribuem a um lugar estão intimamente relacionados com o sentimento de pertencimento, identidade, enraizamento e resistência. São estes, como desenvolvidos acima, os temas centrais discutidos neste trabalho.

## REFERÊNCIAS

ABBEY, Emilly. Ambivalence and its transformations. In: VALSINER, J. **Toward methodological innovations for Cultural Psychology**. Newgen, The Oxford Handbook the Culture and Psychology, 2012.

ALMEIDA, Adris André de. Dos espaços vividos: o quintal reabitado de Manuel de Barros. **Revista Rascunhos Culturais**. Coxim, v. 04, p. 73-89, jul./dez. 2011. Disponível em: <[http://revistarascunhos.sites.ufms.br/files/2012/07/4ed\\_artigo\\_5.pdf](http://revistarascunhos.sites.ufms.br/files/2012/07/4ed_artigo_5.pdf)>. Acesso em: 22 nov. 2014.

ALTHAUS-OTTMANN, Michelle M.; CRUZ, Mailane Junkes R.; FONTE, Nilce Nazareno da. Diversidade e uso das plantas cultivadas nos quintais do Bairro Fanny, Curitiba, PR, Brasil. **Revista Brasileira de Biociências, UFRS**, Porto Alegre, v. 9, n. 1, p. 39-49, jan./mar. 2011. Disponível em: < <http://www.ufrgs.br/seerbio/ojs/index.php/rbb/article/view/1646>>. Acesso em: 12 out. 2014.

AMARAL, Amadeu. **O dialeto caipira**: gramática, vocabulário. 4ª ed., São Paulo: Hucitec / Brasília: INL, 1982 (reprod. facsimil da 2ª ed.; 1ª ed. 1920).

AMAZONAS, Maria Cristina Lopes de Almeida. Arranjos familiares de crianças das camadas populares. **Revista Psicologia em Estudo**, Maringá, v. 8, n. esp., p. 11-20, 2003.

AMOROZO, Maria Christina de M. Uso e diversidade de plantas medicinais em Santo Antônio do Leverger, MT, Brasil. **Acta Botânica Brasileira**, São Paulo, nº 16, p. 189-203, 2002. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/abb/v16n2/a06v16n2.pdf>>. Acesso em: 13 out. 2014.

AMOROZO, Maria C. de M. & GÉLY, A. Uso de plantas medicinais por caboclos do Baixo Amazonas, Barcarena, PA, Brasil. **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi, Belém**, p. 47-131, 1998. Disponível em: <<http://repositorio.museu-goeldi.br/jspui/bitstream/pdf>>. Acesso em: 20 mai.2015.

ARFUCH, Leonor. **O espaço biográfico**: dilemas da subjetividade contemporânea. Tradução Paloma Vidal. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2010.

ARIÉS, Philippe. **História social da família e da criança**. Tradução de Dora Flasksman. 2ª ed., Rio de Janeiro: Editora LTC. 1981.

BACHELARD, Gaston. **A poética do espaço**. Tradução de Antônio da Costa e Lúcia do Valle S. Leal. 1ª ed. São Paulo: Abril Cultural, 1974.

BASTOS, Ana Cecília S. **Modos de partilhar**: a criança e o cotidiano da família. Taubaté: Cabral Editora Universitária, 2001.

BAUER, Martin W.; GASKELL, George. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som**: um manual prático. Trad. Pedrinho A. Guareschi. 2ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes. 2002.

BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política**: ensaios sobre literatura e história da cultura. Obras escolhidas, v. 1. Tradução Sergio Paulo Rouanet. 3ª ed São Paulo: Editora Brasiliense, 1987.

BOSI, Ecléa. **O tempo vivo da memória**: ensaios de Psicologia Social. 3ª ed. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.

\_\_\_\_\_. **Memória e sociedade**: lembranças de velhos. 3ªed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

BRUNER, Jerome S. Life and narrative. **Social Research**. v. 71, nº 3, 2004. Disponível em <[ewasteschools.pbworks.com/.../Bruner\\_J\\_LifeAsNarr.](http://ewasteschools.pbworks.com/.../Bruner_J_LifeAsNarr.)> Acesso em: 10 dez.2014.

\_\_\_\_\_. The Narrative Construction of Reality. **Universidade de Chicago**. v. 18, n. 1, p. 1-21, 1991. Disponível em: <<http://www.jstor.org/discover/10.2307/1343711?sid=21105199341161&uid=2&uid=70&uid=2121&uid=4>> Acesso em: 04 dez. 2014.



\_\_\_\_\_ Acts of Meaning. Massachusetts: Harvard University Press, 1990.

BUTLER, Sue. Considering “objective” possibilities in autoethnography: a critique of Heewon Chang’s autoethnography as method. **The Weekly Qualitative Report**. v. 2, n. 51, dec. 2009. Disponível em:  
<<http://www.nova.edu/ssss/QR/WQR/chang2.pdf>>. Acesso em: 12/08/2014.

CAMPOS, Ricardo. Imagem e tecnologias visuais em Pesquisa Social: tendências e desafios. **Revista Análise Social**, v. 49, p. 237-259, 2011. Disponível em:  
<<http://analisesocial.ics.ul.pt/documentos/1317831186G5cUQ8iz4Gt87CI9.pdf>>  
Acesso em 10 abr. 2014.

CARDOSO, Amauri M. A benção paterna. In: MOREIRA, Lúcia V. e CARVALHO, Ana M. (orgs). **Família e Educação: olhares da psicologia**. São Paulo: Paulinas, 2012. (p. 167).

CARNIELLO, Maria A. et al. Quintais urbanos de Mirassol D’Oeste-MT, Brasil: uma abordagem etnobotânica. **Acta Amazônica**, v. 40, p. 451-470, 2010. Disponível em:  
< [www.scielo.br/pdf/aa/v40n3/05.pdf](http://www.scielo.br/pdf/aa/v40n3/05.pdf)> Acesso em: 20 jan. 2015

CARRIÈRE, K. Making a place into a home: the affective construction of the feeling<>being differentiation. **Psychology & Society**, USA: Clark University, v. 5, p. 87-103, 2013. Disponível em: <[http://www.psychologyandsociety.org/\\_\\_assets/\\_original/2013/11/KCarriere\\_Affectivating.pdf](http://www.psychologyandsociety.org/__assets/_original/2013/11/KCarriere_Affectivating.pdf)>. Acesso em: 20 jan. 2015.

CARRIÈRE, K. Introduction to the special issue: semiotic mechanisms in everyday life. **Psychology & Society**, USA: Clark University, v. 5, p. 5-18, 2013a.

CARSTEN, Janet e HUGH-JONES, Stephen (eds.). 1995. About the House: Lévi-Strauss and Beyond. Cambridge: Cambridge University Press. 300 pp. Resenha de: GORDON JR., Cesar. About the house: Lévi-Strauss and Beyond. *Mana*, Rio de Janeiro, v. 2, n. 2, oct. 1996.

CARVALHO, Isabel Cristina Moura. Biografia, identidade e narrativa: elementos para

uma análise hermenêutica. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, ano 9, n. 19, p. 283-302, jul. 2003.

CAZUZA. "O tempo não pára". Álbum: O tempo não pára. 1988

CERVANY, Ceneide M. O. & BERTHOUD, Cristiana M. E. **Visitando a família ao longo do ciclo vital**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2002.

CHANG, H. Autoethnography: raising cultural awareness of self and others. In: WALFORD, G. (Ed.) **Methodological developments in ethnography: studies in educational ethnography**. Oxford, Elsevier, v. 12, p. 207-221, 2007.

CLAVAL, Paul. A volta do cultural na geografia. Mercator: **Revista de Geografia da UFC**, Fortaleza, ano 1, n. 1, 2002. Disponível em: <[http://geografias.net.br/pdf/01\\_A\\_volta\\_do\\_cultural\\_na\\_Geografia.pdf](http://geografias.net.br/pdf/01_A_volta_do_cultural_na_Geografia.pdf)>. Acesso em: 12 out. 2015.

CORRÊA, Roberto L. **Trajetórias Geográficas**. 2. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997.

CRESWELL, J. W. **Projeto de Pesquisa: métodos qualitativo, quantitativo e misto**. Tradução de Luciana de O. da Rocha. Porto Alegre: Artmed, 2007.

CUENCA, Manuel A. G. A cultura do coqueiro. **EMBRAPA: Sistema de Produção**, Brasília, nov. 2007. Disponível em: <<http://sistemasdeproducao.cnptia.embrapa.br/FontesHTML/Coco/ACulturadoCoqueiro/cultivares.htm>> Acesso em: 09 out. 2015.

DAMATTA, Roberto. **A casa e a rua: espaço, cidadania, mulher e morte no Brasil**. 5ªed. Rio de Janeiro: Editora Rocco, 1997.

DAMERGIAN, Sueli. O inconsciente na interação humana. **Revista Psicologia USP**, São Paulo, nº 2, p. 65-76, 1991. Disponível em: <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1678-pdf](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1678-pdf)>. Acesso em: 20 out. 2015.

DONATI, Pierpaolo. **Família no século XXI: abordagem relacional**. São Paulo: Paulinas, 2008.

DUARTE, Ana P. & LIMA, Maria L. Análise dos conteúdos da identidade associada ao lugar. **Revista Psicologia**, Lisboa, v. 19, nº 1, 2005. Disponível em: <[http://www.scielo.gpeari.mctes.pt/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0874-20492005000100009](http://www.scielo.gpeari.mctes.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0874-20492005000100009)> Acesso em: 20 nov. 2014.

DUQUE-BRASIL, Reinaldo et. al. Riqueza de Plantas e Estrutura de Quintais Familiares no Semiárido Norte Mineiro. **Revista Brasileira de Biociências**, Porto Alegre, v. 5, supl. 2, p. 864-866, jul. 2007. Disponível em: <[www.ufrgs.br/seerbio/ojs/index.php/rbb/article/download](http://www.ufrgs.br/seerbio/ojs/index.php/rbb/article/download)> Acesso em: 18 jun. 2014.

DRUMMOND, Adriana de França. **Participação de crianças e adolescentes nas tarefas domésticas**. Belo Horizonte, 2014. Tese (doutorado) – Universidade Federal de Minas Gerais, Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional. 2014.

ECLESIASTES, Cap. 3, v. 1-8. In: **Bíblia de Promessas**. 4ª ed. Tradução João Ferreira de Almeida. Rio de Janeiro: Imprensa Bíblica Brasileira, 2001. (pp. 647).

FERREIRA, Aurélio Buarque de H. **Mini-Aurélio: dicionário da língua portuguesa**. 6ª ed. Curitiba: Positivo, 2004.

FERREIRA, M.S.F.D.; DIAS, F.M.S. Comparison of the usage of space for yards in two neighborhoods at Cuiabá- MT. In: **Annals of 4th National Symposium of Environment Studies**, Cuiabá, Mato Grosso, p. 83-91, 1993.

FERREIRA, Priscila C. Mapa do Subúrbio Ferroviário de Salvador. 2015. 1. Mapa.

FERNANDES, Renata Sieiro. Memórias de Menina. **Cadernos Cedes**, Campinas, n.º 56, p. 81-102, abr. 2002.

FREITAS, Ana Valeria L. Plantas medicinais: um estudo etnobotânico nos quintais do Sítio Cruz, São Miguel, Rio Grande do Norte, Brasil. **Revista Brasileira Biociências**, Porto Alegre, v. 10, n. 1, p. 48-59, jan./mar. 2012. Disponível on-line em: <<http://www.ufrgs.br/seerbio/ojs/index.php/rbb/article/view/183>> Acesso em: 20 mai. 2014.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. 1ª ed. Rio de Janeiro: LTC, 2008. \_\_\_\_\_ **O saber local**. Tradução Vera M. Joscelyne. 7ª ed. Petrópolis: Vozes, 2004.

GEORGE, Sally St. An autoethnography book review. Universidade de Calgari, Canadá. **The Weekly Qualitative Report**, v. 2, n. 51, dez. 2009. Disponível em <<http://www.nova.edu/ssss/QR/WQR/chang2.pdf>>. Acesso em: 12 ago. 2014.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de Pesquisa Social**. 2ª ed. São Paulo: Editora Atlas. 1989.

GLAVEANU, Vlade P. Affectivating environments in creative work. **Paper presented at Dialogue and Debate in the making of Theoretical Psychology**, Santiago, Chile, 2013.

GOLDSMID, Rebeca & FÉRES-CARNEIRO, Terezinha. A função fraterna e as vicissitudes de ser e ter um irmão. **Psicologia em Revista**, Belo Horizonte, v. 13, n. 2, p. 293-308, dez. 2007.

GOMES, Ângela Maria da Silva. **Rotas e diálogos de saberes da etnobotânica transatlântica negroafricana: terreiros, quilombos, quintais da Grande BH**. Belo Horizonte, 2010. Tese (doutorado) – Universidade Federal de Minas Gerais, Instituto de Geociências. 2010.

GORDILHO-SOUZA, Ângela Maria. Da idealização do subúrbio à construção da periferia: estudo da expansão suburbana no século XX, em Salvador-Ba. **Revista Brasileira de Estudos Urbanos e Regionais**, Belo Horizonte, 2004. Disponível em: <<http://www.anpur.org.br/revista/rbeur/index.php/shcu/article/view/963>> Acesso em: 25 fev. 2013.

GÜNTHER, Hartmut. Mobilidade e affordance como cerne dos estudos pessoa-ambiente. **Revista Estudos de Psicologia**, Brasília, n. 8, p. 273-280, 2003. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/epsic/v8n2/19043.pdf>>. Acesso em: 12 dez. 2014.

HALWBACHS, Maurice. **A memória coletiva**. Tradução de Laurent Léon Schaffter. 2ª ed. São Paulo: VÉRTICE, 1990.

HARTOG, François. Tempo e patrimônio. Belo Horizonte: **Revista Varia História**, Belo Horizonte, v. 22, n. 36, jul./dez. 2006.

KHARLAMOV, Nikita A. **Modeling Sense of Place**: emergence of meaningful places in encountering environments. 2013. Clark University, Worcester, USA. Dissertation, 2013. Disponível em: <<http://gradworks.umi.com/35/74/3574700.html>> Acesso em: 10 set. 2014.

\_\_\_\_\_. The city as a sign: a developmental- experiential approach to spatial life. cap. 13. In: VALSINER, J. **The Handbook of Culture and Psychology**. Oxford. 2009. Disponível em: <<http://www.oxfordhandbooks.com/view/10.1093/oxfordhb/9780195396430.001.0001/oxfordhb-9780195396430-e-14>> Acesso em: 8 set. 2014.

KUHNEN, Ariane; FELIPPE, Maria L.; LUFT, Caroline Di Bernardi; & FARIA, Jeovane Gomes. A importância da organização dos ambientes para a saúde humana. **Revista Psicologia & Sociedade**, Minas Gerais, p. 538-547, 2010. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/psoc/v22n3/v22n3a14.pdf>>. Acesso em: 20 out. 2014.

LAPLANTINE, François. **Aprender Antropologia**. Tradução Marie-Agnes Chauvel. São Paulo: Brasiliense, 2003.

LONGHEI, Magalí Terezinha; BEHAR, Patricia, A.; BERCHT, Magda. In search of the affective subject interacting in the ROODA Virtual Learning Environment. In: **Key Competencies in the Knowledge Society**, IFIP TC 3, International Conference, KCKS Brisbane, Australia, p. 20-23, 2010. Disponível em: <[http://link.springer.com/chapter/10.1007%2F978-3-642-15378-5\\_23](http://link.springer.com/chapter/10.1007%2F978-3-642-15378-5_23)>. Acesso em: 15 out. 2015.

LOUREIRO, Juliana C. **Pelas entranhas de Olinda**: um estudo sobre a formação dos quintais. 2007. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Alagoas. Maceió, 2007. Disponível em: <[http://www.repositorio.ufal.br/bitstream/riufal/678/1/Dissertacao\\_JulianaCoelhoLoureiro\\_2008\\_Completa.pdf](http://www.repositorio.ufal.br/bitstream/riufal/678/1/Dissertacao_JulianaCoelhoLoureiro_2008_Completa.pdf)> Acesso em: 22 mai. 2014.

MAGNANI, José G. C. O pedaço das crianças. Núcleo de Antropologia Urbana da USP. **Revista E. SESC**, São Paulo, 2007. Disponível em: <[nau.fflch.usp.br/sites/nau.fflch.usp.br/files/.../pedaco\\_crianças.pdf](http://nau.fflch.usp.br/sites/nau.fflch.usp.br/files/.../pedaco_crianças.pdf)> Acesso em: 10 nov. 2014.

\_\_\_\_\_. Rua, símbolo e suporte da experiência urbana. Núcleo de Antropologia Urbana da USP. São Paulo: **Revista E. SESC**, São Paulo, 2007a. Disponível em: <<http://www.n-a-u.org/ruasimboloesuporte.html>>. Acesso em: 10 nov. 2014.

MARCONI, Marina de Andrade & PRESOTTO, Zélia Maria Neves. **Antropologia**: uma introdução. 7ª ed. São Paulo: Editora Atlas. 2010.

MARSICO, G.; VALSINER, J. Mind the border: experiencing the present and reconstructing the past through the boundaries. In: SÄLJ, Ö. Roger; LINELL, Per; MÄK, Italo, (Eds.). Memory practices and learning: experiential, institutional and sociocultural perspectives. **K-Seminar Aalborg**, 6th, nov. 2013a. Disponível em: <<https://kitchenseminar.files.wordpress.com/2013/11/marsico-valsiner-border-for-k-seminar-6th-nov-2013.pdf>>. Acesso em: 26 out. 2014.

MARSICO, G. The “Non-cuttable” Space in between: context, boundaries and their natural fluidity. **Integr. Psychology Behaviorism**, n. 45, p.185–193, 2011. Disponível em: <<http://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/21509524>>. Acesso em: 8 nov. 2014.

MARTINES, Elizabeth A. L. et al. Pesquisa e avaliação de narrativas. **Revista de Educação à Distância**, São Paulo, v. 1, n. 1, 2014. Disponível em: <<http://www.aunirede.org.br/revista/index.php/emrede/article/download>>. Acesso em: 20 dez. 2014.

MARTINS, Oriza. Cicatrizes”. 2007. Disponível em: <<http://www.orizamartins.com/poesias-oriza-cicatrizes.html>>. Acesso em: 20 out. 2015.

MATOS, Elsa de. **Desenvolvimento do self na transição para a vida Adulta**: um estudo longitudinal com jovens baianos. Salvador, 2013. Tese de Doutorado. Instituto de Psicologia. Universidade Federal da Bahia. 2013.

MELLO, Luiz Gonzaga de. **Antropologia Cultural**. 11ª ed. Petrópolis: Editora Vozes. 2004.

MONTANDON, Cléopâtre. As práticas educativas parentais e a experiência das crianças. **Revista Educação & Sociologia**, Campinas, v. 26, n. 91, p. 485-507, maio/ago. 2005 Disponível em <<http://www.cedes.unicamp.br>> Acesso em: 21/01/2015.

MOREIRA, Ubirajara A. Adélia Prado: Uma poética da casa. Ponta Grossa: **UNILETRAS**, dez. 2000. Disponível em: <[www.revistas2.uepg.br/index.php/uniletras/article/download/200/198](http://www.revistas2.uepg.br/index.php/uniletras/article/download/200/198)>. Acesso em: 10 out. 2014.

MOURA, Carolina Lopes; ANDRADE, Laise de Holanda Cavalcanti. Etnobotânica em quintais Urbanos nordestinos: um estudo no bairro da Muribeca, Jaboatão dos Guararapes – PE. **Revista Brasileira de Biociências**, Porto Alegre, v. 5, supl. 1, p. 219-221, jul. 2007. Disponível em: <[www.ufrgs.br/seerbio/ojs/index.php/rbb/article/download/213/207](http://www.ufrgs.br/seerbio/ojs/index.php/rbb/article/download/213/207)>. Acesso em: 10 abr. 2014.

MOLENAAR, P.C.M. A manifesto on psychology as idiographic science: Bringing the person back into scientific psychology, this time forever. **Measurement: Interdisciplinary research and perspectives**, n. 2, p. 201-218, 2009. Disponível em: <[http://quantdev.ssri.psu.edu/wp-content/uploads/2013/09/molenaar\\_2004.pdf](http://quantdev.ssri.psu.edu/wp-content/uploads/2013/09/molenaar_2004.pdf)> Acesso em: 14 dez.2015.

MOLENAAR, P. C. M., & VALSINER, J. How generalization works through the single case: A simple idiographic process analysis of an individual psychotherapy case. **International Journal of Idiographic Science**, n. 1, p.1-13, 2005. Disponível em: <[http://quantdev.ssri.psu.edu/wp-content/uploads/2013/09/molenaar\\_2004.pdf](http://quantdev.ssri.psu.edu/wp-content/uploads/2013/09/molenaar_2004.pdf)> Acesso em: 14 dez.2015.

MOURA, Terciana Vidal. Memória de Plataforma: o resgate de histórias de bairro, como mecanismo de inclusão, identidade e participação social. In: MENEZES, Jaci

Maria Ferraz de (Org.). **Educação na Bahia – Coletânea de textos**. Projeto memória da educação na Bahia. Salvador: EDUNEB, 2001.

NASCIMENTO, Célia Regina Rangel. & TRINDADE, Zeidi Araujo. Criando meninos e meninas: investigação com famílias de um bairro de classe popular. **Arquivos Brasileiros de Psicologia**, Rio de Janeiro, v. 62, n. 2, p. 187-200, 2010. Disponível em: <<http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=229016553017>>. Acesso em: 10 jan. 2015.

NASCIMENTO, Milton. Ponta de Areia. NASCIMENTO, Milton e BRANT, Fernando. Álbum: Minas, 1975. Disponível em: <<http://www.vagalume.com.br/milton-nascimento>>. Acesso em: 20 out. 2014.

\_\_\_\_\_. Fazenda. GERAES, 1976. Disponível em <<http://www.vagalume.com.br/milton-nascimento>>. Acesso em: 20 out. 2014.

\_\_\_\_\_. Janela para o mundo. NASCIMENTO, Milton, 1997. Disponível em <<http://www.vagalume.com.br/milton-nascimento>>. Acesso em: 20 out. 2014.

OLIVEIRA, Adriana L. de. Família e irmão. In: CERVENY, Ceneide Maria de Oliveira. **Família e comunicação, divórcio, mudança, residência, deficiência**. Casa do Psicólogo, São Paulo, 2006.

PASA, Maria C.; SOARES, João J. & GUARIM-NETO, Germano. Estudo etnobotânico na comunidade de Conceição-Açu (alto da bacia do rio Aricá Açu, MT, Brasil). *Acta Botanica Brasilica*, Belo Horizonte, p. 195-207, 1993. Disponível em: <<http://www.scielo.br/scielo/pdf>>. Acesso em: 20 jun. 2014.

PEREIRA, Gilberto Corso. Organização social do território e formas de provisão de moradia. In: CARVALHO, Inaia Maria M. de. & PEREIRA, Gilberto Corso. (orgs) **Salvador: transformações na ordem urbana: metrópoles: território, coesão social e governança democrática**. 1. ed. Rio de Janeiro: Letra Capital, 2014. cap. 5, p. 141-173.

PETRINI, João C. A relação nupcial no contexto das mudanças familiares. In: JACQUET, Christine & COSTA, Livia F. (orgs.) **Família em mudança**. São Paulo: Companhia Ilimitada, 2004.



PETRINI, João. **Pós-modernidade e família**: um itinerário de compreensão. Bauru: EDUSC, 2003.

PINHEIRO, José Queiroz. O lugar e o papel da psicologia ambiental no estudo das questões humano-ambientais, segundo grupos de pesquisa brasileiros. **Revista Psicologia USP**, São Paulo, v. 16, p. 103-111, 2005. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-65642005000100011](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-65642005000100011)>. Acesso em: 10 dez. 2014.

PINTO, Ilza Castro. **Agrobiodiversidade de quintais agroflorestais urbanos e perfil social de etnias indígenas em São Gabriel da Cachoeira, Amazonas**. Lavras, MG, 2013. Tese de Doutorado. Universidade Federal de Lavras. 2013. Disponível em: <[http://repositorio.ufla.br/bitstream/1/635/1/TESE\\_%2020Agrobiodiversidade%20de%20quintais%20agroflorestais....pdf](http://repositorio.ufla.br/bitstream/1/635/1/TESE_%2020Agrobiodiversidade%20de%20quintais%20agroflorestais....pdf)> Acesso em: 20dez.2014.

POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. Tradução Dora Rocha Flaksman. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, p. 3-15, 1989. Disponível em: <[http://www.uel.br/cch/cdph/arqtxt/Memoria\\_esquecimento\\_silencio.pdf](http://www.uel.br/cch/cdph/arqtxt/Memoria_esquecimento_silencio.pdf)>. Acesso em: 25 set. 2015.

RABINOVICH, Elaine P. Por uma Psicologia Ambiental das diferenças. **Revista Psicologia USP**, São Paulo, 16(1/2), pp. 119-127. 2005. Disponível em: <[www.revistas.usp.br/psicousp/article/view/41842/45510](http://www.revistas.usp.br/psicousp/article/view/41842/45510)> Acesso em: 10 dez.2014.

\_\_\_\_\_. Liminaridade e corporeidade: um estudo de relações entre identidade e moradia. In: **Vitrinespelhos transicionais da identidade**: um estudo de moradias e do ornamental em espaços sociais brasileiros. São Paulo, 1997. Instituto de Psicologia/USP.

\_\_\_\_\_. **Vitrinespelhos transicionais da identidade**: Um estudo de moradias e do ornamental em espaços sociais liminares brasileiros. São Paulo, 1996. Tese de Doutorado. Instituto de Psicologia. Universidade de São Paulo. 1996. Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/47/47134/tde-25092013-151906/pt-br.php>>. Acesso em: 20 set. 2014.

RABINOVICH, Elaine P.; MOREIRA, Lucia V. Significados de família para crianças paulistas. **Revista Psicologia em Estudo**, Maringá, v.13, n. 3, p. 447-455, jul/set. 2008. Disponível em <<http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1413-73722008000300005&script.>> Acesso em: 20/05/2014.

REIS, Wanderlene C. F. O quintal e suas múltiplas funções na configuração urbana. In: **VII Seminário Internacional Dinâmica Territorial e Desenvolvimento Socioambiental**, 2015, Salvador, BA. Anais. Salvador: Ucsal, 2015.

RIZZINI, Irene; FONSECA, Claudia. **As meninas e o universo do trabalho doméstico no Brasil**: Aspectos históricos, culturais e tendências atuais. Organização Internacional do Trabalho, abr. 2002. Disponível em: <[http://white.oit.org.pe/ipecc/documentos/final\\_praticas\\_cult\\_brasil.pdf](http://white.oit.org.pe/ipecc/documentos/final_praticas_cult_brasil.pdf)>. Acesso em: 20 set. 2015.

ROSA, Leonilde dos S. et. al. Os quintais agrofloretais em áreas de agricultores familiares no município de Bragança - PA: composição florística, uso de espécies e divisão de trabalho familiar. **Revista Brasileira de Agroecologia**, v. 2, p. 337-341, 2007. Disponível em: <http://www.abaagroecologia.org.br/revistas/index.php/rbagroecologia/article/view/7250/5306>>. Acesso em: 21 nov. 2014.

SANTAELLA, Lucia. **Semiótica Aplicada**. São Paulo: Editora Pioneira Thompson Learning. 2005.

SANTO AGOSTINHO. Confissões XXIX. 2007. Disponível em: <[http://img.cancaonova.com/noticias/pdf/277537\\_SantoAgostinho-Confissoes.pdf](http://img.cancaonova.com/noticias/pdf/277537_SantoAgostinho-Confissoes.pdf)>. Acesso em: 26 out. 2015.

SCHULTZ, Duane P. & SCHULTZ, Sydney Ellen. **História da Psicologia Moderna**. Tradução Suely Sonoe Murai Cuccio. 8ª ed São Paulo: Pioneira Thompson Learning, 2005.

SEMEDO, Rui Jorge Conceição G.; BARBOSA, Reinaldo Imbrósio. Árvores frutíferas nos quintais urbanos de Boa Vista, Roraima, Amazônia brasileira. **Acta Botânica Brasilica**, Belo Horizonte, v. 37, n. 4, p. 497-504. 2007. Disponível em <<http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0044-59672007000400003&script.>>. Acesso em: 05 out. 2013.

SERPA, Ângelo (org). **Fala Periferia!** Uma reflexão sobre a produção do espaço periférico metropolitano. Salvador: EDUFBA, 2001

SILVA, Luís Octávio da. Os quintais e a morada brasileira. **Cadernos de Arquitetura e Urbanismo**, Belo Horizonte, v. 11, n. 12, p. 61-78, dez. 2004.

Disponível em: <<http://periodicos.pucminas.br/index.php/Arquiteturaeurbanismo/article/viewFile/852/818>>. Acesso em: 20 jul. 2014.

Arquiteturaeurbanismo/article/viewFile/852/818>. Acesso em: 20 jul. 2014.

SIVIERO, et. al. Plantas medicinais em quintais urbanos de Rio Branco, Acre.

**Revista Brasileira de Pesquisa e Agropecuária Med.**, Botucatu, v.14, n.4, p.598-

610, 2012. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1516-05722012000400005](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-05722012000400005)>. Acesso em: 21 jul. 2014.

SOARES, Antonio Mateus de C. Territorialização e pobreza em Salvador – BA.

**Estudos Geográficos**, Rio Claro, p.17-30, dez. 2006. Disponível em:

<[www.rc.unesp.br/igce/grad/geografia/revista.htm](http://www.rc.unesp.br/igce/grad/geografia/revista.htm)>. Acesso em: 25 out. 2014.

TASSARA, Eda Terezinha de Oliveira. & RABINOVICH, Elaine P. Perspectivas da Psicologia Ambiental. **Revista Estudos de Psicologia**, São Paulo, nº 8, p.339-340,

2003. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1413-94X2003000200018&script=sci\\_arttext](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1413-94X2003000200018&script=sci_arttext)> Acesso em: 21 nov. 2014.

94X2003000200018&script=sci\_arttext> Acesso em: 21 nov. 2014.

TUAN, YI FU. **Espaço e lugar: a perspectiva da experiência**. Tradução Livia de Oliveira. São Paulo: DIFEL, 1983.

\_\_\_\_\_. **Topofilia: Um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente**. São Paulo: DIFEL, 1980.

VALSINER, Jaan. **An Invitation to Cultural Psychology**. London: Sage, 2013.

\_\_\_\_\_. **Fundamentos da Psicologia Cultural: Mundos da mente, mundos da vida**. Trad. Ana Cecília de S. Bastos. Porto Alegre: Artmed, 2012.

\_\_\_\_\_. **Cultural psychology today: Innovations and Oversights**. Clark University, USA. Sage, 2009.

\_\_\_\_\_. **Culture in Minds and Societies**. Comparative study of human cultural development. New Delhi: Sage. 2007.

\_\_\_\_\_. I crate you to control me: A glimpse into basic process of semiotic mediation. **Human Development**, Worcester, v. 42, n. 1, p. 26-30, jan./feb. 1999.

VAN-HOLTHE, Jan M. Quintais urbanos de Salvador: realidades, usos e vivências no século XIX. **Cadernos PPG-AU/UFBA**, Salvador, v. 2 n. 1, 2003. Disponível em <<http://www.portalseer.ufba.br/index.php/ppgau/article/view/1403>>. Acesso em 10 abr. 2014.

VIGOTSKI, Lev S. **A formação social da mente**: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores. Tradução José Cipolla Neto; Luis Silveira Menna Barreto e Solange Castro Afeche. 6ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

WAGNER, Adriana. et. al. Compartilhar Tarefas? Papéis e Funções de Pai e Mãe na Família Contemporânea. Brasília. **Revista Psicologia: Teoria e Pesquisa**, v. 21 n. 2, p. 181-186, mai-ago, 2005. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ptp/v21n2/a08v21n2.pdf/>>. Acesso em: 02 ago.2014.

WERLANG, Blanca Guevara. Avaliação inter e transgeracional da família. In: CUNHA, Jurema A. & col. (orgs.). **Psicodiagnóstico V**. 5ª ed. Porto Alegre: Artmed, 2000. (p. 141-150).

WIESENFELD, Esther. A Psicologia ambiental e as diversas realidades humanas. São Paulo. **Revista Psicologia USP**, São Paulo, v. 16, p. 53-69, 2005. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-65642005000100008&script=sci\\_arttext](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-65642005000100008&script=sci_arttext)> Acesso em: 25 nov. 2014.

ZITTOUN, Tania. Life-course: A social-cultural perspective. In: VALSINER, J. **Tools for living**: Transcending social limitations. The Handbook of Culture and Psychology. Oxford. 2012. chap. 23.

## APÊNDICES

### APÊNDICE A – TERMO DE CONSETIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

O(a) senhor (a) está sendo convidado (a) a participar, como voluntário(a), de uma pesquisa intitulada “**MEMÓRIAS DE QUINTAIS URBANOS: da infância à vivência contemporânea**”, realizada pela Mestranda Wanderlene Cardozo Ferreira Reis sob a orientação da Professora Dr<sup>a</sup> Ana Cecília Bastos, professora do Programa de Pós-graduação em Família na Sociedade Contemporânea, da Universidade Católica do Salvador.

Esta pesquisa tem por objetivo entender os modos como as famílias moradoras do Subúrbio Ferroviário de Salvador atribuem significados aos quintais das suas casas, buscando analisar as mudanças ao longo do tempo, enfocando-se nos modos de usar e habitar os quintais nas residências de famílias na área urbana de Salvador visando perceber os componentes ligados à temporalidade, religiosidade e etnicidade, nas memórias dos quintais da infância identificando os signos e práticas que regulam a manutenção dos quintais urbanos. Para coleta de dados/informações será realizado um encontro semanal durante três meses. Nestes encontros serão realizadas observações no espaço do quintal, uma entrevista sociodemográfica, duas entrevistas narrativas, fotografias e uma filmagem amadora. O roteiro compreenderá perguntas dentro do contexto do tema da pesquisa com duração variável a depender das suas possibilidades.

Esta **atividade não** é obrigatória, e a qualquer momento, o (a) senhor (a) poderá desistir de participar e retirar seu consentimento, sem que haja qualquer prejuízo ao senhor (a). Caso concorde, o (a) senhor (a) receberá uma cópia deste documento.

Ao decidir participar deste estudo, esclareço que:

- Caso não se sinta à vontade com alguma questão da entrevista, o(a) senhor (a) poderá deixar de respondê-la, sem que isso implique em qualquer prejuízo;
- As informações fornecidas somente serão usadas para trabalhos científicos e sua identificação será mantida sob sigilo, isto é, não será divulgado seu nome, assegurando-lhe completo anonimato;
- As entrevistas terão duração de uma hora e serão gravadas para possibilitar o registro de todas as informações dadas, as quais serão posteriormente transcritas, assegurando-lhe, no entanto, que as informações só serão utilizadas para este estudo;
- As observações terão duração de uma hora e meia e será necessário que as atividades rotineiras no quintal não sejam interrompidas;
- Serão necessárias tiragens de algumas fotografias no espaço pesquisado e uma filmagem amadora no final da pesquisa;
- Sua participação não implica nenhum custo financeiro;
- O estudo apresenta alguns benefícios sociais, tais como a ampliação da discussão acerca do uso e desusos dos espaços privados que sejam na sua manutenção ou na compreensão da morada brasileira e a trajetória de vida de seus moradores;

- Não haverá a preferência, nenhum desconforto com as observações e entrevistas narrativas apresentadas, porém caso isto aconteça, a pesquisadora, sendo Psicóloga registrada no Conselho de Psicologia, sob o número 03/9934, poderá dar todo o suporte psicológico e encaminhamentos necessários, caso venha acontecer qualquer desconforto.

Em caso de dúvidas ou necessidade de falar com a pesquisadora, poderá entrar em contato pelos telefones (71) 8784-8663 (OI) ou 9167-3998 (Tim), podendo realizar ligações à cobrar, acrescentando os números 9090 antes dos números discados. Ou pelo endereço: Wanderlene Cardozo Ferreira Reis – Universidade Católica de Salvador, Rua Cardeal da Silva, nº 205- Federação- Salvador/Bahia, CEP 40.231-902.

**Considerando as observações acima, Eu, \_\_\_\_\_**  
\_\_\_\_\_, aceito, voluntariamente, participar do Estudo ora apresentado, estando ciente que em qualquer momento poderei desistir de participar da pesquisa, sem que me cause qualquer constrangimento ou problemas.

Local e data \_\_\_\_\_

Assinatura do participante \_\_\_\_\_

Assinatura da pesquisadora \_\_\_\_\_

## APÊNDICE B - TERMO DE ASSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Você está sendo convidado (a) a participar, como voluntário(a), de uma pesquisa intitulada: **“Quintais urbanos: da memória da infância à vivência contemporânea”**, coordenada pela Mestranda Wanderlene Cardozo Ferreira Reis sob a orientação da Professora Doutora Ana Cecília Bastos, professora do Programa de Pós-graduação em Família na Sociedade Contemporânea, da Universidade Católica do Salvador.

Esta pesquisa tem por objetivo entender os modos como as famílias, moradoras dos bairros do Subúrbio Ferroviário de Salvador, atribuem significados aos quintais das suas casas, buscando analisar as mudanças ao longo do tempo, enfocando-se nos modos de usar e habitar os quintais nas residências de famílias na área urbana de Salvador visando perceber os componentes ligados à temporalidade, religiosidade e etnicidade, nas memórias dos quintais da infância identificando os signos e práticas que regulam a manutenção dos quintais urbanos. Para coleta de dados/informações será realizado um encontro semanal durante três meses. Nestes encontros serão realizadas observações no espaço do quintal, duas entrevistas narrativas e fotografias. O roteiro compreenderá perguntas dentro do contexto do tema da pesquisa com duração variável a depender das suas possibilidades.

Esta atividade não é obrigatória, e a qualquer momento, você poderá desistir de participar e retirar seu consentimento, sem que haja qualquer prejuízo a você. Caso concorde, você e seu responsável legal receberão uma cópia deste documento.

Ao decidir participar deste estudo, esclareço que:

- Caso não se sinta à vontade com alguma questão da entrevista, você poderá deixar de respondê-la, sem que isso implique em qualquer prejuízo;
- As informações fornecidas somente serão usadas para trabalhos científicos e sua identificação será mantida sob sigilo, isto é, não será divulgado seu nome, assegurando-lhe completo anonimato;
- A entrevista será gravada para possibilitar o registro de todas as informações dadas, as quais serão posteriormente transcritas, assegurando-lhe no entanto, que as informações só serão utilizadas para este estudo;
- Serão necessárias tiragens de algumas fotografias no espaço pesquisado;
- É necessário que as atividades rotineiras no quintal não sejam interrompidas;
- Sua participação não implica nenhum custo financeiro;
- O estudo apresenta alguns benefícios sociais, tais como a ampliação da discussão acerca do uso e desusos dos espaços privados que sejam na sua manutenção ou na compreensão da morada brasileira e a trajetória de vida de seus moradores;

- Não haverá a priori, nenhum desconforto com as observações e entrevistas narrativas apresentadas, porém caso isto aconteça, a pesquisadora, sendo Psicóloga registrada no Conselho de Psicologia, poderá dar todo o suporte psicológico e encaminhamentos necessários, caso venha acontecer qualquer desconforto.

Em caso de dúvidas ou necessidade de falar com a pesquisadora, poderá entrar em contato pelos telefones (71) 8784-8663 (OI) ou 9167-3998 (Tim), podendo realizar ligações à cobrar, acrescentando os números 9090 antes dos números discados. Ou pelo endereço: Wanderlene Cardozo Ferreira Reis – Universidade Católica do Salvador, Rua Cardeal da Silva, nº 205- Federação- Salvador/Bahia, CEP 40.231-902.

Considerando as observações acima, Eu, \_\_\_\_\_, aceito, voluntariamente, participar do Estudo ora apresentado, estando ciente que em qualquer momento poderei desistir de participar da pesquisa, sem que me cause qualquer constrangimento ou problemas.

Local e data \_\_\_\_\_

Assinatura do participante \_\_\_\_\_

Assinatura do Responsável Legal \_\_\_\_\_

Assinatura da pesquisadora \_\_\_\_\_



APÊNDICE C - ROTEIRO DE ENTREVISTAS 1 - QUESTIONÁRIO  
SOCIODEMOGRÁFICO COM A MÃE E O PAI

- 1.Nome: \_\_\_\_\_ Sexo \_\_\_\_\_
- 2.Endereço: \_\_\_\_\_
- 3.Idade: \_\_\_\_\_ Data de nascimento \_\_\_\_\_
- 4.Local de nascimento \_\_\_\_\_
- 5.Profissão \_\_\_\_\_
- 6.Tempo de profissão \_\_\_\_\_
- 7.Escolaridade \_\_\_\_\_
- 8Informe o Nível salarial: ( ) menos de 1 salário mínimo ( ) 1 a 3 salários mínimos  
( ) 4 a 6 salários mínimos ( ) Mais de 7 salários mínimos  
( ) Sou beneficiária (qual tipo de benefício? \_\_\_\_\_)
- 9.Já se mudou de residência? \_\_\_\_\_ Quantas vezes? \_\_\_\_\_ Quais os motivos? \_\_\_\_\_
- 10.O imóvel atual é próprio? \_\_\_\_\_
- 11.Quantas pessoas residem com você? \_\_\_\_\_ quem são? (grau de parentesco) \_\_\_\_\_
- 12.Quem mais visita sua residência? \_\_\_\_\_ Com que frequência? \_\_\_\_\_
- 13.Quais os nomes dos seus pais? \_\_\_\_\_
- 14.Onde eles moram (ou moravam)? \_\_\_\_\_
- 15.Eles tem ou tinham quintal? \_\_\_\_\_
- 16.Vocês costumam ou costumavam se visitarem? Com que regularidade isto acontece ou acontecia?
- 17.Você tem irmãos e irmãs? \_\_\_\_\_ quantos? \_\_\_\_\_ Como é a relação entre vocês? \_\_\_\_\_
- 18.Tem relação com outros parentes? \_\_\_\_\_ quais? \_\_\_\_\_ Como é a relação entre vocês? \_\_\_\_\_
- 19.Eles têm quintais? \_\_\_\_\_
- 20.Conte como é a vida de sua família aqui em Salvador? E no bairro?
- 21.Seu bairro lembra, de alguma forma, a vida no interior?
- 22.Você tem filhos? Quantos? Qual a idade de cada um?
- 23.Seus filhos estão na escola? Onde estudam? Quais séries?

APÊNDICE D - ROTEIRO DE ENTREVISTAS 2 - QUESTIONÁRIO  
SOCIODEMOGRÁFICO COM O FILHO ADOLESCENTE

- 1.Nome: \_\_\_\_\_ Sexo \_\_\_\_\_
- 2.Idade: \_\_\_\_\_ Data de nascimento \_\_\_\_\_
- 3.Local de nascimento \_\_\_\_\_
- 4.Já se mudou de residência? \_\_\_\_\_ Quantas vezes? \_\_\_\_\_ Quais os motivos? \_\_\_\_\_
- 5..O imóvel atual é próprio? \_\_\_\_\_
- 6..Quantas pessoas residem com você? \_\_\_\_\_ quem são? (grau de parentesco) \_\_\_\_\_
- 7..Quem mais visita sua residência? \_\_\_\_\_ Com que frequência? \_\_\_\_\_
- 8..Quais os nomes dos seus pais? \_\_\_\_\_
9. .Você tem irmãos e irmãs? \_\_\_\_\_ quantos? \_\_\_\_\_ Como é a relação entre vocês? \_\_\_\_\_
- 10.Tem relação com outros parentes? \_\_\_\_\_ quais? \_\_\_\_\_ Como é a relação entre vocês? \_\_\_\_\_
11. Seu grau de escolaridade? \_\_\_\_\_
12. Conte como é a vida de sua família aqui em Salvador? E no bairro?
- 13.Seu bairro lembra, de alguma forma, a vida no interior?
- 14.Você tem filhos? Quantos? Qual a idade de cada um?
15. Você gostaria de desenhar para mim o seu quintal? (caso concorde entregar uma folha de papel A4, lápis preto e colorido.)

APÊNDICE E - ROTEIRO DE ENTREVISTAS 3 - QUESTIONÁRIO  
SOCIODEMOGRÁFICO COM O FILHO (CRIANÇA)

1. Nome: \_\_\_\_\_ Sexo \_\_\_\_\_
2. Idade: \_\_\_\_\_ Data de nascimento \_\_\_\_\_
3. Já se mudou de residência? \_\_\_\_\_ Quantas vezes? \_\_\_\_\_ Quais os motivos? \_\_\_\_\_
4. Você lembra onde moravam antes? \_\_\_\_\_
5. Quantas pessoas moram com você? \_\_\_\_\_ quem são? (grau de parentesco) \_\_\_\_\_
7. Quem mais visita sua residência? \_\_\_\_\_ Com que frequência? \_\_\_\_\_
8. Quais os nomes dos seus pais? \_\_\_\_\_
9. Você tem irmãos e irmãs? \_\_\_\_\_ quantos? \_\_\_\_\_ Como é a relação entre vocês?
10. Tem relação com outros parentes? (avô, avó, tios, tias, primos etc) \_\_\_\_\_ quais? \_\_\_\_\_ Como é a relação entre vocês? \_\_\_\_\_
11. Você vai à escola? \_\_\_\_\_ Qual o nome da sua escola? \_\_\_\_\_ Onde fica? \_\_\_\_\_
12. Conte como é a vida de sua família aqui em Salvador? E no bairro?
13. Você já viajou para o interior? \_\_\_\_\_ Onde você foi? \_\_\_\_\_ Com quem você foi? \_\_\_\_\_
14. Seu bairro lembra, de alguma forma, a vida no interior? \_\_\_\_\_ Por quê? \_\_\_\_\_
15. Você gostaria de desenhar para mim o seu quintal? (caso concorde entregar uma folha de papel A4, lápis de cores, lápis preto e borracha)

## APÊNDICE F - ROTEIRO TEMÁTICO DA ENTREVISTA NARRATIVA

Data da Entrevista: \_\_\_/\_\_\_/\_\_\_

Codificação da família \_\_\_\_

Dados de Identificação

Entrevistado (a) \_\_\_\_\_

Idade:            Naturalidade:            Sexo:            Cor:

Religião:                                  Estado civil:                                  Profissão:

Escolaridade:

**Proposição geral:**

A entrevista será iniciada com a seguinte proposição: “Conte-me sobre a sua história em quintais”. Ao longo da narrativa alguns questionamentos poderão ser realizados, a fim de esclarecer ou de abarcar os pontos do roteiro temático descrito a seguir:

## 2. Roteiro temático

| TEMA  | POSSÍVEIS QUESTÕES  |
|---|---|
| <p><b>•O quintal da infância</b></p> <p><b>•O quintal da atualidade</b></p> <p><b>•Perspectivas futuras</b></p> | <p><b>•Fale-me do seu quintal:</b></p> <p>-Que menino(a) você foi na infância?</p> <p>-O que inventava no quintal?</p> <p>- Quem eram os familiares que cuidavam do quintal?</p> <p>- O que sentia quando estava neste lugar?</p> <p>-Quem eram as outras pessoas que compartilhavam com você desses momentos?</p> <p>-Quais eram as brincadeiras que você realizava? Quais mais gostava? Por quê?</p> <p>- Aconteceram algumas coisas ruins no quintal? Fale-me sobre isso.</p> <p>-Como é o seu quintal hoje?</p> <p>- O que você faz no quintal?</p> <p>-Como você cuida deste lugar?</p> <p>-Aconteceram algumas coisas ruins no quintal?</p> |

|   |   |
|---|---|
|   | <p>Fale-me sobre isso.</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- O que os seus parentes falam sobre o seu quintal?</li> <li>-O que os seus vizinhos falam do seu quintal?</li> <li>-Quem você permite que entre no seu quintal?</li> <li>-Quem você não permite?</li> <br/> <li>-Como você pensa o seu quintal no futuro?</li> <li>-O que gostaria que tivesse?</li> <li>-O que gostaria que não tivesse?</li> <li>-Quem você gostaria que te ajudasse a cuidar desse lugar?</li> <li>-Você pretende sair um dia desse lugar?</li> </ul> |
| <ul style="list-style-type: none"> <li>• <b>Objetos do quintal</b></li> </ul> | <ul style="list-style-type: none"> <li>- Como é seu quintal?</li> <li>- O que tem?</li> <li>- O que está faltando?</li> <li>-O que gostaria que tivesse?</li> <li>-Quais objetos (coisas) você considera pertencer ao quintal?</li> </ul>   |
| <ul style="list-style-type: none"> <li>• <b>Funções</b></li> </ul>            | <p>Mudou alguma coisa em relação ao que fazia no passado?</p>   |
| <ul style="list-style-type: none"> <li>• <b>A casa</b></li> </ul>             | <p>Fale-me da sua casa. (Cômodos, lugares especiais, sentimentos sobre os espaços, objetos preferidos)</p>  |
| <ul style="list-style-type: none"> <li>• <b>A rua</b></li> </ul>              | <p>Como é a rua que você mora?</p> <p>Como você gostaria que fosse?</p> <p>O que você pensa sobre seus vizinhos?</p>  |

## APÊNDICE G - ROTEIRO PARA O PROCESSO DE ANÁLISE

### 1. Tempo

- Importância do quintal:

Passado-

Presente-

Futuro-

### 2. Ciclo de desenvolvimento

- Caracterização do quintal na:

Infância

Adolescência-

Aduldez

Velhice

### 3. Espaço

- Objetos do quintal
- A casa
- A rua

### 4. Funções

- Afazeres domésticos
- Cuidados com crianças
- Cuidados com plantações
- Brincadeiras
- Comemorações Familiares